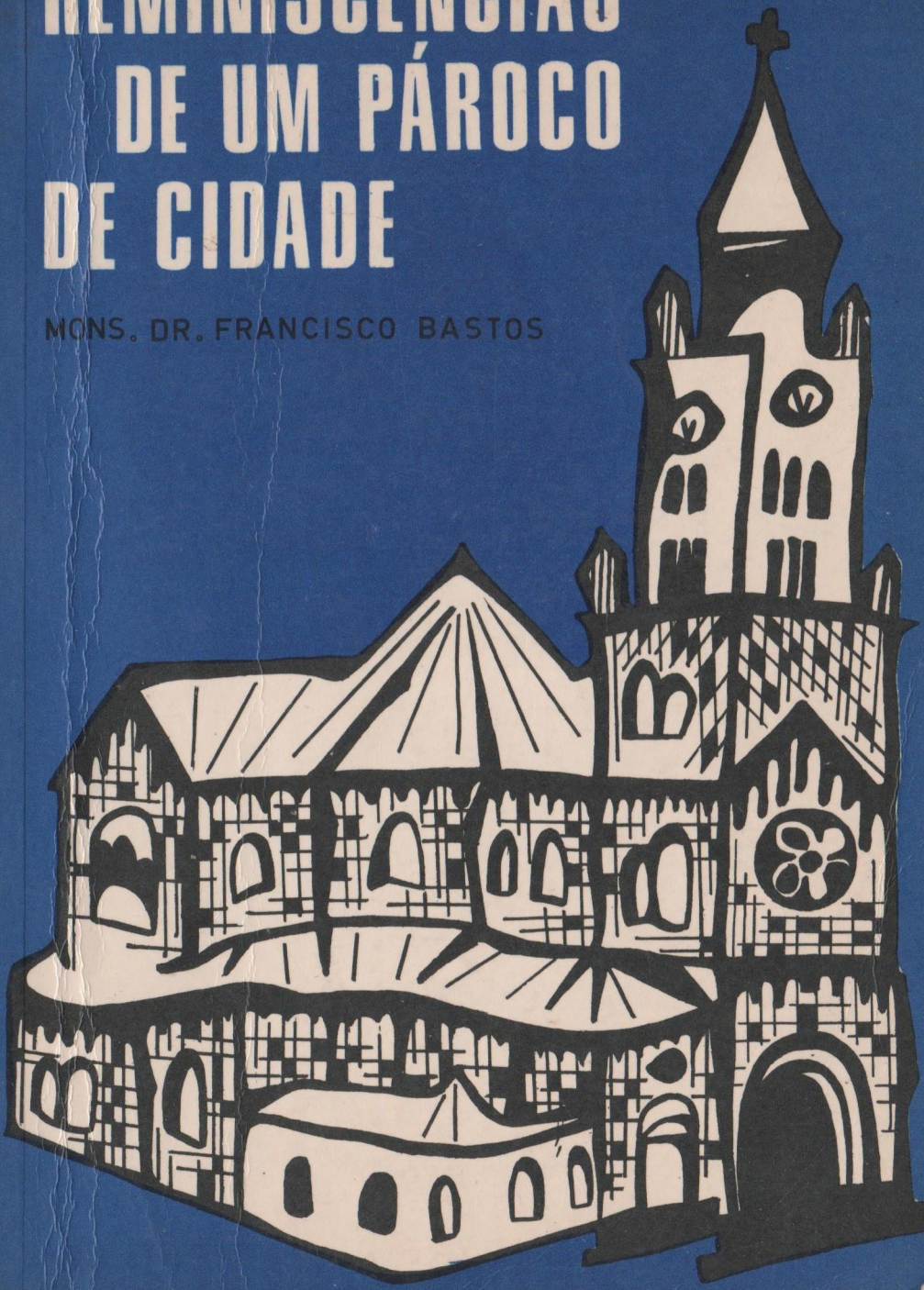
REMINISCÊNCIAS DE UM PÁROCO DE CIDADE

MONS. DR. FRANCISCO BASTOS



Este livro foi escaneado e reformatado por Bruno Bonavigo, usando o NAPS2, GIMP e o Google Docs.

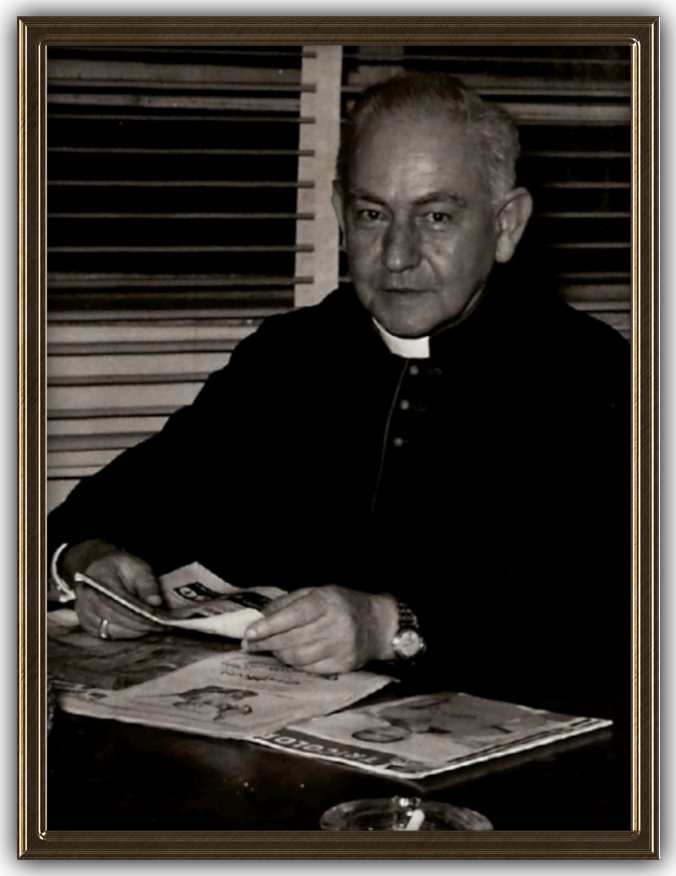
Esta reformatação repete o conteúdo da única edição de 1973, feita pela editora Paulinas. Minhas alterações foram poucas, somente na formatação.

Sinta-se livre para compartilhar, desde que não arranque estes créditos. Peço que rezem uma Ave-Maria por mim e pela alma do monsenhor.

Deus abençoe.

O link da postagem no Archive, para eventuais correções da formatação, é: https://archive.org/details/reminiscencias-de-um-paroco-de-cidade

Caso queira me contatar, meu e-mail é "b.bonavigo@gmail.com" e meu Instagram é "brunobonavigo".



Monsenhor Francisco Bastos

1892 - 1984

Padre, monsenhor prelado doméstico, pároco da Consolação, doutor e 11° refundador do São Paulo Futebol Clube.

MONS. DR. FRANCISCO BASTOS

Reminiscências de um Pároco de cidade

Forsan et haec olim
meminisse juvabit

(Virgílio, Eneida 1, v. 203)

Ao Fabio Bruno, com o bom
querer
do
27/VII/73 Mons. Francisco Bastos

SÃO PAULO — 1973

Com aprovação eclesiástica

A Mons. Luís Gonzaga Miele,
com a minha amizade,
a certeza da promessa divina:
"Merces tua magna nimis"...

Primeira Parte

A Igreja de ontem, granítica em sua estrutura dogmática e moral, rígida em sua disciplina, inseparavelmente unida à sua pedra fundamental, toda voltada para "ea quae sunt Dei", aparece nas páginas deste livro.

Ao folheá-lo o leitor irá admirar o zelo e o carinho com que ela se dedicava à formação do seu clero. Verá desfilar diante de seus olhos as figuras singelas e virtuosas de inesquecíveis Reitores de Seminários, de eruditos professores universitários a se consagrarem inteiramente à ciência que prelecionavam do alto de suas cátedras, circundadas de respeito e de admiração por parte de seus alunos.

Poderá, ao mesmo tempo, avaliar os dois métodos de formação eclesiástica, então, vigentes: um, seguindo o rigor Tridentino em quase todos os Seminários do Brasil; outro, o de responsabilidade consciente, imposto aos alunos do Colégio Pio Latino-Americano de Roma, os quais, por deverem freqüentar as aulas de uma Uni-

versidade, a Gregoriana, viviam a maior parte do tempo fora do Colégio, em contato diário, ora com a gente simples do "Trastevere", ora com Prelados, Cardeais, Nobres e Embaixadores, todos formando a sociedade romana da segunda década deste século.

A liberdade de ação, de que estes gozavam, levava-os a aprimorar a própria responsabilidade até mesmo em episódios, como os aqui narrados, os quais, mais que inocentes folguedos estudantis, denotavam, em alguns deles, a mais indesculpável imprudência.

Nada disso, entretanto, impedia que, durante todo o curso universitário, se empenhassem com seriedade e ardor, não apenas na consecução da Láurea nas Faculdades de Filosofia, Teologia e Direito Canônico, como, sobretudo, em adquirir as virtudes que exornam o caráter sacerdotal, a fim de, ao regressarem para suas respectivas Pátrias, exercessem com dignidade e vivência espiritual o ministério, como de fato o fizeram, chegando muitos a galgar os mais altos postos da hierarquia, tais como o Cardeal Dom Leme, no Brasil, o Cardeal Dom Miranda e o Cardeal Dom Garibe, no México, o Cardeal Silva Henriques, no Chile, o Cardeal Dom Caggiano, na Argentina.

Em toda a América espanhola constituiu praxe confiar aos ex-alunos do Pio Latino, formados pela Gregoriana, o magistério nos Seminários e Universidades e, principalmente, o preenchimento das vagas abertas no episcopado.

Realizava-se, destarte, a profecia de Bucceroni, quando, em sua prestigiosa cátedra de Moral, ao abordar determinados pontos, chamava a atenção de seus alunos, exclamando: "Audiant futuri episcopi..."

MINHA TERRA, MINHA GENTE

Nos últimos anos do século passado, Piracicaba já ostentava o gracioso título de Noiva da Colina, que merecidamente lhe conferiam os encantos da natureza que a rodeava.

O seu casario branco a subir encosta acima, o leito das ruas feito de pedregulho de alvura sem mancha, o rendilhado das águas do rio Piracicaba a cobrirem de espumas alvinitentes as pedras do Salto antes de se despenharem no abismo, qual branco véu, faziam-na semelhar a uma linda noiva ataviada para sua festa nupcial.

Quem a contemplasse de longe, à noite, fartamente iluminada à luz elétrica — a primeira entre todas as cidades paulistas a gozar desse privilégio — teria a impressão de estar vendo uma longa cauda marchetada de gemas reluzentes, a lhe imprimir, ao porte, graça e donaire.

No topo da colina, abria-se o largo da Matriz com árvores altas e frondosas no centro e, entre gramados e canteiros de flores, um lago com a clássica fonte, no qual um par de cisne, leve e airoso, deslizava de um lado para o outro.

A velha igreja, que presidira ao nascimento do povoado, quando os bandeirantes por lá passaram, tinha Santo Antônio por Padroeiro. Edificada no estilo barroco de todas as igrejas da época, possuía duas naves laterais com sobrepostas tribunas, ocupadas estas nas solenidades litúrgicas pelas pessoas gradas de então.

Umas vinte famílias, se tanto, que se entrelaçavam

umas com outras — quase todas dedicadas à lavoura de café — formavam o ambiente social e político da terra. Dessas famílias, contudo, saíram figuras de inigualável prestígio que, no cenário político e financeiro do país, exerceram decisiva influência, haja vista a de Prudente de Moraes Barros.

E quantas vocações religiosas!... No bicentenário de Piracicaba, a Missa jubilar foi concelebrada por 60 sacerdotes e assistida por umas cem religiosas, elas e eles, filhos dessa terra marcadamente cristã!

Provinha eu, pelo lado materno, de uma dessas famílias — a Amaral Rocha. Era meu pai um português minhoto, nascido na quinta paterna, em Vila Verde, nas proximidades de Braga.

Viera para o Brasil com a idade de 12 anos, trazido por um tio, próspero comerciante, estabelecido em São Paulo-Capital e cuja residência — uma chácara — ocupava quase todo o vale do Paraíso. Naquele solar, meu pai crescera e se educara.

Com a idade de 22 anos, desejando seguir o mesmo ramo de negócios de seu tio, transferiu-se para Piracicaba, onde, com a experiência e ajuda financeira do tio, se estabeleceu com a mais bem montada loja da cidade: "O Bom Marché".

Era aí que se vestia a sociedade elegante piracicabana com fazendas e roupas importadas de Paris. E foi aí, também, que meus pais se conheceram.

Havia minha mãe terminado seus estudos no Colégio do Patrocínio em Itu, onde permanecera quatro anos, como aluna interna.

Estatura mais para alta que para média, esbelta, fina de corpo, nariz da estatuária grega, olhos castanho-claros amendoados, tez branca como o leite, cabelos pretos, enrolados e presos atrás, com franjas descendo sobre a fronte larga, Ana Rosalina do Amaral Rocha, nos seus 18 anos, era uma flor de graça e formosura.

Vê-la e amá-la, para meu pai, foi obra de um momento, como diria o Pe. Manuel Bernardes.

Nos seus 24 anos, tinha ele a cabeça bem conformada, coberta de abundantes cabelos de um castanho tocado a louro, olhos de um azul-claro, rosto semi-ovalado, lábios superiores com fartos bigodes retorcidos nas pontas.

Não obstante a pouca idade, já possuía uma sólida situação econômica que, unida a seu trato afável e maneiras gentis, fazia dele um partido cobiçável para todas as moças casadouras da cidade.

Não contava, todavia, com a aprovação de seus futuros sogros. Para estes, o escolhido era o então estudante de direito, Francisco Morato, que, mais tarde, saberia impor-se à admiração e respeito de todos os paulistas, quer como professor catedrático da Academia de Direito de São Francisco, quer por sua notável projeção nos mais agudos acontecimentos políticos e sociais de nosso Estado.

Era arraigado costume, naqueles velhos tempos, tocar aos pais escolher o noivo para suas filhas. Não havia, pois, como hesitar entre um jovem pertencente à mesma sociedade e, ademais, parente, e um adventício — "um português pés de chumbo, calcanhar de frigideira, que não tem licença para casar com uma brasileira" — como, constantemente repetiam para a filha.

Por todos os meios ao alcance deles, trataram de evitar que a presença insinuante do moço português pudesse avivar ainda mais a afeição da filha pelo estrangeiro.

Com esse escopo, levaram-na para uma fazenda, que possuíam, lá pelas bandas do Rio das Pedras, a fim de aí permanecer por seis longos meses, sem poder retornar a Piracicaba.

As arrastadas horas de solidão, na propriedade agrícola, onde os dias são enfadonhamente os mesmos, com a casa grande sem nenhum entretenimento, foram,

aos poucos, acumulando angústias no coração da filha, com perigosos reflexos sobre a saúde física. O fantasma da moléstia que, então, a todos apavorava — a tísica, como a chamavam — encheu de apreensões a alma carinhosa da mãe.

— Nossa filha está minguando a olhos vistos. Não come, não faz outra coisa senão chorar. Com a constituição franzina que tem, não tardará a contrair aquela horrível doença para a qual não há cura. Perderemos a filha por causa de sua insensata intransigência.

— Insensata?! disse você.

— Sim, porque o único defeito que você encontra nesse moço é o de não ter nascido em Piracicaba, o de ser português. Porventura esse mesmo sangue não corre em nossas veias? Não foram portugueses os nossos antepassados?

Semanas mais tarde, por entre a alameda, formada de ramalhudas mangueiras, que, de perto da casa grande, seguiam, uma a uma, de um lado e de outro até junto à porteira da fazenda, o pai, do alto do alpendre, divisa um cavaleiro, que tinha dificuldade em abrir a cancela sem se desmontar. Era o moço português, que, a convite dele, vinha à fazenda.

Dominando a contrariedade que o assaltara, chama, em voz alta pela filha.

— Ana Rosalina, venha depressa para cá.

Disfarçando as lágrimas, aproxima-se do pai, que lhe toma as mãos e diz, apontando para o cavaleiro, que lograra por fim desvencilhar-se da porteira e vinha trotando em direção da casa grande:

— Veja só quem vem lá!...

Não podia acreditar no que seus olhos viam... Ter-se-ia o pai rendido à eloqüência de suas lágrimas e aos reiterados apelos de sua mãe?... A realidade, contudo, ali presente, não lhe permitia mais dúvida alguma. A fortaleza içava a bandeira branca e se dispunha a negociar a paz, isto é, a consentir o casamento.

Sempre de mãos dadas com as da filha, aproxima-se das escadarias que de ambos os lados do alpendre, desciam, fechando-se em semicírculo até junto ao terreiro de café. E, encaminhando-se para ir ao encontro do hóspede, que se avizinhava, foi dizendo à filha:

— Guarde essas lágrimas, minha filha, para as derramar quando não mais estiver na casa de seus pais...

O cerimonioso e frio do acolhimento, o moço português soube contorná-lo com respostas hábeis dadas às perguntas contundentes do futuro sogro.

— Que garantias de fazer minha filha feliz o senhor nos dá no caso de vir a se casar com ela?

— Esperava por essa oportunidade a fim de convidar a vir a Piracicaba o meu tio, conhecido negociante na Capital de São Paulo. Ninguém melhor do que ele para lhe falar da minha origem e a dos meus antepassados e, principalmente, sobre meu caráter e pureza de minhas intenções.

— Quero que fique bem claro neste momento: minha filha não leva outro dote a não ser a esmerada educação que lhe proporcionei, fazendo-a freqüentar o Colégio do Patrocínio, em Itu.

— Nunca pensei que ela pudesse ter outro dote a não ser esse. O grande amor que nutro por sua filha dar-me-á forças e talento para lhe garantir, senão o mesmo bem-estar que desfruta em sua casa, pelo menos, o necessário para viver alegre e feliz.

Ao ver o semblante do futuro sogro desanuviar-se e ganhar um ar de simpatia para com ele, percebeu que tinha a vitória nas mãos.

Assim é que, no dia 12 de outubro de 1892, às 20 horas, na igreja-matriz de Santo Antônio, perante o vigário, Pe. Galvão Paes de Barros, e na presença de parentes, amigos e conhecidos de ambos os lados a encherem toda a igreja, Ana Rosalina do Amaral Rocha recebia diante de Deus, por seu legítimo esposo, a Inácio José de Sousa Bastos.

E as lágrimas que deveriam ser guardadas para depois?...

Não sei... Pelo menos, nunca vi minha mãe chorar por se julgar infeliz. O que posso testemunhar é que, até o derradeiro dia de sua existência, foi sempre uma constante enamorada de meu pai...

O DESPONTAR DE UMA VOCAÇÃO

Os doces e descuidados anos da infância, eu os passei na companhia dos avós maternos, ora em Piracicaba, ora na fazenda da Pedra Branca, quando, na época da colheita, lá permanecíamos durante meses e meses.

Após cinco anos de separação de meus pais — dos dois aos sete anos — estes exigiam, cada vez, com maiores apelos, a minha reintegração ao seio da família, que residia em São Paulo. Era, pois, forçoso para meus avós desligarem-se de mim.

Um belo dia, de malas prontas, meu avô tomou o trem para levar-me para São Paulo.

Quando, depois de Jundiaí, o comboio penetrou túnel adentro, ficando tudo repentinamente escuro, invadido o vagão pela fumaça, agarrei-me assustado a meu avô.

— Que aconteceu, vovô?

— É o túnel.

— Túnel?!... Que é isso?

— É um buraco aberto na barriga da montanha para o trem poder passar.

A explicação, ao invés de me tranqüilizar, deixou-me ainda mais amedrontado. Temia que, com o sacolejar do trem, a montanha viesse abaixo e ficássemos todos soterrados dentro daquele buraco escuro.

A Estação da Luz, com seu imenso teto de vidro, lá no alto, o silvar dos trens que chegavam e partiam, as extensas e largas plataformas cheias de passageiros e de carregadores sobraçando malas, todos a falarem

ao mesmo tempo e em voz alta, teria que produzir uma sensação de atordoamento a quem se habituara ao aprazível silêncio de uma fazenda ou de uma pacata cidade do interior.

Estonteado, a segurar a mão de meu avô, pus-me a descer com ele os degraus da escadinha do trem.

Foi minha mãe a primeira a nos descobrir no meio de toda aquela gente que enchia a plataforma da grande estação. Desviando de uns e de outros, veio ela ao nosso encontro, seguida de perto por meu pai.

Ao deparar-se comigo, abaixou-se para tomar-me nos braços e, cobrindo-me de beijos, dizia-me:

— Meu filho, nunca mais você irá separar-se de mim!...

Um não sei quê de inexprimível apoderou-se de mim, ao ver-me aconchegado ao calor daquele afeto e daquelas palavras repassadas de tantas saudades.

Abracei-a fortemente, como que a não querer mais largá-la, quando, apontando para meu pai, falou-me:

— Abrace seu pai.

Este sorria para mim, enquanto meu avô — a quem nunca vira chorar — tinha os olhos marejados de lágrimas.

"Nunca mais você irá separar-se de mim..." Pobre mãe! Como estava enganada!... Os caminhos da vida, que eu não os podia ainda divisar, quantas vezes me levariam para bem longe dela e por longos e longos anos...

Viver no seio de uma família numerosa, cheia de crianças sadias, e, por isso mesmo, alegres e traquinas, não foi fácil para quem crescera sem companheiros de infância e, durante cinco anos, objeto único de todos os cuidados e carinhos na casa dos avós.

Não podia acostumar-se com aquele alvoroço, feito de risos e de choros, entremeado de repreensões, que começava logo pela manhã e se prolongava pelo dia todo, só terminando ao anoitecer.

Via-se preso, por um lado ao esforço afetivo que

os pais faziam para tornar mais rápidas a adaptação ao novo ambiente e, por outro, sentia a falta imensa dos avós, da vida ao ar livre, dos meses seguidos passados na fazenda, quando, pela manhãzinha, com copo, açúcar e conhaque, preparado pela avó, ia ao curral beber leite, tirado na hora e do alto do alpendre da casa grande, contemplava, embevecido, o cafezal, as pastagens e o gado, polvilhados com o ouro reluzente do sol que vinha despontando, lá no alto do espigão.

Foi a matrícula no primeiro ano primário do Grupo Escolar da Alameda do Triunfo que teve o condão de fazer-me esquecer a vida do campo e reconciliar-me com a grande cidade, como já era São Paulo.

A professora, que nos acompanharia até a obtenção do diploma do quarto ano, chamava-se Dona Benedita Kiel, conhecida de seus alunos por seu apelido: Dona Sinhazinha.

Bem moça ainda, franzina, cabelos louros e olhos azuis, Dona Sinhazinha, soube ser eficiente, meiga, bondosa, era, ademais, profundamente religiosa.

Estava-se na época da escola rigorosamente laica. Aos professores era severamente proibido proferir uma palavra que fosse a respeito de religião, embora, em maioria esmagadora, os alunos se originassem de famílias católicas.

Dona Sinhazinha, contudo, descobrira um hábil estratagema por meio do qual ministrava a seus alunos noções de religião.

Todos os dias, as aulas começavam pelo canto de um hino ou canção. Entre as muitas, uma havia, cuja letra Dona Sinhazinha fazia questão de escrevê-la no quadro negro, como pretexto de sua aula de catecismo. Principiava por estes versos:

Mar em fúria, no mar caravelas,
Ruge o vento, dos raios à luz,
Vê-se o sangue de Cristo nas velas
Derramado nos braços da cruz.

Certo dia, o Diretor, talvez alertado por alguma denúncia, entrou em classe no momento em que Dona Sinhazinha, empolgada, fazia para nós a descrição da Paixão e Morte de Jesus. Os alunos, em silêncio profundo, ouviam-na comovidos.

— Dona Sinhazinha, a senhora não sabe que estamos sob o regime de escola laica e que, portanto, é proibido ensinar religião em classe?

— Sr. Diretor, estou, apenas, fazendo os alunos compreenderem a letra da canção que acabaram de cantar...

Foi assim que se gravaram no coração daqueles alunos os primeiros rudimentos da nossa religião, ensinados, às escondidas, numa escola em que era crime pronunciar o nome de Deus.

No último dia do ano escolar, Dona Sinhazinha quis conhecer a vocação de cada um de seus alunos. Depois de nos explicar o que era ser engenheiro, médico, advogado etc., ordenou que cada qual se levantasse e dissesse o que desejaria ser.

Como na relação por ela apresentada não figurasse o que fosse ser padre, menino irreverente que era, pensei em fazer uma brincadeira, que, de forma desastrada, transformei em zombaria.

Ao chegar a minha vez, levantei-me e fui gritando:

— Eu, Dona Sinhazinha, vou ser paadree — alongando propositadamente as vogais para melhor ridicularizar os ministros de Deus.

Uma explosão de gargalhada ecoou pela sala inteira.

Paciente, fez soar a campanhia para impor silêncio à classe.

— Francisco, já fez a sua gracinha: agora diga o que realmente deseja ser.

Julgando que poderia impunemente continuar a escarnecer as coisas sagradas, gritei de novo:

— É paadree, Dona Sinhazinha.

A campainha, tocada nervosamente, abafou a nova gargalhada da classe.

— Se seus pais — disse ela, quando o silêncio se restabeleceu — não lhe ensinaram a respeitar as convicções alheias, fique agora sabendo que não tem o direito de vir aqui menosprezar o que a maioria de seus colegas e sua professora consideram como coisa digna de respeito e veneração. Saiba, Francisco, — continuou falando — que ser padre é receber de Deus a mais sublime vocação que possa ter um homem aqui na terra. É o mensageiro de Deus, que nos acompanha do berço ao túmulo, transmitindo-nos a mensagem de Cristo e seus sacramentos de vida. Eis porque não permito que, numa classe de meninos educados, o ministro de Deus seja transformado em objeto de chacota.

Só então compreendi toda a extensão do meu erro. Para repará-lo e, ao mesmo tempo, reconquistar a amizade de quem sempre manifestara por mim marcada preferência, abandonei o tom zombeteiro e, com toda a seriedade, acrescentei:

— É padre, Dona Sinhazinha. Se eu não for padre, não serei mais nada na vida.

À tarde, ao narrar a minha mãe o que se passara na classe, depois de censurar-me o procedimento, perguntou-me surpreendida:

— Meu filho, você quer deveras ser padre?

— Não sei... mamãe. Foi só uma brincadeira...

Era uma vocação que, misteriosamente, se delineava lá no fundo de mim mesmo, sem que disso me desse conta.

O SEMINÁRIO MENOR DE PIRAPORA

Pirapora, ali pelos anos de 1906, era uma vilazinha pacata, rodeada de colinas e morros, entre os quais, a esfumar-se no azul do horizonte, erguia-se o Voturuna, famoso pelas muitas lendas que a respeito dele eram contadas e pelos passeios dos alunos a seu cume.

Vivia envolta em silêncio, quebrado, de vez em quando, pelo monótono chiar dos morosos carros de bois, ou, então, pela cantilena dolente que, à noite, nas proximidades de Finados, se fazia ouvir, vinda lá das bandas do cemitério.

Além da ruazinha estreita, feita de casas rústicas e humildes, edificadas à margem esquerda do Tietê — que, na época da seca, ficava reduzido a um fio de águas mansas a deslizar sobre um leito de pedras — possuía o Santuário do Senhor Bom Jesus a dar vida ao lugarejo, graças a freqüentes romarias e, sobretudo, à festa do Bom Jesus, em agosto, quando, durante três dias, não cessava a batucada que varava a noite inteira.

Quem adentrasse a igreja tinha a atenção atraída pela imagem do Cristo da Flagelação, que, lá de cima do altar-mor, com o olhar carregado de dores, parecia acompanhar o visitante qualquer que fosse o lado para onde este se movesse.

No alto do morro, que fica atrás do Santuário, elevava-se o edifício do Seminário, com seu torreão medieval na junção da parte antiga com a recém-construída, ainda com os tijolos à vista.

Dom José de Camargo Barros, então Bispo de São Paulo, havia confiado a direção do Seminário aos Cônegos regrantes de São Norberto, premonstratenses da Abadia de Averbode, na Bélgica.

Era Reitor o Cônego Vicente van Tongel que desempenhava, ao mesmo tempo, as funções de Vigário da Paróquia, coadjuvado por dois religiosos de sua Ordem.

Alto, cheio de corpo, cabelos louros já começando a se esbranquecer, olhar tranqüilo e bondoso a filtrar-se através das lentes de seus óculos com aros de ouro — o Cônego Vicente — trajando seu hábito de brancura sem mancha e murça coral — todas as manhãs descia e subia as longas escadarias, que, da porta do Seminário, serpenteavam morro abaixo, sempre seguido por seu fiel companheiro — o Topásio — um cão sem raça, cujos latidos nos denunciavam a chegada do Reitor.

Meses após o meu ingresso no Seminário, escrevi uma carta a minha mãe, pedindo-lhe que me viesse ver porque algo de estranho se passava com um dedo do meu pé direito. Embora tivesse crescido na fazenda de meu avô materno desconhecia o que fosse um bicho-do-pé.

O Seminário possuía, para além do recreio dos menores, uma grande chácara, com plantações de laranjeiras, e outras árvores frutíferas, mais um estábulo e uma criação de porcos.

Nas ladainhas das rogações, a procissão, que se fazia por entre as ruas do laranjal, contornava o estábulo e o chiqueiro. Quantas vezes, entre um "ora pro nobis" e outro, uma laranja, que melhor se oferecia, não escorregava sorrateiramente para o bolso de um colega mais ágil!

Pois foi numa dessas procissões que o bichinho escolheu o dedo do meu pé para nele se aninhar.

Tendo lido a minha carta — que devíamos entre-

gá-la sem fechar — mandou o Reitor chamar-me a seu escritório.

— Francisco, nesta carta para sua mãe você se queixa de um problema com seu pé?

— Sim, Cônego Reitor.

— Tire os sapatos para eu examiná-lo.

Como fosse noite e Pirapora não contasse com outra iluminação que não a de lampiões de querosene, pegou o bom Reitor o grande lampião belga, que estava sobre sua mesa, aproximou-o do meu pé descalço e, depois de examiná-lo atentamente, disse-me:

— Não é nada. É um bicho-do-pé. Vou tirá-lo agora mesmo. Não vai doer nada.

Tomando de uma agulha, com rara perícia, extraiu do meu dedo o talzinho, já bem criado, juntamente com a colônia de óvulos que havia posto. Depois de mostrar-mo, levou-o às bordas da manga do lampião e queimou-o. Fez uma fricção com arnica na parte afetada e, sorrindo, arrematou:

— Pronto! Não vai sentir mais nada. Podemos, pois, rasgar esta carta. Não vale a pena incomodar sua mãe por coisa tão sem importância.

Que grandeza de alma, a par de encantadora simplicidade, a desse inesquecível Cônego Vicente, meu reitor nos 5 anos que passei em Pirapora!... Sua imagem, tão cheia de doçura, gravou-se, nimbada de saudades, no âmago do coração.

Dentre todos os meus mestres, três haveriam de permanecer povoando com as mais gratas reminiscências a minha memória: Cônego Rafael, Cônego Anselmo e Cônego Henrique. Cada qual com seu cunho inconfundível.

O Cônego Rafael era uma figura de asceta, faces encovadas, alto, magro, esguio. Cabia a ele a direção espiritual dos seminaristas. Esforçava-se por plasmar a alma dos futuros levitas, nelas inculcando as qualidades de caráter, de personalidade, de perseverança e de união com Deus.

O Cônego Anselmo, baixo, gordo, um tanto obeso, exímio professor de História Universal, era, também, o Mestre da Banda Musical do Seminário.

Os músicos, como eram chamados os componentes da Banda, gozavam de algumas regalias. Os ensaios faziam-se, à noite, durante o grande estudo, que nos imobilizava sentados das 18 às 20 horas. Livrar-se dessa tediosa ocupação, pelo menos em alguns dias da semana, constituía um privilégio de que só uns poucos podiam usufruir. E, quando se aproximava a festa de são Norberto, as reuniões na sala de música faziam-se mais amiudadas vezes. Sob a competente batuta do Cônego Anselmo, ensaiávamos, durante horas, todo o repertório a ser executado, quando, no dia da festa, era levado à cena um drama ou uma comédia, ou, então, durante todo o percurso da procissão a percorrer as ruas de Pirapora.

— Os músicos podem sair do estudo, ordenava o Pe. Mestre, lá do alto da cátedra.

Eu, que me esforçara por aprender a tocar pistão, saía, alegre e satisfeito, juntamente com os companheiros da Banda, vendo no rosto dos que ficavam no estudo delinear-se uma secreta inveja.

Quem, entretanto, iria conquistar a afeição e a amizade de todos os meus colegas de classe e, especialmente, a minha, seria o Cônego Henrique van Kasteren.

Recém-chegado da Bélgica, orçando pelos seus 26 anos, alto, louro, olhos azuis, sempre impecável em seu hábito branco, o Cônego Henrique tinha pela nossa turma uma indisfarçável preferência.

Sobre ser nosso professor de latim, era nosso Padre Mestre a nos acompanhar na classe, no estudo, nos recreios, nos passeios que fazíamos, às quintas-feiras, pelos arredores da Vila, seguindo pelas estradas de Araçariguama, de Parnaíba, do Vuturuna, ou subindo o morro do Cruzeiro.

Oriundo da cidade de Ostende, na Bélgica, dei-

xara lá, no seio de sua família mais dois irmãos padres, um do clero secular, e outro que foi ser missionário na África e uma irmã religiosa. Nesse lar, tão fundamentalmente religioso, aprendera a entremear a energia, quando esta se fazia necessária, com gestos de bondade, não sendo raras as ocasiões em que, após uma reprimenda mais severa, vinha brindar-nos com "tablettes" de finíssimo chocolate, recebidas dos seus e que, por isso tinham para nós um sabor todo especial.

Todos os demais padres, que constituíam o corpo docente de Pirapora, no meu tempo, eram, sem sombra de dúvida, religiosos exemplares. Não obstante a esmerada cultura humanística e filosófica que possuíam, eram simples, humildes e fiéis cumpridores das regras de São Norberto. Era par nós cena de edificante piedade contemplar, à tardinha, os nossos professores a rezarem o breviário, indo e vindo à sombra do bambual, que ficava para além do recreio dos menores.

E aqueles singelos irmãos leigos, nos quais víamos a reprodução de outros tantos Geraldos Majela, a labutarem, desde a orvalhada da manhã até ao anoitecer, nos mais humildes e pesados ofícios?!... Eram cozinheiros, enfermeiros, padeiros, marceneiros, alfaiates, sapateiros, hortelãos...

E, quando entrávamos na capela para a oração da noite, deparávamos sempre com o quadro comovente, formado por esses irmãos leigos que, após a árdua faina do dia, ali se reuniam para, de joelhos com o terço nas mãos, oferecerem à Mãe de Deus o rosário de uma fé humilde, mas profunda!...

Os meus companheiros de classe, os que permaneceram do primeiro ao último ano de Pirapora, formaram a melhor turma que, até então, havia passado pelo Seminário. Nunca se viram, reunidos numa mesma classe, tantos moços inteligentes, cheios de vida e desinibidos. Nenhuma dificuldade encontravam em assimilar com rapidez as várias matérias do curso ginasial.

Os exames mensais, semestrais e do fim do ano eram vencidos por eles com a máxima galhardia.

Entre todos eles haveria eu de prender-me por uma profunda afinidade, quer de temperamento, quer de aspirações, a estes três: Luís Gonzaga Miele, Irineu Cursino de Moura e Francisco de Assis Barros.

Luís Gonzaga Miele era tido por nós como o Rui Barbosa da turma, não tanto pelo formato da cabeça semelhante à da Águia de Haia, como, sobretudo, por sua inteligência brilhante, seus esplêndidos exames, seu profundo conhecimento do latim e do português. Separou-se de nós na passagem de Pirapora para o velho casarão da Avenida Tiradentes — o Seminário Maior — e ingressou na Congregação das Missões, atraído pelo ideal missionário. Dedicou-se, de forma especial, ao apostolado da palavra, no qual, mercê de suas inegáveis qualidades, chegou a ser um exímio orador. Auditórios como os do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Curitiba, tiveram a ventura de ouvir suas magníficas orações.

Atacado de surdez incurável, que o impediu de utilizar-se convenientemente da voz, desligou-se da supradita Congregação e retirou-se para a vida escondida com Cristo, no Palácio Pio XII, onde vem sendo um precioso colaborador dos Arcebispos, que por lá têm passado.

Vindo de tradicional família de Taubaté, Irineu Cursino de Moura, tinha pendores para a literatura e para a oratória. Era o orador oficial do Grêmio São Hermann José, em Pirapora. Depois de ordenado sacerdote, entrou para a Companhia de Jesus, onde, entre vários cargos de responsabilidade a ele confiados, sobressaiu-se como Diretor da Federação Mariana Masculina, que, sob sua inteligente direção, se desenvolveu de maneira admirável, chegando a alinhar, numa procissão de Corpus Christi, nada menos de dez mil jovens.

Proveniente de Indaiatuba, entrava no Seminário

— curiosa coincidência! — no mesmo dia em que eu, vindo de São Paulo, aquele que veria a ser meu inseparável companheiro em todas as vicissitudes de minha vida de estudante, — Francisco de Assis Barros. Inteligência viva, agilidade mental admirável, músico e cantor, temperamento alegre — compondo comigo a dupla de área atacante de nossa equipe de futebol, — ligou-se a mim por fraternal amizade, que os muitos anos vividos, longe da Pátria, em Roma, tiveram o condão de fortalecê-la ainda mais. Irei mencioná-lo algumas vezes, ao narrar certos episódios, pinturescos uns, outros dramáticos, nos quais nos vimos ambos envolvidos.

QUANDO A PROVIDÊNCIA SE FAZ PRESENTE

Saber o que eu pensava ou desejava vir a ser, não constituía problema a preocupar meu pai, dos meus 12 a 18 anos.

Não subestimava, por certo, a influência de um ambiente, feito de estudos, de orações e de exemplos diários de vida simples e piedosa, proporcionados pelos excelentes religiosos de São Norberto, em Pirapora.

Esperava, contudo, neutralizá-la nos três meses de férias que antecediam o ingresso no Seminário Maior de São Paulo. Tinha nas mãos, para isso, um trunfo com força bastante para ganhar a partida a seu favor: acenar-me com uma viagem aos Estados Unidos, onde iria estudar engenharia.

— Aquele meu sócio americano, Dr. X — dizia-me — tem parentes em São Francisco da Califórnia. Você irá morar com eles e estudar na Universidade. Depois de formado, se ainda perdurar essa mania boba de querer ser padre, poderá ordenar-se por lá mesmo.

Não sei se todos os que, um dia, se viram chamados à vida sacerdotal, experimentaram o que se passava comigo nas vezes em que pensei em abandonar o Seminário para seguir outra carreira. Um sentimento de culpa, originado pelo que pudesse ser uma traição às mais nobres aspirações que se me aninharam na alma, paralizava qualquer outra resolução.

— O Reitor do Seminário ou o seu Diretor espiritual — ponderava eu a meu pai — estão em condições ideais para verificar se o que sinto é vocação

verdadeira ou mera veleidade. Como as aulas na Universidade de São Francisco só começam em novembro e estamos, apenas, em fins de fevereiro, tenho pela frente uns seis meses, durante os quais meus superiores terão tempo suficiente para se pronunciarem sobre minha vocação. Se decidirem que me falecem qualidades para ser padre, sentirei grande alívio e partirei para os Estados Unidos, completamente desoprimido e feliz em poder satisfazer-lhe o desejo.

Nos primeiros dias de março de 1911, entrava para o Seminário Maior de São Paulo, situado no vetusto edifício da Avenida Tiradentes, construído pelo zelo daquele intrépido ituano — Dom Antônio Joaquim de Melo — que, de simples soldado da milícia provincial, chegou a ser um dos mais notáveis Bispos de São Paulo.

Era então Reitor Mons. Dr. Maximiano da Silva Leite e Diretor Espiritual o Pe. Dr. João Gualberto do Amaral. Duas excepcionais figuras de sacerdote, que se impunham à nossa admiração, não tanto pelo saber e vastíssima cultura de que eram possuidores, como, sobretudo, pelo desprendimento das coisas deste mundo e pela vida inteiramente consagrada à oração, ao estudo, à formação dos futuros padres da Arquidiocese.

A orientação, impressa por ambos ao Seminário, seguia exatamente as normas traçadas pelo Concílio Tridentino: rigorosa disciplina, estudo da filosofia e da teologia com aulas pela manhã e pela tarde, nenhum contato dos seminaristas com o mundo lá de fora.

O dia encerrava-se com uma palestra, feita pelo Pe. João Gualberto, de pé, junto da grade da comunhão, na pequena e acolhedora capela.

Era nas epístolas de São Paulo que, de ordinário, ia ele beber a inspiração para suas magistrais conferências, nas quais o elevado teor ascético não impedia que passassem pelo crivo de sua crítica, por vezes ferina, os gestos, as palavras, as atitudes, a sede de honrarias de certos sacerdotes, fosse qual fosse o cargo que exercessem.

Os meses, entretanto, iam-se escoando. Já despontava o mês de agosto. Era insuportável para meu pai o tempo que estava sendo perdido. Para forçar-me a uma decisão, trazia-me fotografias da Universidade, da casa em que iria hospedar-me, das pessoas que nela moravam. Dava-me a ler o que haviam escrito a meu respeito. Já me consideravam como membro da família. Descreviam-me a vida na Universidade, que tinham por muito agradável, com esportes, festas, piscinas...

Era uma tentação demasiado forte para os meus 18 anos, ávidos de conhecer a vastidão do oceano, novas terras, novos horizontes... Confesso que principiei a vacilar e foi quando interveio a Providência.

Começava apenas a tomar contato com as primeiras lições de filosofia. O nosso professor, no intuito de tornar mais vivas as suas aulas, após a exposição de um determinado ponto, perguntava à classe se alguém tinha alguma dificuldade. Francisco de Assis Barros e eu, invariavelmente, levantávamos a mão. Como, logo no início, haviam sido bem recebidas e até elogiadas as nossas participações, ficamos estimulados a não deixar passar lição sem que apresentássemos algum dado a ser esclarecido.

Certo dia, porém, fomos surpreendidos pela atitude do professor diametralmente oposta à que vinha observando com relação a nós ambos. Quando fizemos sinal para indicar que tínhamos dúvidas a exigirem maior explicação, carregou o sobrecenho e nos advertiu:

— Não estou mais disposto a tolerar as impertinências com que vocês dois vêm perturbando as minhas aulas. Se for preciso, não vacilarei em esvurmar as bolhas de orgulho com que pretendem ambos impor-se à classe.

Tomei nota da expressão "esvurmar as bolhas de orgulho", que ouvia pela primeira vez. Denotava, con-

tudo, uma falsa interpretação de nossa conduta. As objeções, que formulávamos, provinham da confusão que se estabelecia em nossas mentes por não assimilarmos bem a explicação da tese exposta.

Na noite desse dia, fomos convocados a apresentar-nos ao gabinete de Mons. Maximiano.

— O professor de vocês apresentou-me queixa a respeito do procedimento de ambos na classe. Disse-me ele que, em compêndio diverso do usado no Seminário — o tratado de filosofia do Pe. Remer — vocês vão colher objeções capciosas com o fim de desmoralizá-lo perante seus colegas. Vou agora ao quarto de ambos e, se lá encontrar algo mais que o Remer, ficará provado o mau espírito de ambos e não me restará outra decisão a tomar senão a de mandá-los embora do Seminário.

Pensei logo em meu pai, que bem poderia ter-me trazido um livro qualquer de filosofia, o qual teria sido mais eficaz para me pôr fora do Seminário que todas as suas sedutoras promessas.

De volta de nossos quartos, após ter vasculhado até debaixo do colchão, sem nada encontrar que nos pudesse incriminar, foi um tanto desapontado que se dirigiu a nós:

— Não tem fundamento a suspeita do professor de vocês. É o que lhe irei dizer para que não os inculpe do que não devem. Eu os aconselho, todavia, a não se manifestarem mais na classe. Guardem suas dificuldades e tragam-mas para eu lhes dar a explicação que desejarem.

Saímos do gabinete do Pe. Reitor de todo em todo perplexos. Jamais poderíamos supor que as nossas inocentes dificuldades pudessem emparelhar-se com as que figuram em outros manuais de filosofia.

No sábado dessa mesma semana, fomos ambos avisados de que deveríamos comparecer ao Palácio São Luís a fim de tomarmos parte no almoço do Sr. Arcebispo.

A caminho do Palácio, externava a meu colega a minha apreensão a respeito do que nos esperava nesse almoço.

— Vamos ouvir a sentença que nos põe fora do Seminário. Mons. Maximiano transferiu a Dom Duarte a responsabilidade de proferi-la.

— Seria uma forma muito solene — replicou o meu colega — de nos despedir oferecendo-nos um almoço. Bastaria um simples memorando ao Pe. Reitor, e nós estaríamos desligados do Seminário. Será, com certeza, qualquer outra coisa.

Estava ele com a razão. Assim que chegamos, o Pe. Secretário nos introduziu na sala de jantar — que mais tarde me seria tão familiar, mas que, naquele instante, me parecia fria e hostil — com suas paredes revestidas de lambris de madeira trabalhada e o grande lustre, de estilo renascença, a descer sobre a larga mesa, já preparada para o almoço.

Enquanto esperávamos, entretivemo-nos em admirar o amplo jardim, que se estendia pelos fundos do Palácio, pompeando suas árvores frondosas, entre as quais várias jaboticabeiras.

Fechados naquela sala, não sabíamos como disfarçar o nervosismo que se apoderara de nós ambos, quando uma porta se abre e por ela entra a figura esguia, nobre e austera do Arcebispo, acompanhado do Bispo de Ribeirão Preto, Dom Alberto José Gonçalves.

Inibidos, como estávamos, ao invés de irmos ao encontro de S. Exa. Revma., foi ele que se aproximou de nós estendendo-nos a mão. Com um aceno nos indicou nossos lugares à mesa e, feita a oração, todos se acomodaram.

Corria o almoço tranqüilo e agradável, quando o Arcebispo, dirigindo-se a Dom Alberto, apontou para nós.

— Êstes dois andam azucrinando a paciência do professor deles com perguntas e sofismas. Vou man-

dá-los para Roma, onde encontrarão campo propício às indagações filosóficas e teológicas, na Universidade Gregoriana.

Sem compreendermos se essas palavras traduziam realmente uma resolução ou apenas uma irônica censura ao nosso procedimento, o meu colega, vencendo o constrangimento, ousou perguntar:

— É intenção de V. Exa. mandar-nos para Roma?

— Não, não é uma intenção. É uma deliberação. Têm vosmecês alguma objeção a fazer?

Não só não tínhamos nenhuma objeção como estávamos a ponto de explodir de alegria.

Roma... o Colégio Pio Latino-Americano... a Universidade Gregoriana... povoavam de sonhos a mente dos seminaristas do meu tempo... E, nós, graças ao nosso professor de filosofia, estávamos prestes a vê-los concretizados!...

A VIAGEM PARA ROMA

Em 29 de setembro de 1911, junto do armazém nº 16 das Docas de Santos, achava-se atracado o transatlântico "Tomaso di Savoia", da Companhia Navigazione Generale Italiana, com sua grossa chaminé, listada de verde, branco e vermelho, a expelir densos rolos de fumo. Pela escadaria da 1.ª classe desciam passageiros que desembarcavam e subiam, outros que se destinavam à Europa. Entre estes, subíamos, cautelosamente, Francisco de Assis Barros e eu, acompanhados de Mons. Maximiano da Silva Leite.

— Ambos seguem para Roma e vão hospedar-se no Colégio Pio Latino-Americano — falou-nos o Pe. Reitor — a fim de se matricularem na Universidade Gregoriana. Nessa Universidade cursarão a Faculdade de Filosofia para se doutorarem nessa disciplina e, em seguida, obterem o grau de doutor em Teologia. Terão pela frente de 6 a 7 anos, findos os quais, de regresso ao Brasil, virão lecionar essas matérias no Seminário.

Ao saber que, durante todo esse tempo, ficaria longe de tudo o que me era mais caro — minha Pátria, minha família — pareceu-me que iria enfrentar uma eternidade e que esses longos anos jamais findariam.

Dirigimo-nos para o salão de música, onde nos aguardavam as nossas famílias.

Sentada ao piano, lá estava minha mãe a tocar uma valsa, por ela denominada a valsa do adeus. As notas dolentes daquela melodia falavam-me do oceano de tristeza em que lhe mergulhara o coração, por mais

essa separação, que se prolongaria por muitos e muitos anos.

Durante toda a travessia, não me foi mais possível penetrar naquele salão, sem que me tornassem aos ouvidos os acordes plangentes daquela valsa, evocadora de tantas saudades.

A sereia de bordo, num ronco forte e prolongado, anunciava que o navio se aprestava para zarpar e que todos os visitantes deviam abandoná-lo.

Aproveitando o instante, Mons. Maximiano nos faz as últimas recomendações:

— É um excepcional privilégio poder estudar na mais famosa Universidade da Igreja, a Gregoriana, e, ao mesmo tempo, concluir a formação eclesiástica à sombra da Cúpula de São Pedro. Procurem honrar a Arquidiocese de São Paulo, que os envia a Roma, como seus representantes. Que Deus os acompanhe e os abençoe!

Abraça-nos e, a passos largos, toma a direção da escada de saída, sem se voltar para nós que o seguíamos com os olhos. Cedera também ele à forte emoção que nos salteara todos.

Nossas mães despediam-se igualmente de nós, com os olhos úmidos de lágrimas.

— Não se esqueçam de nos escrever sempre... E minha mãe acrescentava:

— Eu e seus irmãos vamos para a Ponta da Praia para assistir a passagem do navio. Fique na ponte de passeio para que possamos vê-lo e dizer-lhe o último adeus.

Descidos os derradeiros visitantes e retirada a escada de bordo, dois possantes rebocadores, um na proa e outro na popa, começam a desatracar o "Tomaso di Savoia".

Quando percebi que toda ligação com a terra estava cortada e dela nos íamos separando cada vez mais para só daí a 6 ou 7 anos ser-me dada a ventura de rever aquele rosto de mãe, lavado em prantos, lá em

baixo no cais, e os de meus irmãos a sorrirem para mim e a agitarem lenços, senti apertar-se-me o coração e o lenço, com que respondia aos acenos de parentes e amigos, foi ensopando-se de lágrimas.

Tão logo o navio entrou a navegar, atravessando o canal em direção do oceano, desencadeou-se uma verdadeira tempestade. Grossas cortinas de água impediam ver o que quer que fosse. Não me foi possível notar a passagem pela Ponta da Praia, onde meus familiares e os de meu colega nos aguardavam para a última despedida.

Permanecemos ambos longo tempo na ponte de passeio, a curtir em silêncio a dilacerante amargura daquela hora tão triste até que, aumentando sempre mais a violência da chuva e do vento, à medida que o vapor se ia adentrando no oceano, resolvemos descer e recolher-nos à nossa cabina.

Açoitado por enormes vagalhões enfurecidos, o "Tomaso di Savoia" rangia a lutar bravamente, a dar guinadas para a direita e para a esquerda, com a proa ora afundando, ora erguendo-se. Aquele navio tão grande e tão possante estava reduzido a uma casca de noz ao sabor da tormenta!...

Raros foram os passageiros que, naquela noite, se apresentaram para o jantar. Quase todos sentiam os efeitos da furiosa borrasca, que fazia o barco sacolejar perigosamente.

Como marinheiros de primeira viagem, que éramos, diante daquela prova de fogo, até que não nos saímos mal. Tiveram-nos por veteranos, já acostumados com as peripécias das longas travessias, e por isso, nem se lembraram de nós, dias depois, para nos submeter às costumeiras cerimônias do batismo, na passagem do Equador.

Após uma noite de angústia e sobressalto, em que o navio arfara e jogara a mais não poder, com cadeiras e mesas arremessadas de um lado para outro, os passageiros madrugaram para não perderem o grandioso

espetáculo proporcionado pela entrada na baía da Guanabara.

Pela vez primeira, diante de meus olhos embevecidos, se descortinava aquele cenário deslumbrante e maravilhoso, que mais parecia uma região de sonho e de fantasia.

À tarde desse dia, o "Tomaso di Savoia" deixava o porto do Rio de Janeiro aproando para o oceano imenso, que, agora, em nada se assemelhava ao da noite anterior, tão sereno e tão obsequioso se mostrava, a estender à nossa passagem um lençol de águas profundas, de um azul-escuro.

Já navegávamos, havia cinco dias, cortando um mar amigo e bonançoso, a ouvir a língua italiana, falada pela tripulação e pela maioria dos passageiros e que nós ambos pouco ou nada entendíamos. Começamos a sentir o que era viver como estranho numa terra alheia. Uma ponta de nostalgia principiava a ferir-nos o âmago do coração.

Como distração íamos ambos para o tombadilho a fim de contemplarmos, pela manhãzinha, o sol, qual roda de fogo emergir, pouco a pouco, do meio das ondas, no horizonte distante e, à tarde, como um disco sangüíneo, mergulhar lentamente nas profundezas do oceano.

O mormaço, que invadia todas as dependências do navio, trazendo mal-estar a todos, estava a nos indicar que íamos atravessar o Equador, com todas as peripécias cômicas do Rei Netuno a batizar seus novos súditos.

A vida de bordo, cheia de atrações e divertimentos, para nós que deles não participávamos — embora fôssemos bem jovens ainda — era de uma enervante monotonia.

Aquele cenário, composto pela imensa solidão do mar e pelo azul infinito do céu a se unirem na comissura do horizonte, sempre invariável e misterioso, exercia sobre nós ação em extremo depressiva.

Mais alguns dias de desalento e estávamos atravessando o estreito de Gibraltar. As montanhas, de um lado e de outro — a terra, finalmente, que há muito não víamos — reacendiam em cada um de nós uma nova esperança a nos encher de alegria.

Entramos no Mediterrâneo na noite de 12 de outubro, luminosa noite de luar. As ondas, feitas de prata, refletiam a luz esbranquiçada da lua cheia.

A nossa viagem marítima já se aproximava do fim. O "Tomaso di Savoia" que, durante 15 dias, viera cingrando as ondas, deixando atrás de si uma larga esteira de espumas brancas, desembarcava-nos, sãos e salvos, no porto de Gênova.

Se não entendíamos o italiano, muito menos o arrevesado dialeto genovês. Assim mesmo, nos dois dias que lá permanecemos, logramos conhecer o que Gênova apresentava de mais interessante, não faltando a visita obrigatória ao "Staglieno", o famoso cemitério.

Dois dias depois, o noturno, que sai de Gênova, nos deixava, às 7 horas da manhã, na imponente estação "Termini" de Roma. De um céu cinzento-escuro, caía uma chuvinha miúda e fria, anunciadora do inverno que se aproximava.

Saímos à procura de uma condução que nos levasse para o colégio. Tínhamos, por fim, diante dos olhos deslumbrados a Roma com a qual tanto sonhávamos.

A Roma do Coliseu, com sua arena empapada do sangue generoso dos mártires; a Roma dos apóstolos Pedro e Paulo e das lindas patrícias que morreram por Cristo; a Roma das catacumbas, onde germinara a fé dos primitivos cristãos e florira o mais belo ideal, que, como nenhum outro, jamais apaixonara tanto os homens; a Roma dos palácios de travertino amarelo, enegrecido pelos séculos; a Roma dos Césares e dos Papas...

Eis o que, com entusiasmo, repetíamos um para o outro, quando uma "carrozza", puxada por dois cavalos pretos, se avizinha de nós e o cocheiro — um au-

têntico romano de rosto gordo e fartos bigodes — grita para nós:

— *Uei! ragazzi, dove vogliono andare?*

Sem bem compreender o que dizia, exclamamos: Colégio Pio Latino-Americano.

— *Ah! si. Nel Trastevere*

A "carrozza" dá uma volta na praça fronteiriça à estação e o cocheiro, virando-se para nós, nos chama a atenção:

— *Laggiù, in quella piazzetta, possono vedere la Basilica di Santa Maria Maggiore.*

O que dizia era grego para nós. Não compreendemos nada. Mas, como apontasse com o chicote para uma pequena praça, no fim da rua, olhamos para aquela direção e pudemos ver uma suntuosa igreja, na qual tantas vezes, mais tarde, haveríamos de entrar: a Santa Maria Maior.

A parelha de cavalos, sempre a trotar, atravessa a "Piazza Venezia", ao lado das ruínas do Forum Romano. Como olhássemos admirados para um grande monumento aí existente, o cocheiro não perde a ocasião de, como bom romano, gritar orgulhoso:

— *Monumento a Vittorio Emanuele.*

Erguia-se ele imponente e altaneiro no seu mármore branco e suas extensas escadarias, àquela hora, lavado pela chuva que caía. Mais adiante, passávamos por sobre a ponte "Regina Margherita" e pudemos ver, lá em baixo, a correr manso e tranqüilo, o "Flavus Tiber" que Horácio imortalizara em suas célebres odes, que tanto trabalho nos dava para traduzi-las, em nosso curso de latim, em Pirapora. Estávamos já no Trastevere e daí a pouco o carro parava diante de um enorme edifício. Era o Colégio Pio Latino, que nos iria hospedar por sete anos seguidos.

O COLÉGIO PIO LATINO-AMERICANO

Com sua imponente fachada de travertino, no estilo renascentista, o Colégio Pio Latino-Americano, construído em forma de quadrilátero, ocupava, com seus três andares, toda uma quadra da "Via Gioacchino Belli", tendo uma de suas faces voltada para o Tibre. Em vez de telhado comum, grandes terraços o cobriam, os quais serviam de recreio para os alunos. Desses terraços avistava-se o "Castel Sant'Angelo" e, pouco mais além, avultava a majestosa cúpula da Basílica de São Pedro.

Abrigava, nessa época, 120 alunos, vindos de quase todas as nações latino-americanas, predominando os do México, em razão da perseguição movida à Igreja pela revolução triunfante de Carranza.

De acordo com a Faculdade, a que estavam inscritos, achavam-se os alunos separados em divisões — "camerata", como eram denominadas, ocupando cada uma delas metade de um andar.

Falando os brasileiros o português e os outros, latino-americanos, o espanhol, a direção impôs o italiano como língua obrigatória para todos, forçando-nos a aprender o belo e cantante idioma de Dante.

Era, contudo, a Capela o que de mais precioso possuía o Colégio. Situada no segundo andar, chamava a atenção do visitante seu riquíssimo altar-mor, feito de mármore, enquadrado em artísticos arabescos de bronze, com colunas de pórfiro a sustentarem a mesa do altar. O pavimento de mármore de duas cores —

branco e cinza-claro — contrasta com a decoração em rosa e azul-claro do teto, do qual pendiam finíssimos lustres de cristal.

Antes de tomarmos parte na vida normal do Colégio, foi-nos dado uma semana para passeios e visitas às Basílicas, às Catacumbas, aos monumentos e ruínas históricas de Roma, tendo como guia um aluno mais antigo — o anjo, como eram chamados os que desempenhavam essa função junto dos recém-chegados.

Na semana seguinte, fomos submeter-nos aos exames de admissão na Universidade e, tendo sido aprovados, passamos a freqüentar o primeiro ano de filosofia.

Os filósofos, como se designavam os estudantes de filosofia, ocupavam a "terza camerata", localizada no terceiro andar do prédio.

Das várias nacionalidades, existentes no Colégio, cada qual tinha o seu chefe — o "capo-colonia". Era uma espécie de cônsul que envidava esforços para manter em harmonia os componentes da colônia, por meio de reuniões, quer de estudos, quer de festas pátrias e procurava resolver qualquer problema que surgisse com cada um de nós já com os colegas de outras colônias, já com os superiores.

Entrados que fomos no Colégio, o nosso "capo-colonia" veio ter conosco para nos dar a conhecer as normas de boa convivência com os membros das demais nações.

— Procurem manter relações de boa harmonia e de sincera camaradagem — enfatizava o nosso chefe — com todos e, de maneira particular, com os argentinos. Esqueçam as rivalidades existentes entre nossos países e esmerem-se em ser corteses e delicados com eles para obrigá-los à reciprocidade.

Quero crer que, do lado argentino, as recomendações feriam a mesma tecla, porque o clima de amizade e de mútua compreensão entre as duas colônias, no meu tempo, não poderia ser melhor. Um ou outro

incidente, que, porventura, surgisse, não tinha forças para quebrar o respeito que nutríamos uns pelos outros.

Foi precisamente o que se deu entre mim e meu companheiro de sala de estudo, um argentino — novato no Colégio, como eu — provavelmente, ainda não doutrinado pelo chefe de sua colônia. Ao entrar na sala de estudos, vendo-me pela primeira vez, a saudação que me dirigiu, foi esta provocação:

— "Macaquito, como te has passado?"

O meu primeiro ímpeto foi o de responder-lhe com quatro pedras na mão. Contive-me, porém, lembrando-me das instruções recebidas. Como se nada houvesse ouvido, continuei a ler tranqüilamente o livro que tinha sobre a mesa. Tomando o meu silêncio por covardia, volta de novo à carga:

— "Entonces, macaquito, no quieres hablar?"

— Você não percebe que me está ofendendo?... E que isto não fica bem nem para você nem para seus patrícios?

À tarde, na Gregoriana, relatei ao nosso chefe o tratamento a mim dispensado pelo colega argentino.

— E você engoliu esse insulto? — exclamou — e não foi às fuças dele?

— Mas, como?!... E as normas de boa convivência?...

— Não a tal ponto... É a primeira vez, que eu saiba, que um argentino se atreve a chamar de macaco a um brasileiro.

De volta da Universidade, nessa tarde, o meu colega foi obrigado a se desculpar, mercê da intervenção do Pe. Reitor e dos chefes das duas colônias.

Esse incidente, nascido de um gracejo infeliz, não produziria nenhum ressentimento entre nós ambos nem, muito menos, entre as colônias às quais pertencíamos.

Um ideal, muito superior aos nacionalismos exacerbados, vinculava-nos todos, latino-americanos, que, juntos, nos encontrávamos em Roma. Lá estávamos,

não apenas para conquistar títulos universitários, antes e, principalmente, para a realização plena de nossa vocação.

Sobre sólida base filosófica e teológica adquirida na Gregoriana ia-se erguendo o edifício da formação eclesiástica, alimentada pelos eflúvios de heroísmo e de santidade que nos vinham da arena do Coliseu e dos sombrios subterrâneos das Catacumbas.

Cabia-lhe ao Colégio Pio Latino-Americano a grave incumbência de plasmar o futuro clero da América-Latina, que se espalharia pelos mais diversos rincões dos muitos países deste nosso continente, sempre unido na mais fraternal amizade, e, pelo constante "sentire cum Ecclesia", no exercício do ministério ou magistério a que fosse destinado.

O Colégio estava entregue à sábia e competente direção dos Padres da Companhia de Jesus. Embora, todos os meses, tivéssemos meio dia de recolhimento, com duas conferências proferidas por um deles, era pela vida de oração, de estudo, de apostolado que mais eficazmente eles nos pregavam.

Professores, quase todos, da Gregoriana, com notáveis tratados publicados, quer no campo da filosofia, quer no da pesquisa teológica, assim como no da sociologia e da história do Dogma, aos sábados e aos domingos, não se sentiam diminuídos em ir ouvir confissões ou ensinar o catecismo às crianças, nos subúrbios de Roma.

O regime do Colégio — pelo fato de passarmos grande parte do dia fora dele — pautava-se pelo de liberdade responsável. Não havia vigilante à volta de cada um de nós a urgir o cumprimento deste ou daquele ponto do regulamento. Ficávamos entregues à nossa própria consciência, que nos obrigava a nos haver ou com o Diretor espiritual ou com o Pe. Reitor sempre que uma infração mais grave era cometida.

O episódio, que passo a relatar, mostra a confiança em nós depositada pelos nossos superiores.

Ia estrear a temporada lírica daquele ano, no cenário milenar das Termas de Caracala. Apresentavam-se como astros de primeira grandeza na constelação do "bel canto" nada mais e nada menos que Caruso e Titta Ruffo. A ópera a ser levada à cena era a "Aída", a obra-prima de Verdi. Os jornais de Roma não se fartavam de pôr em relevo a grandiosidade que atingiria o espetáculo naquele imenso palco, cercado de ruínas, que tanto falavam de um passado de glória.

— Seria uma falta, que jamais nos perdoaríamos, estando em Roma e não assistirmos a essa surpreendente exibição da "Aída".

Assim nos falava quem hoje ocupa um alto posto na hierarquia de um dos países da América Central.

Formado o grupo de cinco alunos — exigido pelo regulamento — compramos as entradas e, à hora aprazada, lá estávamos por entre as esborcinadas ruínas das Termas de Caracala, adrede preparadas para o inédito espetáculo.

Embalados nas ondas harmoniosas daquelas inesquecíveis melodias, interpretadas com tanta arte e tão grande sentimento por aqueles excepcionais cantores, maravilhados com a riqueza dos trajes, e com a magnitude e esplendor dos cenários e, sobretudo, com a movimentação de camelos e elefantes — montado num deles vinha o guerreiro vencedor, Caruso, tendo na frente os prisioneiros acorrentados, só olhamos para o relógio, quando a ópera chegava ao fim com a célebre ária "Addio o terra". Era uma hora da manhã!...

— Que faremos?... Até chegarmos ao Colégio, serão mais de duas horas da madrugada...

— Não se preocupem, procurava tranqüilizar-nos o autor daquela façanha. Quando chegarmos, deixem tudo por minha conta.

O irmão leigo, ao abrir-nos a porta, aponta-nos para a sala de visitas:

— O Pe. Reitor manda que o aguardem lá.

Estava a sala com todas as luzes acesas. Aí pene-

tramos de mansinho, com o coração aos pulos. Era o imprevisível que tínhamos pela frente.

O Pe. Reitor não se faz esperar e, sem rodeios, foi logo dizendo:

— O regulamento prescreve a entrada no Colégio, nesta época de verão, às 21 horas. São agora duas horas e meia da manhã. Gostaria que me explicassem onde estiveram e o que fizeram durante todo esse tempo, e como justificam tão grave infração ao regulamento.

— O regulamento — falou o nosso colega — não previu um fato extraordinário como o desta noite. Pela primeira vez, uma ópera da envergadura da "Aída" seria levada a céu aberto, tendo por anfiteatro as ruínas evocativas das Termas de Caracala. Durante toda a semana, os jornais de Roma enalteceram essa iniciativa, prognosticando para ela um sucesso sem precedente. Ficamos contagiados e achamos que não deveríamos perder um espetáculo como esse que, talvez, em toda a nossa vida, não teríamos mais o ensejo de presenciar. Resolvemos, à última hora, sem tempo de nos comunicar com a direção do Colégio. Essa foi, a meu ver, a nossa maior falta.

— Se a consciência de cada um de vocês de nada os inculpa podem subir para suas respectivas "camerata".

A nossa consciência estava tranqüila. Não era uma noitada equívoca que nos pudesse pesar na consciência.

A GREGORIANA

A universidade Gregoriana — assim denominada por ter como fundador o grande papa Gregório XIII — constituía-se num dos mais famosos institutos de ensino superior de que pode, com justiça, ufanar-se a Igreja.

Jovens de todos os quadrantes do orbe para ela afluíam afanosos de se aperfeiçoarem nas diversas disciplinas do currículo universitário. Cerca de quase dois mil alunos freqüentavam, no meu tempo, seus diferentes cursos. No burburinho, que se estabelecia após as aulas, ouviam-se os mais variados idiomas, inclusive o próprio latim, como se aí fora o assento da velha e pretensiosa torre de Babel.

Dentre as suas Faculdades, as de Filosofia e Teologia eram as que maior número de alunos atraíam.

O curso filosófico deixava de lado a rigidez da velha Escolástica para seguir a Neo-escolástica, perfilhada pelo Cardeal Mercier e pelos professores que antes haviam lecionado na Universidade de Lovaina ou na de Insbruck.

Matérias como a Paleontologia, a Etnologia, a Cosmologia, a Sociologia, a Psicologia experimental absorviam a atenção dos alunos, durante três anos. No último ano, era repassada a História da Filosofia, abrangendo as mais diversas e contraditórias escolas para se deter na análise crítica do idealismo de Fichet, Scheling e Hegel e, mais especialmente, na do materialismo de Feuerbach e de Carlos Marx. Não constituiu, pois, nenhuma novidade a determinação de Paulo VI, man-

dando que, em todos os Seminários, se faça o estudo crítico da teoria marxista.

A Teologia, por sua vez, dando larga margem à pesquisa, aprofundava-se no estudo das fontes do Dogma, da Moral, na análise dos valiosos escritos dos Padres dos quatro primeiros séculos da Igreja na acurada exegese dos vários livros das Sagradas Escrituras, feita através do confronto da tradução latina com o original grego e dos vários códices.

Era um estudo sério, absorvente, a exigir dos alunos aplicação e esforço, durante quatro anos de labutar intensivo e cativante.

As maiores sumidades, as que se haviam especializado num dos ramos dessas ciências, eram convocadas, pessoalmente, pelo Papa a virem ocupar as respectivas cátedras na Gregoriana, salientando-se entre outras o Pe. Billot, inconfundível figura de teólogo, que Pio X entendeu premiar-lhe os méritos elevando-o às honras do Cardinalato.

Os professores faziam suas preleções no latim fluente e simples de Cícero, fácil de se entender e agradável de se ouvir. Antes de cada questão tinham o cuidado de apresentar uma extensa bibliografia de abalizados autores, antigos e modernos, que trataram do mesmo assunto, sem omitir os que defendiam opinião contrária à da cátedra.

Providos dessa relação, cabia-nos a obrigação de consultar esses autores, que, por indicação do professor, se achavam à nossa disposição na biblioteca da Universidade ou na do Vaticano. A consulta a esses autores consistia em ler o ponto citado pela cátedra e resumi-lo em nosso caderno de notas. Trabalho interessante e penoso, ao mesmo tempo, mas que não deixava de ser altamente compensador por nos propiciar valiosos elementos com que enriquecer a tese que, no fim do curso, devíamos apresentar para a obtenção do doutorado.

Após as aulas, a secretaria da Universidade nos

fornecia, por preço razoável, as apostilas das preleções proferidas na classe, as quais, oportunamente encadernadas, formavam um livro a mais para a nossa biblioteca particular.

De acordo com os colégios a que pertenciam, os alunos ocupavam na classe bancadas diferentes. Os anglo-saxões agrupavam-se na da direita e nós, latinos em geral, espalhávamos pela do centro e pela da esquerda da cátedra. Nós, os latinos, aprendíamos com mais rapidez os chistes com que um dos nossos professores costumava amenizar a argumentação pesada das suas preleções. Somente segundos depois da nossa risada é que os anglo-saxões se punham a rir. Todas as vezes que isto acontecia, nós os desfrutávamos, imitando-lhes a maneira de rir.

* * *

Era, contudo, no Colégio — que funcionava em perfeita simbiose este com a Universidade — que íamos digerir e assimilar as eruditas preleções ouvidas.

Todas as noites, um Repetidor — quase sempre um assistente da cátedra — se incumbia de nos explanar, inteiramente mastigadas, as dissertações ministradas na Gregoriana.

Aos sábados, um aluno, de antemão escolhido pelo Repetidor, fazia a defesa de uma determinada questão, tendo como argüidores os demais colegas.

Era de se ver a ardorosa emulação entre as várias colônias existentes no Colégio, já torcendo para que seu representante se saísse airoso da pugna, já gozando com a saraivada de sofismas e sutilezas que lhe arremessavam os outros colegas.

E quando tocava a um brasileiro defender uma tese, uniam-se os outros latino-americanos para se atirarem contra ele, encerrando-o dentro do fogo vivo de perguntas e objeções adrede preparadas para confundi-lo.

A nossa situação de ilhado no Colégio Pio Latino-Americano espelhava a real posição do Brasil no continente, isolado dos demais países pela diferença de língua, de índole e de costumes.

Esse fato, entretanto, servia-nos de poderoso estimulante a não permitir a nenhum de nós forrar-se ao dever de se aplicar seriamente ao estudo. Competia a cada um estar sempre preparado para que não sucedesse, numa sabatina, expor-se ao ridículo que, certamente, viria cobrir de vergonha toda a colônia brasileira.

Por isso, era para nós motivo de justa ufania quando a Universidade escolhia um brasileiro para fazer a defesa da tese que, semestralmente, se realizava na Aula Magna. E mais ainda crescia o nosso orgulho quando, ao findar do curso, quer de Filosofia, quer de Teologia, entre tantos de outras nações, o apontado para a defesa pública de tese era um brasileiro.

Esse galardão coube à colônia brasileira no ano de 1916. Quer para o doutorado em Filosofia, quer para o de Teologia, dois brasileiros foram seguidamente indicados para publicamente fazerem suas respectivas defesas de tese. Foram eles Leonel Franca em Teologia e Manuel Macedo em Filosofia.

Cumpre notar que, para esse ato público — em que entrava em jogo o bom nome da Universidade pelo fato dos examinadores pertencerem a outras Universidades — a direção da Gregoriana esmerava-se em selecionar aquele que, dentre tantos, durante todo o curso, se havia revelado como o mais talentoso e mais preparado da classe e, por isso, com as qualidades requeridas para mais enobrecer a fama da Universidade. E foi, precisamente, o que se deu, nesse ano, com os dois brasileiros escolhidos.

Quando ambos subiram à cátedra, em dias diferentes, perante professores estranhos, na Aula Magna, repleta de estudantes, a fim de dissertarem sobre a tese, sorteada na hora e, em seguida, responderem ao

bombardeio de perguntas e objeções, que lhes foram formuladas, saíram-se com tamanho brilho e revelaram tão notável erudição, que tinha o auditório a impressão de estar lá na cátedra, não um aluno a defender uma tese de doutorado, mas, sim, um mestre a proferir substanciosa preleção.

Foi esse um memorável dia de glória para nós, brasileiros, que estávamos, então, cursando a Gregoriana. Nas diversas "camerata" do Colégio, surgiram bandeirolas verde-amarelas e cartazes com os dizeres: "O Brasil não deixa por menos. Não um, mas dois..." No "pranzone", oferecido a todos os alunos, tendo a ele comparecido a representação diplomática brasileira, quando o Pe. Reitor terminou a saudação dirigida à nossa colônia, o Hino Nacional foi ouvido de pé. Nesse ambiente de profunda emoção e de acendrado patriotismo, muitos tinham os olhos enevoados de lágrimas.

O VENDEDOR DE MAÇÃS

O "Trastevere" — onde se localizava o Pio Latino — era um bairro popular, nele predominando ainda o autêntico tipo romano.

Aqueles homens vigorosos, que, na lida cotidiana, víamos cruzarem-se conosco nas ruas e becos estreitos, eram descendentes diretos dos bravos armígeros das aguerridas legiões que submeteram ao jugo das águias romanas grande parte do mundo então conhecido.

Em muitas daquelas fisionomias reproduzia-se ao vivo o semblante de um Júlio César, o famoso conquistador das Gálias, aquele que, num gesto de suprema audácia, ao transpor o Rubicão, proferiu a histórica frase: "Alea jacta est", a sorte está lançada.

Quantas vezes, ao percorrer as ruínas do Forum, as do Senado, não nos veio à lembrança a fascinante imagem de Cícero, de Marco Aurélio, de Scipião, o Africano, de Pompeu e de tantos vultos imortais da antiga Roma! E esses homens lendários — íamos pensando — andaram por estas ruas, respiraram estes ares. subiram a esta tribuna, que estávamos ali a tocá-la com as mãos!...

Quantas Pudencianas, como a filha do nobre romano, convertido ao Cristianismo por Pedro, o pescador da Galiléia!... Quantas Fabíolas, Otávias, Corinas, Lívias e Cecílias não víamos atravessar aquelas ruazinhas estreitas com o mesmo donaire, a mesma graça encantadora de suas homônimas que viveram no passado longínquo desse povo glorioso!...

A "via Gioacchino Belli" começava bem junto ao

Tibre, no "Lungo-tevere Mellini". Em frente ao Pio Latino erguiam-se edifícios de três andares, cada qual com dois ou três apartamentos por andar, todos habitados por famílias de classe média.

Os moradores do terceiro andar, não dispondo de elevadores — ainda não conhecidos naquele tempo — utilizavam-se de um expediente assaz prático, que os livrava de subir ou descer as escadarias dos três andares, quando precisavam fazer as provisões diárias. Atado à ponta de uma corda, faziam descer até o passeio um cesto de vime, no qual os fornecedores, depois de contarem os "soldi" que vinham dentro, depositavam a quantidade correspondente de leite, queijos, manteiga, frutas etc.

Lá no alto, debruçadas na janela, as donas de casa, por meio de gestos, de gritos e imprecações, indicavam o que desejavam adquirir e vigiavam as manobras do fornecedor a fim de não serem enganadas.

Divertíamo-nos a valer com presenciar tais cenas que, todos os dias, se repetiam com a mesma vozeria e estardalhaço.

De tanto contemplarmos esse espetáculo — que nos fazia rir pela sua comicidade — acabamos por adotar o mesmo sistema.

Não podíamos usar as janelas, que davam para a rua "Gioacchino Belli", para não sermos vistos pelos moradores dos prédios fronteiriços. As janelas da ala voltada para o Tibre eram mais discretas: não tinham vizinhança pela frente e, além disso, era de pouco movimento a rua, quase deserta.

Todas as tardes, cerca das 13 horas, descia lá das bandas do "Castel Sant'Angelo", um vendedor de maçãs. Vinha apregoando a mercadoria numa canção dolente, que assim se expressava: "Mele cotte al zucchero, due, due a un soldo", maçãs cozidas no açúcar, duas por um centavo. A voz de barítono, bem impostada, espraiava-se como um gemido pelas margens do Tibre e subia até os últimos andares dos prédios.

De muitas janelas dos andares superiores, presos por uma corda, desciam cestos, iguais ao que havíamos adquirido.

Também nós, os da "terza camerata", passamos a ser fregueses do vendedor de maçãs. Tão logo ouvíamos o já conhecido pregão, colocávamos no cesto o dinheiro correspondente à quantidade de maçãs que desejávamos. Um colega subia numa cadeira e, por cima da meia veneziana fixa — que vedava todas as janelas do Colégio — fazia o cesto descer até a calçada e escondia-se para não ser visto.

Quando o vendedor recomeçava a cantar, esperávamos ainda um bocado para alçar o cesto. Não tínhamos nenhuma queixa quanto à honestidade do nosso fornecedor. A quantidade de maçãs correspondia sempre ao dinheiro colocado no cesto.

De posse delas, tomávamos os livros e saíamos para assistir às aulas da tarde na Universidade. Formávamos grupos de cinco, cada qual tomando rumos diversos. Os mais apressados seguiam pela ponte Cavour. Outros faziam percursos mais longos: pela ponte "Regina Margherita" atingiam a "Piazza del Popolo" para, finalmente, alcançar a "Via della Scrofa", na qual se situava o velho edifício da Gregoriana.

O meu grupo era o dos que não tinham pressa de chegar. Pelo caminho íamos mastigando as maçãs cozidas, que nos lambuzavam as mãos e a boca. Durante o trajeto, aproveitávamos o tempo exercitando-nos em falar latim. O nosso método consistia em reproduzir de cor uma estrofe de uma ode de Horácio ou os primeiros versos de um canto do poema de Virgílio. Começava um: "Arma virumque cano", outro continuava com o verso seguinte e assim por diante. O que titubeasse pagava cerveja para o grupo, após as aulas.

Já fazia meses que vínhamos, pelo referido processo, obtendo as maçãs, sem que houvesse surgido o

mínimo contratempo. Até que um dia apareceu o inesperado e esse de forma aterradora.

O colega encarregado de suspender o cesto, nesse dia, sentiu que vinha com peso excessivo.

— Parece que o Giuseppe — é como se chamava o vendedor — despejou no cesto todas as maçãs.

Antes fosse!... À medida que o cesto se aproximava de nossa janela, fazia-se ouvir, cada vez mais forte, o choro convulso de um recém-nascido. Introduzido que foi o cesto para dentro de nossa "camerata", em lugar das maçãs, lá estava um rechonchudo bebê a gritar sem parar um instante sequer!...

Se um raio houvesse caído entre nós, não nos teria, por certo, produzido maior estupefação. Não se atrevendo ninguém a segurar a criança, foi o cesto colocado no chão e ficamos todos como que hipnotizados a olhar para aquela inofensiva criaturinha que, naquela hora, com seus berros estridentes, nos infundia mais pavor do que se estivéssemos diante de um fantasma.

— Que faremos?... Que faremos?... indagavam todos.

— Devolver a criança para a rua — alvitrou um.

— Seria loucura, ponderou outro. Amanhã os jornais anticlericais armariam um escândalo enorme, envolvendo-nos a todos.

— Quem nos garante — aduziu um terceiro — não terem sido precisamente eles, os inimigos da Igreja, os autores desta perversidade?...

— Não temos outro caminho a tomar — concluiu o mais objetivo dentre nós — senão levar o recém-nascido ao gabinete do Pe. Reitor e contar-lhe como apareceu aqui, na "camerata". Era, sem dúvida, a solução mais acertada, embora nos forçasse a confessar a maneira com que vínhamos, desde algum tempo, adquirindo as maçãs.

Um colega mais afoito, toma o cesto nas mãos, com a criança a gritar e a espernear, e todos juntos descemos ao corredor que conduzia ao gabinete do Pe.

Reitor. Era um corredor comprido e largo, uma verdadeira caixa de ressonância.

Ao nos enfiarmos por ele, o berreiro da criança ecoou estridente pelo amplo corredor. Não houve porta que não se abrisse. Todos delas saíram com olhos esbugalhados de espanto ante a cena inédita de um recém-nascido dentro do Colégio, e, ainda por cima, carregado por um grupo de alunos.

O próprio Pe. Reitor, atraído pelo choro da criança — que, por mais que fizéssemos por acalmá-la, gritava com mais força — saiu de seu gabinete e veio ao nosso encontro para nos interpelar:

— Que brincadeira é esta de vocês, trazendo um recém-nascido para dentro do Colégio?... Não percebem as funestas conseqüências que ela poderá acarretar vindo a infamar o bom nome da casa?

Ficou, então sabendo de que maneira comprávamos, diariamente, as maçãs, e destarte dando ensejo a alguém que, para ocultar seu erro, não hesitara em nos expor a sermos vítimas das mais maldosas suspeitas.

Depois de ouvir apreensivo a nossa exposição, o Pe. Reitor aproveitou a oportunidade para nos dar uma proveitosa lição:

— Nada há oculto que um dia não apareça, disse Jesus no Evangelho. Quiseram esconder à direção do Colégio o que todos os dias vinham fazendo para comer algumas maçãs. Hoje, ficaram sabendo que Deus se serve dos meios mais imprevisíveis para desmascarar a nossa hipocrisia. Nunca mais se esqueçam do que hoje aconteceu. Lembrem-se sempre do cesto, com um recém-nascido a gritar, todas as vezes que tiverem a tentação de cometer uma falta por mais oculta que pareça.

A criança foi entregue a umas Irmãs que tinham a seu cargo uma creche e nós voltamos para a nossa "camerata", refeitos do susto e com pouca vontade de nos provermos de maçãs por semelhante ardil.

O SETE DE SETEMBRO EM FRASCATI

Frascati, cercada de vinhedos a subirem pelas fraldas dos montes Albanos — palco de tantos filmes românticos — Frascati dos vinhos suaves, tão decantados por Horácio em suas odes imortais, é o refúgio preferido por todos os que fogem do cálido verão romano.

As grandes famílias — em cujas árvores genealógicas aparecem papas, reis, generais, cardeais — possuíam aí seus castelos, quase todos de origem medieval, erguidos entre jardins bem cuidados, com fontes e cascatas a surgirem por entre o azul-claro dos tufos de hortências e das sebes de sabugueiros em flor, imprimindo em tudo um ar de graça e de frescura.

A "Rufinella" distante do centro de Frascati cerca de dois quilômetros era uma dessas propriedades remançosas que convidam ao repouso e ao espairecimento após os longos meses de estudo exaustivos.

Sobranceiro a um vale, todo plantado de macieiras e pessegueiros, o velho castelo da "Rufinella" elevava-se numa esplanada, coberta por um tapete verde de grama fina, entrecortado de canteiros floridos e de renques de faias altas e ramalhudas, resguardado a sudoeste por um bosque de velhos ciprestes.

A uns quinhentos metros do castelo, passava a via-férrea que ligava Roma a Nápoles. Bem mais longe, numa baixada, existia um quartel de granadeiros.

Em 1914, no mês de setembro, com a bondosa

aquiescência dos donos da "Rufinella", fomos passar uns quinze dias de férias.

Que dias maravilhosos não foram aqueles! O céu de um azul de turqueza, sempre sereno e uma temperatura doce e amena convidavam-nos a longos passeios a pé. Penetrávamos nos bosques de castanheiros a comer castanhas cruas; contornávamos, depois, as searas, passando à beira de vivendas rústicas, de casas agrícolas, com medas de feno nas eiras e o gado a pastar pachorrentamente restos de trigo, deixado nos campos após a colheita.

De volta ao castelo, à tardinha, nos embrenhávamos num bosque de pinheiros a fim de irmos recitar o terço numa graciosa capelinha dedicada à "Madonna della Speranza", escondida entre ramos do pinheiral.

Certa vez, ao nos aproximarmos da capelinha, deparamos com uma tocante cena de fé que muito nos impressionou.

Uma simples mulher do povo — semelhante à carvoeira da Bretanha, cuja fé ingênua Pascal tanto invejara — estava ajoelhada junto à imagem da Virgem, segurando-lhe a mão, empurrando-a por vezes, como que a chamar-lhe a atenção para o que lhe estava a dizer.

— "Madonna mia", tenho um filho na guerra e não posso perdê-lo porque é tudo o que me resta na vida. Concedei-me a graça de vê-lo voltar para mim são e salvo. Se isto não for possível, que, ao menos, uma bala inteligente lhe raspe o braço ou a perna para que ele consiga safar-se da guerra...

— Que fé encantadora a dessa mulher! — exclamávamos. Como nos ensina a rezar!...

— Reparem — disse um — a intensidade da fé, com que reza, faz-lhe ter diante dos olhos não a imagem, mas a própria Virgem em pessoa.

Aproximava-se o dia sete de setembro. Nunca a Pátria nos fala tanto ao coração, como quando vivemos longe dela. A sua imagem, que tantas saudades evoca, nos está de contínuo presente a ponto de nos emocionarmos, quando, numa mesa de hotel ou na de um bar avistamos uma bandeirinha verde-amarela a suscitar-nos as mais doces reminiscências.

As festas nacionais eram comemoradas, no Pio Latino, com febricitante entusiasmo. Ao desfraldarem-se as respectivas bandeiras, nesses dias, muitos tinham os olhos rasos de lágrimas e era com fervor patriótico que entoavam os hinos de seus países.

A data de sete de setembro, contudo, caía sempre nas férias, quando os alunos se achavam fora de Roma.

Nesse ano de 1914, estávamos na "Rufinella", em Frascati. Não seria isso motivo para que data de tamanha significação para nós, brasileiros, passasse despercebida.

Resolvemos, pois, promover uma reunião festiva no quarto que o meu colega Assis Barros e eu ocupávamos na água-furtada do castelo. Levados por esse intento, fomos a Frascati fazer provisões de comes e bebes. É no que se resumiam as nossas festas estudantis.

Como essa nossa comemoração se daria na noite de 6 para sete de setembro, compramos um lampiãozinho de querosene, porque, estando em plena Grande Guerra Européia, a luz elétrica era desligada, à noite, permanecendo todo o castelo inteiramente às escuras.

À meia-noite, hasteamos a bandeira brasileira, que possuíamos; os copos se encheram com o generoso vinho frascatiano; um colega chileno ergue um brinde ao Brasil e a nós, brasileiros, tomando eu a palavra para agradecer-lho.

O Assis Barros, com a esplêndida voz que Deus lhe deu, acompanhado por ele mesmo ao violão, canta várias canções brasileiras, terminando pelo "Luar do Sertão", entoado em coro por todos nós.

A uma e meia da manhã, chamou-nos a atenção um trem que passava por ali, vagarosamente, com as janelas descidas. Como, no dia anterior, tivesse havido uma grande batalha no Carso, com mortos e muitos feridos do lado italiano, não pudemos coibir a curio-

sidade de irmos à janela para nos solidarizarmos com as dores e gemidos dos que eram transportados por esse trem.

Com a triste visão desses jovens feridos e mutilados, pertencentes à nossa geração, foi cada qual para seu quarto de dormir, alumiando-se de velas.

Ao amanhecer desse dia, o castelo viu-se cercado de soldados. Ninguém podia sair nem entrar até que um tenente viesse a identificar a janela da água-furtada como sendo o ponto donde partiam os sinais luminosos. Os que ocupavam esse compartimento, Assis Barros e eu, fomos conduzidos presos para o quartel de granadeiros.

Até então não havíamos sequer avaliado o risco de vida que corríamos. Era esse, para nós, mais um dos tantos episódios, que se vinham acrescentar a outros anteriores e que sempre terminavam em risos ou num compreensivo conselho do Pe. Reitor.

Foi, pois, com amarga surpresa, que me vi levado à sala do comando a fim de ser submetido a uma espécie de julgamento sumário.

Senti um profundo abalo, que me deixou como que aturdido, quando o tenente, que procedia ao inquérito, me perguntou de chofre:

— A quem o sr. e o seu colega estavam transmitindo sinais luminosos dirigidos para Ostia? O nosso controle interceptou nada menos que setenta TT, com os quais os srs. chamavam a atenção para a mensagem que estavam enviando.

— Tenente, é simplesmente um absurdo o que o sr. está afirmando. Uma inocente reunião de estudantes, como a de ontem à noite, com o fim de comemorar a independência de minha Pátria, o Brasil, não pode fornecer elementos que nos enquadrem no rol de espiões tão ingênuos a ponto de, nas barbas do seu quartel, transmitirem mensagens ao inimigo.

— É um fato que o sr., por mais que queira, não o poderá negar.

Fui reconduzido à cela e o meu colega chamado para ser interrogado. Este, em vez de narrar com naturalidade o que se passara em nosso quarto, na noite anterior, pôs-se a brincar, dizendo que havia composto uma Ave-Maria com setenta compassos e que das 22 horas até uma e meia da manhã, não fizera outra coisa senão ensaiá-la com os colegas; e que marcava o compasso quaternário em forma de T e que, por isso o controle do quartel devia ter apanhado não apenas setenta TT, mas, centenas e centenas deles.

Os nossos depoimentos não concordaram e, por conseguinte, tornou-se extremamente grave a nossa situação.

Os nossos colegas, com a nítida compreensão de que a nossa sorte era a pior possível, telefonaram para o Pe. Reitor, inteirando-o do que estava sucedendo conosco. Este, sem perda de tempo, convenceu o Embaixador do Brasil — que, mais tarde, seria o Pedro de Toledo da Revolução Constitucionalista — a acompanhá-lo até ao quartel de granadeiros, em Frascati.

Desde as sete da manhã, nos achávamos encerrados numa cela estreita, úmida e escura e, até às 20 horas, não nos haviam sequer servido um copo de água... Abatidos mais pela fome e pela sede do que pela prisão em si, as nossas forças principiavam a minguar-se, quando ouvimos, lá no fundo do corredor, vozes um tanto acaloradas. Era o Embaixador que, na companhia do Pe. Reitor, discutia com o Coronel comandante dos granadeiros.

Uma luzinha de esperança que, nem bem começara a bruxulear, apagara-se de súbito, substituída por uma angústia mortal, quando ouvimos o nosso Embaixador dizer ao Coronel:

— Os senhores não podem levianamente fuzilar esses dois rapazes. É de um ridículo sem nome supor que, a uma distância de dez quilômetros dàqui, possa alguém distinguir sinais luminosos emitidos por uma pequena lamparina de querozene!... Destrói-se por si

mesma essa frágil prova com a qual pretendem incriminar meus dois patrícios. Façam-me o obséquio de me cederem o telefone para eu levar ao conhecimento do Primeiro Ministro da Itália o ocorrido e com a ajuda dele impedir que os senhores perpetrem esse crime.

Avalie-se, pois, a sensação de alívio e o alvoroço de alegria, quando vimos, diante das grades de nossa prisão, a figura do Embaixador, magro e alto, e a do carcereiro abrindo as portas de nossa prisão para nos pôr em liberdade.

No caminho para a "Rufinella", ponderou-nos o Embaixador:

— Rapazes, desta vocês se livraram. Em tempo de guerra é muito perigoso cometer qualquer imprudência, por mais inocente que seja. Outra assim, poderá ser-lhes fatal.

SÃO PEDRO NO VATICANO E A FONTE DE TREVI

O ano letivo, na Gregoriana, terminava, praticamente, nos primeiros dias de junho. Os exames começavam logo após a festa de São Luís, divididos em quatro séries.

Cada aluno podia inscrever-se na que melhor lhe conviesse. Muitos preferiam a última, não só para melhor se prepararem, como, principalmente, porque os examinadores, já fatigados, não se mostravam tão exigentes.

O meu grupo era dos que se apresentavam a prestar exame logo que as primeiras bancas de examinadores entravam a funcionar. Obtínhamos assim quatro meses de férias, que procurávamos desfrutar em passeios, excursões, realizados nos meses de julho e agosto, quando o verão, em Roma, é extremamente cálido.

Como um bando álacre de pássaros, ao despontar da primavera, lá íamos para os montes Albanos a percorrer a graciosa constelação de pitorescas cidadezinhas — Frascati, Velletri, Rocca di Papa, Grottaferrata, Mondragone, Castel Gandolfo, Tivoli — umas grimpadas nas fraldas dos morros, outras aconchegadas em vales povoados de densos castanheiros.

Certa vez, fomos passar uns dias em Capri. Numa noite de esplêndido luar, cerca das 23 horas, estando o mar calmo, resolvemos ir à Gruta Azul para verificar o efeito que a luz prateada da lua cheia produziria no interior dela. Nem bem penetramos pela estreita aber-

tura da Gruta, vimos a réstea de luz, que por ela entrava, transformar-lhe a superfície numa refulgente salva de prata. Um colega, mais afoito, em calção de banho, atira-se à água. Seu corpo, como que por encanto, cobriu-se de uma chuva de brilhantes que lhe escorriam pelos braços e pernas, nos movimentos que fazia para nadar.

Era um espetáculo deslumbrante e todos nós nos pusemos a cantar com nossas vozes ganhando amplitude, favorecidas pela boa acústica da Gruta.

O começo do outono trazia para Roma dias maravilhosos. Manhãs frescas, límpidas, sob um céu impregnado de um azul de safira umedecida. Tardes encantadoras, cheias de um sol morno a polvilhar de ouro e púrpura as fachadas de travertino dos palácios, as torres das igrejas, as cúpulas das basílicas, as árvores, os jardins...

Por isso mesmo, o outono atraía para a cidade levas e mais levas de turistas. Transformados, então, em guias ou cicerones, procurávamos reabastecer, com esse serviço, nossa caixa comum, que os nossos passeios haviam bastante desfalcado.

Uns colegas ficavam na Praça de São Pedro e outros iam para perto da Fonte de Trevi. Logo que um casal ou um grupo com máquinas fotográficas a tiracolo era avistado, aproximavam-se dele e, segundo a língua que falava, o que melhor dominasse esse idioma, começava, sem perda de tempo, a fazer o histórico das obras de arte ou do monumento diante do qual se achavam.

Os que se postavam junto das escadarias da Basílica de São Pedro chamavam a atenção dos turistas para a grandiosa praça que tinham diante dos olhos.

— A beleza desta praça, diziam, se caracteriza por seu genuíno estilo barroco. Foi construída em 1656, sob o pontificado de Alexandre VII, por Gian Lorenzo Bernini. Concebeu-a sob a forma trapezoidal elíptica. É a sua maior obra como arquiteto urbanista. Para

lhe dar maior imponência, colocou, no centro dela, esse grande obelisco egípcio de 40 m de altura e 304 quilos de peso, que o imperador Calígula, no século 1, fê-lo transportar para Roma. Ergueu, lado a lado dele, essas duas fontes monumentais — ele que povoara Roma com todas essas sugestivas fontes, que tiveram já a ocasião de admirar. Esse anel de colunatas, que circunda a praça, igualmente de sua autoria, tem 17 m de largura por 23 m de altura. Forma como que um gracioso adorno à guisa de colar, em cujo centro se engasta a majestosa fachada da Basílica. É composto de quatro filas de colunas, com três galerias, numa das quais — a do centro — dois automóveis pequenos podem passar com facilidade. São ao todo 284 colunas que sustentam a imponente cornija, sobre a qual se enfileiram 284 estátuas de 2,70 m de altura.

Ao subir as largas escadarias de São Pedro, os turistas ouviam atentos a história da construção da Basílica, desde quando Nicolau V mandara demolir a antiga Basílica de Silvestre I para, em seu lugar, ir-se erguendo, em mais de século e meio, esse grandioso monumento, em cujas paredes e obras de arte deixaram impressas as marcas de seu gênio, os maiores artistas do fim do período renascentista, a começar de Bramante até Miguel Ângelo.

Bramante, imbuído do ideal da Renascença romana, sonhara colocar a cúpula do Panteão sobre a Basílica de Constantino, dando-lhe o formato de cruz grega de braços iguais. Maderna, porém, no século XVII, modificara a planta, puxando um dos braços para lhe dar o formato de cruz latina, construindo, em estilo barroco, essa fachada tal como a estamos vendo.

Coube a Miguel Ângelo a suprema glória de, com os parcos elementos então disponíveis, erguer, sobre o centro do transepto, a imensa cúpula, que, ainda hoje, domina o panorama de Roma.

Antes de transporem os umbrais da porta central, os turistas eram alertados pelo guia:

— Vão conhecer agora o maior templo da Cristandade. O grandioso dele, não assombra, porque se escuda em linhas tão harmoniosas, com suas moles em proporções tão equilibradas que dão a falsa impressão de existirem, no mundo, outros maiores.

E, para que pudessem ter diante dos olhos a prova palpável do que afirmavam, acrescentavam:

— Estão vendo aquela pombinha, com um ramo de oliveira no bico, dentro do retábulo que fica acima do soco da primeira coluna? Aqui, de onde se encontram, cada qual julga poder tocá-la com as mãos... É um engano, produzido pela harmonia das proporções. É só se aproximarem da coluna para verificarem que a pombinha fica longe do alcance das mãos!

Havia sempre os renitentes que duvidavam.

— Como não?! — exclamavam. Essa pombinha está à altura dos nossos olhos...

Originava-se uma aposta, no valor de cinco liras, que sempre ganhávamos.

Uma vez dentro do templo, depois de realçarem o valor artístico das pinturas, dos afrescos, dos valiosíssimos mosaicos, dos monumentos funerários de vários Papas, tendo como autores Rafael, Botticelli, Tintoretto, Miguel Ângelo e Bernini, paravam defronte do baldaquino existente sobre o túmulo de São Pedro.

— Estão de novo, continuavam a discorrer, diante da mais bela obra de Bernini como decorador. Foi construído em 1624, a pedido de Urbano VIII para que, nas grandes solenidades, fosse aí colocado um trono dourado para nele sentar-se o Papa. Muitos estudos foram feitos para que esse baldaquino, erguido no centro da nave central, não lhe quebrasse a harmonia de ritmo e de espaço arquitetônicos. Bernini o projetou com 29 m de altura, todo de bronze dourado, pesando 700 toneladas. Nessa obra, o que mais provoca a admiração, são as quatro majestosas colunas retorcidas que sustentam o dossel. São chamadas de colunas salomônicas, porque, no dizer de muitos, as colunas do templo de Salomão tinham os fustes retorcidos.

Ao terminar a visita pelo interior da Basílica, o guia aproveitava o ensejo para transmitir uma mensagem.

— Acabaram de admirar as obras-primas de um Miguel Ângelo, de um Rafael, de um Bernini... A impressão, porém, que cada qual deverá levar consigo, é a de que São Pedro encarna não somente os vinte séculos cristãos, como ainda se aprofunda na pré-história da Igreja. Aqui se ouvem as vozes que brotam das páginas da Bíblia, os suspiros dos Patriarcas, as lamentações de um Jeremias, os salmos de Davi, a par do encanto místico do templo de Salomão.

A Fonte de Trevi era, depois de São Pedro, um dos pontos mais procurados por todos os turistas. Localizada entre a "Via del Corso" e a "dei Tritoni", ficava no caminho de tantos outros locais de interesse histórico, tais como o Panteão, os Foros Imperiais, as Termas de Trajano, o Teatro Marcelo, com suas ruínas esburgadas, mas ainda altivo nas suas doze arcadas exteriores.

Os colegas, que lá estacionavam, mostravam a riqueza de pormenores da maior e mais famosa fonte de Roma: a figura central de Netuno, do escultor Pietro Bacci, as figuras da Fertilidade e das Virtudes Curativas da Água, no estilo rococó do escultor Filippo Della Valle.

Além do inestimável valor artístico, a Fonte de Trevi tornara-se célebre pela interessante lenda das três moedas, que correu mundo através de um filme com esse mesmo nome.

Não perdia tempo o guia e passava a contá-la:

— Em tempos que se confundem com os primórdios de Roma, certa pitonisa morava numa cabana existente ao pé da fonte, que nasce aqui mesmo. Todos os que se afastavam de Roma, tomando a direção de Nápoles, tinham a precaução de vir consultá-la para

saber se nenhum acidente lhes sobreveria nas estradas — naquela época tão infestadas de ladrões e de bandidos — e se lograriam a ventura de tornar a ver Roma.

A pitonisa, após uns segundos de silêncio, dizia-lhes: voltará a Roma o que jogar uma moeda na fonte: o que atirar uma segunda encontrará o seu amor; uma terceira fará com que se case com esse amor.

Nós ajuntávamos uma quarta que, quase sempre dava resultado, sobretudo com os americanos de mais de dez anos de casado: quem lançar uma quarta, divorciar-se-á desse amor.

Havíamos criado um rito especial para o lançamento das moedas. O turista devia ficar de costas para a fonte e, com a moeda entre o polegar e o indicador, atirá-la por cima do ombro, da direita para a esquerda.

Dois colegas postavam-se bem atrás, junto à fonte e, à medida que as moedas iam sendo lançadas, esforçavam-se por apanhá-las no ar. Muitas delas, a maior parte, caíam na fonte. O expediente para retirá-las era extremamente simples.

O colega que fazia as vezes de guia convidava os turistas para irem conhecer a igreja mais caracteristicamente barroca de Roma — o "Gesù". Pelo caminho, aproveitavam para descer diante da igreja dos Santos Apóstolos como pretexto para irem saborear a cerveja de Munique, servida por uma cervejaria alemã, instalada num porão, ao lado da igreja.

Os dois colegas, que haviam permanecido na fonte, tiravam os sapatos e as meias e entravam nela, procurando catar o maior número de moedas.

Quando a tarde vinha caindo e os horizontes, lá para as bandas dos montes Albanos, se tingiam de ouro e opala, o guia sugeria um passeio pela Vila Borghese e pelo Pincio para contemplarem a vista panorâmica de Roma e, ao mesmo tempo, admirarem o clássico pôr do sol por detrás da cúpula de São Pedro.

A AUDIÊNCIA PARTICULAR COM PIO X

Encontrava-me em Roma fazia mais de dois anos, sem ter tido a ventura de ver de perto a impressionante figura de Pio X, cuja fama de santidade se ia espalhando graças aos muitos milagres que lhe eram atribuídos.

Vira-o, é verdade, porém, de longe, quando do alto da janela do "Cortile San Damaso" ou quando, levado na "Sedia Gestatoria", entrava na Basílica de São Pedro a distribuir bênçãos às multidões que o aclamavam. Nessas ocasiões, fazia um gesto para impor silêncio aos mais exaltados, que gritavam: "Evviva il papa Re".

Em junho de 1914, porém, iria eu ter a auspiciosa oportunidade de ser recebido por Pio X, em audiência particular.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, meu arcebispo, e Dom Alberto José Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto, tinham vindo a Roma em visita "ad limina". Ambos seriam recebidos pelo Papa, em dias diferentes. Como Dom Alberto não houvesse trazido consigo um secretário, fui eu designado para acompanhá-lo.

No dia e hora aprazados, estávamos na ante-sala do gabinete particular do Papa. Nem bem havíamos chegado, já se apresentava Mons. Samper, camareiro secreto de Pio X, para, dirigindo-se a Dom Alberto, dizer-lhe:

— V. Exa. Revma. pode entrar, e o senhor, — apontando para mim — espera aqui.

Vinte minutos depois, o mesmo Mons. Samper surgia para me avisar:

— O Santo Padre deseja vê-lo. Ao entrar na sala — continuou —, o senhor faz uma genuflexão no limiar, outra no meio e a terceira perto do Papa, e não lhe beije os pés, porque Sua Santidade não o permite.

Fui presa de intensa emoção porque, enquanto ficara esperando, lera, nos jornais do dia, um grande milagre que Pio X fizera ainda na véspera.

Era costume serem recebidos, na semana da Páscoa, a fim de obterem do Papa a bênção nupcial, os membros da nobreza romana que se haviam casado durante a Quaresma.

Na véspera, um casal de príncipes conseguira uma audiência particular. Atacado de reumatismo gotoso, Pio X — que não podia permanecer muito tempo de pé — atendia, muitas vezes, sentado numa poltrona.

Ao entrar na sala, em que se achavam os príncipes, o Papa notou que a esposa, tendo uma criança nos braços, chorava copiosamente. Ordena que ambos se sentem lado a lado dele. E, dirigindo à princesa, pergunta:

— Por que chora, minha filha?

— Santo Padre, responde ela, há dois anos estivemos aqui para receber a bênção nupcial, e esta minha filha, que é o primeiro fruto do nosso matrimônio, está atacada de paralisia infantil... E as lágrimas se lhe deslizavam pelas faces.

— Deixe-me vê-la, pede o Papa. A mãe trêmula de emoção, entrega-lhe a filha. Pio X põe-na de pé sobre seus joelhos, por alguns instantes e, restituindo-a à mãe, diz:

— A senhora está enganada. Sua filhinha não sofre de nada... Experimente fazê-la andar e verá...

Com espanto e alvoroço de alegria, os pais viram a filha caminhar normalmente. Estava de todo curada!

Sob essa forte impressão é que entrei na sala. Ao contemplar Pio X, reclinado sobre uma escrivaninha

americana, todo de branco, com seus dois olhos grandes, cheios de um misto de doçura e de melancolia, voltados para mim, como que a querer esquadrinhar-me a alma, caí de joelhos, como se estivesse diante de uma aparição.

Vendo que não me levantava do lugar — porque se me esvaíram as forças — Pio X, num gesto largo, com a palma da mão virada para cima, ordena-me em italiano:

— "Alzatevi".

Reunindo todas as minhas energias, levantei-me, cambaleando, para ir cair de joelhos a seus pés.

Observando a minha grande comoção, procura o Papa tranqüilizar-me, brincando comigo como se eu fosse uma criança.

— "Parlate italiano?"

— Si, Santo Padre.

— "Siete italiano"?

— No... Ia completar a frase, quando ele me interrompe, enumerando uma após outra estas nacionalidades.

— "Francese, spagnolo, tedesco, inglese?"

Diante dos meus sucessivos "no", exclama:

— Allora cosa siete?

— "Sono brasiliano, Santo Padre".

— "Brasiliano!... Ma Come... Se non siete nero!"

A admiração do Papa, ao ver um brasileiro de pele clara, de cabelos castanho-escuros, explicava-se pela impressão que, dias antes, lhe causara uma peregrinação, chefiada por Dom Silvério Gomes Pimenta — o piedoso Arcebispo de Mariana, também ele com fama de santo — que era de pele escura, acompanhado de vários monsenhores e de senhoras de cor.

— "Allora, brasiliano bianco... Cosa studiate?"

Era costume chamar de filósofos os estudantes de filosofia e de teólogos os que estudavam teologia. Por isso, com a maior naturalidade, respondi:

— "Sono filosofo, Santo Padre".

— "I miei rispetti" — disse sorrindo e, tirando o barrete e a olhar para Dom Alberto que a tudo assistia admirado, acrescenta:

— "Siamo dinanzi a un altro Aristotele, un altro San Tommaso d'Aquino!"

— "Voglio dire che sono studente di filosofia" emendei-me confuso.

— "Ma, si... Ho capito... il Papa sta scherzando... Cosa desiderate?" — pergunta-me.

Além de uma porção de terços para serem bentos, trazia escondida uma bênção papal para a qual pretendia obter um autógrafo de Pio X, a fim de oferecê-la à minha professora, Dona Sinhazinha, que, naquele ano, festejava seu jubileu de prata de professorado.

Ao saber que fôra ela que despertara em mim a vocação para o sacerdócio, não hesitou um instante: tomou a caneta e escreveu:

Pius Papa X.

— "C'é altro da desiderare?" — pergunta ainda.

Na semana seguinte devia eu prestar exames de Filosofia na Gregoriana. Os examinadores estavam sendo rigorosos, distribuindo reprovações em penca e asseveravam que o faziam por ordem de Sua Santidade, disse eu ao Papa.

— "Si, è vero" — respondeu-me.

Disse-lhe, então que, na próxima semana, iria prestar exames e temia pela minha sorte. Queria, pois pedir-lhe uma bênção, mas, a frase em italiano, de que me servi para consegui-la, revelou, sem eu querer, a minha íntima presunção.

— "Santo Padre, voglio una benedizione per riuscire bene in tutti i miei esami!..."

Era como pedir uma bênção, não para passar nos exames e sim, para fazê-lo com grande brilho.

Por isso, quando o Papa — que vinha brincando comigo — se concentrou por alguns segundos, preparei-me para ouvir com toda a humildade um sermão

sobre os efeitos perniciosos do orgulho. Pio X, porém, não levando em conta a desastrada forma de me expressar, pronunciou esta impressionante frase, que nunca mais pude esquecer:

— "Non voglio favorire la pigrizia, purchè studiate benediró tutti i vostri esami".

Tirando o barrete da cabeça, deu-me a bênção trina do Pontifical. Colocando, depois, as mãos sobre a minha cabeça, com os olhos voltados para o céu, perguntou-me:

— "Siete soddisfatto?"

Os maravilhosos efeitos dessa bênção iriam manifestar-se em todos os exames que, nos cinco anos seguintes, prestaria eu na Gregoriana.

Foi, contudo, na defesa de tese para a obtenção da láurea em Teologia que, mais extraordinariamente, senti a presença da bênção daquele que, cinco anos atrás, havia falecido.

Sentado diante dos meus examinadores, tendo sobre a mesa, que nos separava, a Patrística, numa edição de 10 volumes, e mais o Antigo e Novo Testamento e o Encheridion, durante vinte minutos, dissertei sobre o ponto sorteado, sendo em seguida argüído pelos examinadores.

Como o ponto, que a sorte me indicara, fora o do Primado do Pontífice Romano, um dos examinadores, contestando a minha argumentação, afirmou:

— A Igreja Oriental jamais admitiu esse Primado que o sr. acaba de conferir à Igreja de Roma.

— A **Prima Clementis**, repliquei — cuja análise foi objeto de minha exposição sobre o Primado do Bispo de Roma — é a prova mais convincente de que já, no século 1, o Oriente como o Ocidente reconheciam em Roma o Primado de jurisdição. Se não como explicar a intervenção de Roma na Igreja de Corinto para repor em suas funções os membros do presbitério depostos por uma sedição, sendo ela obedecida sem contestação alguma? Nesse episódio, o que torna ainda

mais patente a supremacia de Roma é o fato de, estando ainda vivo o apóstolo João, em Éfeso, não ter este intervindo, quando seria tão natural que o fizesse na sua qualidade de apóstolo, sendo maior a relação entre Éfeso e Corinto do que entre Roma e Corinto.

Poderia, igualmente, citar a Carta de Inácio de Antioquia à Igreja de Roma, na qual diz textualmente ser a que "preside no lugar da região dos romanos". Muitos outros Padres da Igreja Oriental poderiam ser lembrados, notoriamente Efrém, o que, com mais eloqüência, falou sobre o Primado do Bispo de Roma.

Com um sorriso de desafio, o examinador aponta-me para a Patrística e declara:

— Duvido que encontre na Patrística esse seu aludido testemunho de Efrém.

A Patrística, em que eu havia estudado era a de uma edição de cinco volumes. A que estava diante de meus olhos espraiava-se em 10 volumes, deitados de três em três. Não me seria possível descobrir imediatamente em que volume dessa edição poderia eu encontrar o citado testemunho.

Olho para os três volumes, que estavam bem na minha frente e invoquei a proteção de Pio X:

— Meu bom Pio X, o Senhor sabe que eu estudei. Mas, não na edição desta Patrística. Fiz a minha parte. Agora toca a sua vez.

Tomo o volume que estava entre os dois e abro-o na metade. Um calafrio de pavor percorre-me toda a espinha dorsal... Lá estava no alto da página: "Discurso de Santo Efrém sobre a Soberania do Pontífice Romano!..."

A CRISE DE VOCAÇÃO

Um menino de 11 anos, no último ano do curso primário, entende, um belo dia, que pode ridicularizar os que se dedicam ao serviço de Deus, amargurando profundamente a sua professora, de quem recebe salutar repreensão. Esse fato aninha-se nos subterrâneos de seu subconsciente.

Mais tarde, esquecido dessa irreverência, entra a fazer parte do grupo de coroinhas de uma igreja. Vê-se, então envolvido pelo ambiente de espiritualidade aí reinante: Missas, comunhões, confissões, pregações e o que se achava sepultado nas profundezas do subconsciente sobe à tona, transformado em inclinação para a vida sacerdotal.

Era ainda uma leve aspiração que, como tal, perduraria em todo o transcorrer do curso ginasial. A avaliação do que, na realidade, fosse a missão de um padre e qual o regime de vida a que devesse submeter-se, não entrara ainda em análise de profundidade.

Quando se lhe apresentou a alternativa ou ir aos Estados Unidos ou a Roma, a preferência por esta não significou uma decisão mais definida. Fora impulsionada mais pelo desejo de conhecer a Europa do que por qualquer outro motivo.

Por outro lado, no Colégio Pio Latino-Americano, não havia um plano preestabelecido a inculcar uma vocação que não correspondesse ao mais íntimo desejo de seus alunos. Nada os forçava a abraçar a carreira sacerdotal.

Assim é que ambos os representantes da Arqui-

diocese de São Paulo se dispuseram a receber as ordens menores tão-somente após concluído o curso teológico. Quiseram que a vocação para o sacerdócio se lhes fosse aclarando e firmando à medida que se aprofundavam no estudo da História da Igreja, no do Dogma e da Moral, no da Exegese das Sagradas Escrituras e no da Patrística.

Um fator, contudo, viria, de forma preponderante, influir para que ambos se decidissem: a lição de heroísmo dos primitivos cristãos que, na arena do Coliseu, derramaram até a última gota de sangue para proclamar sua fé em Cristo, e cujos corpos gloriosos jaziam sepultados nas Catacumbas. Mais do que as exortações, os livros de ascese, os retiros espirituais, moveu-os o perfume de fé ardente a exalar-se das paredes úmidas das Catacumbas, onde, entre milhares de epitáfios, lia-se este:

HIC LICINIUS DUX MILITUM
DECOLLATUS PRO FIDE CUM FAMILIA
TOTA QUIESCUNT IN PACE

Aqui descansam em paz o capitão Licínio e toda a sua família, degolado por causa da fé.

* * *

Aos 24 anos, pois, estávamos ambos suficientemente motivados, espiritual e intelectualmente falando, para livremente fazermos nossa opção definitiva.

Uma carta, que Dom Duarte Leopoldo e Silva, nosso Arcebispo, nos endereçara, viera, entretanto, obrigar-nos a reconsiderar a nossa decisão.

Chegara a seu conhecimento, em São Paulo, o episódio, já referido, em que ambos nos vimos envolvidos em Frascati. O que mais sobressaltara o ânimo de nosso bom Arcebispo, além da nossa prisão, fora saber

que Assis Barros tocava violão, acompanhado por todos nós.

Dizia-nos, textualmente, em sua carta: "O violão é um instrumento canalha e acanalhante".

Se Dom Duarte ainda vivesse, morreria por certo de espanto, ao ver o recinto sagrado das nossas igrejas não só invadido por bandos de tocadores de violão, senão também profanado pela música do samba e do iê,iê,iê, a suplantar as melodias dos cânticos sacros.

O que mais nos surpreendera fora a forma com que Dom Duarte se referira aos que haviam estudado em Roma, englobando-nos a ambos que lá encontrávamos: "São uns orgulhosos, uns presunçosos que, por terem freqüentado os bancos da Gregoriana, de regresso a São Paulo, julgam-se com o direito de vir dar lições ao Arcebispo. Estão, contudo, redondamente enganados, porque, em aqui chegando, farei de ambos farelo".

Muito mais tarde é que viemos a saber a razão desse amargo e ameaçador desabafo do nosso Prelado.

Uma transformação estrutural se dera no Seminário Provincial de São Paulo com a destituição de Mons. Maximiano da Silva Leite e do Pe. João Gualberto do Amaral dos respectivos cargos que nele ocupavam. Tanto um como outro, assim como alguns professores, haviam sido alunos do Pio Latino e da Gregoriana.

Causava imenso desgosto ao Arcebispo a formação que vinha sendo impressa nos que seriam seus futuros padres. Não podia concordar com as críticas feitas a cônegos, monsenhores e a Prelados e, muito menos, com que aos seminaristas alguém ensinasse que a obediência devida aos superiores tinha como norma a ensinada pelo Apóstolo São Paulo: "obsequium rationale", a obediência racional e não a obediência cega imposta por Santo Inácio aos Padres da Companhia.

Essa tese, que, na época, produzira um verdadeiro terremoto no Seminário de São Paulo, está hoje plenamente vitoriosa com o mágico nome de "diálogo".

* * *

Depois dos longos anos passados, em Roma, a freqüentar os cursos de filosofia e teologia, ao que mais ardentemente aspirávamos era poder continuar a estudar, aprofundando os nossos conhecimentos nessas duas matérias. Lecionar no Seminário, transmitir a nossos alunos o fruto das nossas pesquisas nessas disciplinas, — como nos prometera Mons. Maximiano ao nos enviar para Roma — era para nós a mais ampla realização.

Não nos acudia à mente a insensata vaidade de nos sobrepor a nossos colegas e, muito menos, a nosso Arcebispo, a quem devotávamos grande e sincera veneração.

Não compreendíamos, pois, como pudéssemos ser tachados de presunçosos e orgulhosos, sem que para isso tivéssemos dado o menor motivo... E, por que esperar o nosso regresso para nos reduzir a farelo?!...

Diante dessa perspectiva, nada lisonjeira, de um sacerdócio frustrado, resolvemos abandonar o Colégio.

— Bem fizemos nós, disse Assis Barros, em não termos recebido até agora as ordens sacras. Estamos completamente livres para seguir qualquer outra carreira.

Meus avós paternos viviam, nessa época, em Braga. Muitas cartas me haviam escrito convidando-me a passar as férias em Portugal.

— Vamos morar com meus avós, em Braga, e estudar Engenharia ou Direito na Universidade de Coimbra.

Aceita a minha proposta, fomos ao quarto do Diretor Espiritual do Colégio, o Pe. Tournier, para comunicar-lhe a nossa resolução.

Era ele um perfeito homem de Deus e um experiente psicólogo. Ouviu, sem nada dizer, a tradução para o italiano dos dizeres da carta do Arcebispo e a

resolução a que tínhamos chegado. Por fim, disse-nos apenas isto:

— Se essa foi a melhor forma encontrada por vocês a fim de sopitar a mágoa e a revolta que essa carta lhes produziu, nada mais me resta senão concordar: deixem o Colégio e sejam muito felizes.

Ao lado direito do altar-mor da Capela do Colégio havia uma capelinha dedicada a Nossa Senhora da Piedade, cuja imagem era revestida de um manto azul-escuro, bordado a ouro. Tinham os alunos o costume de dependurar nesse manto as medalhas conquistadas nos exames feitos na Universidade. Eram medalhas de ouro, de prata e de bronze. Também nós havíamos oferecido a Nossa Senhora as medalhas por nós obtidas.

Dirigimo-nos à capelinha para despedir-nos da Virgem da Piedade.

Ajoelhados que fomos aos pés daquela imagem, um não sei quê de estranho passou a dominar-nos. Assis Barros, com as duas mãos cobrindo o rosto, soluçava. Eu vi-me como que desdobrado em duas pessoas: uma que permanecia ali de joelhos fiel à sua vocação e a outra que andaria por esse mundo afora a sentir saudades indeléveis da que lá ficara de joelhos.

— Estamos sendo precipitados — rematou Assis Barros enxugando as lágrimas.

— É verdade, concordei. Vamos falar de novo com o Pe. Tournier.

— Muito bem, rapazes, concluiu ele, após ter ouvido a narração do que se passara com cada um de nós. Sair do Colégio para estudar Engenharia ou Direito pareceu-lhes a vocês como o meio mais eficaz de se vingarem de Dom Duarte, privando-o de dois bons padres. Mas, em última análise, quem ficaria terrivelmente castigado seriam vocês com os sobrevindos remorsos nesta vida e, talvez, com a perda da bem-aventurança na outra.

A ORDENAÇÃO SACERDOTAL E A BASÍLICA DE SÃO JOÃO DE LATRÃO

Abril vinha chegando e, com ele, o fim do inverno que, naquele ano de 1917, se mostrara áspero e rigoroso.

Os primeiros dias de abril tinham o encanto festivo da primavera a se anunciar nas árvores dos passeios e dos parques a se cobrirem de folhas e nos canteiros dos jardins com as flores a despontarem tímidas e multicores.

O céu cor de chumbo, que, no inverno todo, cobrira a cidade, já se vestia de um azul lavado, escampo e profundo.

Um sol medroso e sem brilho não lograva, contudo, neutralizar as rajadas glaciais do vento norte a nos fustigar, impiedoso, o rosto e as mãos.

A tiritar de frio e tocados, muito mais pela emoção, os dez candidatos ao Presbiterato, apresentados pelo Colégio Pio Latino, caminhavam pensativos pisando as lajes milenares daquela "Via Appia", por onde passavam os primeiros cristãos ao se dirigirem para as Catacumbas. Na manhã de 7 de abril, nós, os ordenandos, fazíamos o mesmo percurso para atingirmos a Arquibasílica de São João de Latrão, em cujo frontispício da fachada principal se lia: "Mater Omnium Ecclesiarum".

A Catedral do Bispo de Roma — que era, então, Bento XV — estava mergulhada no silêncio e no rigoroso luto do Sábado Santo.

Não se viam as estátuas dos doze Apóstolos, co-

locados nos nichos das doze pilastras da nave central, cobertas que estavam por pesados mantos roxos. O próprio teto da Arquibasílica, tão rico em debruns de ouro, tão cheio de vida no seu desenho grandioso e equilibrado, desaparecia envolto em sombras.

Com o coração a bater em ritmo mais acelerado, percorremos os 130 metros da espaçosa nave central em busca da sacristia, onde já se encontravam os colegas de outros colégios que, unidos a nós, perfaziam um total de 60 ordenandos. Revestidos de sua vistosas indumentárias roxas, lá estavam os Cônegos Lateranenses a palestrarem animadamente enquanto esperavam o início das longas e cansativas cerimônias do Sábado Santo, durante as quais receberíamos a Ordenação Sacerdotal.

Na ampla sacristia, com seu teto e paredes cobertas com valiosos painéis, com suas arcas e cadeirado em estilo barroco, os 60 ordenandos — concentrados na meditação do mistério que neles se ia realizar — vestiam o amito, a alva e a estola, sobraçavam a casula, preparando-se para a procissão que daí a pouco rumaria para a porta central a fim de aguardar a chegada do Cardeal Basílio Pompilli, Vigário Geral, que, em nome de Bento XV, presidiria as cerimônias litúrgicas e lhes conferiria as ordens sacras.

Com a chegada do Cardeal, inicia-se, junto à entrada da Arquibasílica, a bênção do fogo novo e a do círio pascal que, uma vez aceso, o diácono toma-o nas mãos e, seguido por todos nós, penetra na Arquibasílica inteiramente às escuras, proclamando por três vezes que Cristo é a Luz do mundo.

Fomos ocupar as cadeiras postas diante das estalas dos cônegos e aí assistimos ao canto do precônio pascal e das oito longuíssimas lições que a liturgia então determinava.

Iniciado o canto da Ladainha de todos os Santos, a um aceno do mestre de cerimônias, estendemo-nos ao comprido sobre o mármore frio do presbitério. Quan-

tas apreensões não nos assaltaram naquele momento... Era o futuro, repleto de incertezas e de mistérios a se abeirar de nós, que ali estávamos com a face mergulhada numa fofa almofada roxa...

Quem nos visse, naquela hora, estirados e imóveis, teria a impressão de estar diante de um campo de batalha, juncado de cadáveres. Morríamos deveras para o mundo, com todas as suas pompas e enganosas seduções.

Só após a bênção da Fonte batismal é que começou a Missa e, com ela, a nossa Ordenação sacerdotal.

Ia-nos gradativamente aumentando de intensidade a emoção até atingir o auge quando o Cardeal Pompilli e os 25 cônegos que o acolitavam, de pé, com as mãos estendidas por sobre as nossas cabeças, invocaram o Espírito Santo, rogando-lhe que nos viesse colmar dos seus dons.

Vai então sentar-se o Bispo, numa poltrona, colocada ao pé do altar. Todos nós, em fila indiana, vamos, cada um por sua vez, ajoelhar diante dele. Impõe as mãos sobre cada um de nós para nos transmitir os poderes de consagrar o pão e o vinho e de perdoar os pecados, como fizeram os Apóstolos com seus sucessores. E, era um sucessor dos Apóstolos, que, numa seqüência ininterrupta, ali estava a nos conferir esses mesmos misteriosos poderes!...

Unge-nos, em seguida, as mãos com o óleo santo a fim de que abençoado ficasse tudo o que elas abençoassem. Por último, desdobra o Pontífice a casula, insígnia do sacerdócio, sobre os ombros de cada um dos ordenandos. Éramos, daquele instante, sacerdotes para todo o sempre a concelebrar agora com o Vigário do Papa Bento XV!...

Ao chegar o momento da consagração, com que tremor nos lábios, não pronunciamos, juntamente com o Pontífice, as palavras com as quais, na última ceia, Jesus converteu o pão e o vinho no seu corpo e no seu sangue preciosíssimo!...

As minhas três primeiras Missas se revestiram de um significado todo especial... A primeira nas Catacumbas de São Calisto, onde a semente do Evangelho, lançada por Pedro, medrara logo e se desabrochara em flores das mais peregrinas virtudes e do mais admirável heroísmo. A segunda na Basílica de São Pedro, junto ao túmulo do Príncipe dos Apóstolos, a indestrutível pedra sobre a qual Cristo alicerçara a sua Igreja. A terceira na igreja de São Joaquim, numa capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida, Rainha que tem seu trono no coração de cada brasileiro.

A Missa, celebrada nas Catacumbas, rodeou-se de circunstâncias inesperadas que, por um triz, o pânico não se ia apoderando de mim.

Na hora convencionada com os religiosos — sob cuja guarda estão as Catacumbas de São Calisto — meu colega e eu chegávamos à boca do subterrâneo, onde já éramos esperados pelo guia, que nos conduziria até a sala do Papa São Dâmaso.

Dirigiu-nos através de corredores escuros, alumiados apenas pela luz baça das velas que tínhamos nas mãos.

Encravados nos muros, de um e de outro lado, havia sepulcros e mais sepulcros com suas respectivas placas de mármore em que se viam gravados epitáfios e simbólicos entalhes: a pomba, a significar a alma liberta; a fênix, emblema da ressurreição; a palma, sinal do martírio; o monograma de Cristo, formado pelas letras gregas X e P entrelaçadas e, mais freqüentemente, um cestinho de pães sotoposto a um "peixe", representação simbólica do Salvador, porque as cinco letras da palavra "peixe" em grego, são as iniciais destas palavras do famoso "Crisma": Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Era o testemunho da fé dos primeiros cristãos na presença real de Cristo no pão eucarístico.

Enveredamos, depois, por labirintos de corredores, sempre mais envoltos na escuridão, até que por fim se deteve o guia a acender pequeninas lâmpadas de azeite,

feitas de barro, colocadas nos cantos do corredor que dava para uma sala mais ou menos espaçosa, em cujo centro, sobre fustes de pedra tosca, descansava uma laje.

Era o altar, onde Pedro e Paulo, tantas vezes, celebraram o mistério eucarístico e onde eu ia rezar a minha primeira Missa. Dois rústicos castiçais, um crucifixo, dois vasos com flores e as toalhas completavam o pequenino altar.

No instante em que pronunciei as primeiras palavras — "Introibo ad altare Dei" — só não abandonei tudo e pus-me a correr espavorido, porque estavam comigo o meu colega e o guia.

É que, nesse momento, um coro de vozes infantis, que parecia vir lá do fundo das Catacumbas, iniciava o "Kyrie" da comovente e maravilhosa "Missa de Angelis". A imaginação espertada pelo medo, fazia-me crer que era de virgens, de crianças mártires aquele coro de tão doce e celestial harmonia.

Com grande esforço, pouco a pouco, fui dominando os nervos, auxiliado pela tranqüilidade de meu colega e do guia, podendo assim continuar a Missa.

Foi tão somente no fim que atinei com a chave daquele enigma.

Estando na embaixada do Brasil junto à Santa Sé para convidar os nossos representantes diplomáticos para as cerimônias da ordenação e primeira Missa nas Catacumbas, lá fiquei conhecendo uma condessinha, cujos avós, depois da proclamação da República, se decidiram a acompanhar o Imperador Dom Pedro II no exílio, fixando residência em Paris.

Ao saber ela que a minha primeira Missa seria nas Catacumbas, comprometeu-se em ir assisti-la. E, para que essa Missa se revestisse de maior solenidade, houve ela por bem contratar a Escola "cantorum" de São Silvestre, composta de 50 meninos, e os escondera nas trevas de um dos corredores a fim de que fosse mais completa a minha surpresa.

DOM DUARTE LEOPOLDO E SILVA

Em princípios de novembro de 1918, os dois, que, sete anos atrás, haviam seguido para Roma, desembarcavam em Santos, com o coração a transbordar de alegria e embalados por tantas e tão fagueiras esperanças.

Falando exclusivamente o italiano, durante tantos anos, o nosso português e, principalmente, a nossa pronúncia, ressentiam-se dessa prolongada falta de contato com o nosso vernáculo.

Os modismos corriqueiros, que surgiam constantemente na conversação entre colegas: "Si, Si, No, No; Ma che; Non c'é male; É un affare serio" nos brotavam dos lábios ao falar português, provocando risos nos que nos ouviam.

No dia seguinte à nossa chegada a São Paulo, fomos à Cúria Metropolitana apresentar-nos ao Vigário Geral, que era, então, Mons. Benedito Alves de Sousa.

— O Sr. Arcebispo, disse-nos ele, está fazendo uma estação de repouso em Cambuquira e nenhuma instrução me deixou a respeito de vocês. Irá demorar-se por lá cerca de um mês. É o tempo que vocês têm a fim de se prepararem, pois que deverão submeter-se a exame de Teologia Moral.

Ciosos, como estávamos, dos títulos obtidos, há pouco mais de um mês, não pudemos refrear o ímpeto do nosso amor-próprio ferido.

— Um mês, Monsenhor, é muito para quem, como nós, acaba de defender tese na Gregoriana e colar grau de doutor em Teologia. Nenhuma dificuldade teríamos em prestar esse exame, agora mesmo, se isso não im-

plicasse em menosprezo ao ensino ministrado pela mais afamada Universidade da Igreja e desconsideração aos títulos por ela conferidos.

— Ah!... respondeu-nos, em tom de remoque, não sabia que eram detentores de títulos tão valiosos.. Onde estão eles?... Poderei ver essas preciosidades?...

Os nossos diplomas, em folhas de pergaminho, com suas capas de couro cor de vinho e o selo da Universidade pendente de uma fita, foram colocados imediatamente sobre a mesa dele.

Pôs-se a folheá-los, a princípio com displicência, para, em seguida, demorar-se em verificar as notas alcançadas nas Faculdades de Filosofia e de Teologia. À medida em que as ia analisando, mormente as que haviam sido conseguidas na defesa de tese, sua fisionomia ia perdendo o ar de mordacidade para se transformar numa espécie de admiração. Ergueu-se, pois, de sua cadeira e veio ao nosso encontro para nos abraçar e nos dar os parabéns.

— Assim que Dom Duarte chegar, apresentem-se a ele que lhes dirá o que deverão fazer.

— Já começou o processo de nos reduzir a farelo, comentou Assis Barros, ao sair da sala do Vigário Geral.

A dom Duarte Leopoldo e Silva aprendera eu a admirar e respeitar desde o meu tempo de menino, quando aluno do Seminário Menor de Pirapora.

Costumava ele visitar seu Seminário Menor para melhor conhecer aquela juventude em flor, que lá estava a estudar e constituía a esperança de sua Arquidiocese. Que de vezes, ao atravessar ele o pátio dos recreios, não interrompíamos os nossos jogos, movidos por um sentimento de respeito e, mais ainda, pela admiração que nos causava aquela figura hierática, de porte senhoril a transpirar energia e autoridade!...

Ia revê-lo, agora, em seu Palácio da Rua São Luís, passados que eram tantos anos. O tempo, irreverente e impiedoso, não o poupara tampouco. A fronte larga e

espaçosa, que eu conhecera lisa, apresentava acentuados vincos paralelos. As faces mais encovadas e esmaecido no olhar o brilho antigo. Cabelos brancos, contrastando com os últimos que teimavam em se conservar pretos, conferiam-lhe um não sei quê de majestade que a ninguém consentia pôr-se à vontade diante dele.

Tinha consciência do temor reverente que inspirava a seus padres, sobretudo, a quem mais de perto, devesse tratar com ele no exercício do cargo de seu secretário particular.

— Escolhi vosmecê — era esse o trato dado a seus padres — para meu secretário particular. Os padres, formados aqui no Seminário, ficam inibidos na minha presença, perdem a naturalidade e se atrapalham por um nada. Espero que o mesmo não suceda com vosmecês que, lá em Roma, viveram entre Bispos e Cardeais, além do desembaraço e alargamento de horizontes de que se beneficiaram, estudando num país estrangeiro.

Embora lisonjeira a razão alegada para me preferir, essa nomeação não deixava de produzir, lá no fundo de mim mesmo, amarga frustração. Lá se iam todos os sacrifícios feitos para a consecução de um diploma e se esfumavam de repente os mais belos e mais inocentes sonhos acalentados em Roma: vir a ser um simples professor no Seminário...

Esforcei-me, contudo por adaptar-me da melhor forma ao primeiro cargo que, como padre, me incumbia desempenhar. Antes de mais nada, propus-me a estudar os hábitos, as preferências, as ojerizas do homem a quem iria servir.

Não foi preciso que transcorressem muitas semanas para que a imagem, que me formara de Dom Duarte, quando criança e estudante adquirisse no contato do dia a dia relevos surpreendentes.

Tinha, de fato, diante de mim, um genuíno homem de Deus que fulgia, com brilho invulgar, na luminosa constelação dos extraordinários Bispos brasilei-

ros, que se chamaram Dom Vital, Dom Macedo Costa, Dom Antônio Joaquim de Mello, Dom Silvério Pimenta, Dom Viçoso, Dom Nery, Dom Joaquim Arcoverde, Dom Leme, Dom Barreto, Dom Lúcio, Dom Epaminondas e tantos outros que, iguais, os tempos novos, parece-me, não permitirem mais que apareçam.

A ação pastoral, por ele desenvolvida em São Paulo, não era pautada pelo "horizontalismo" da hora atual, carente do oxigênio do sobrenatural. Provinha, antes da longa tradição de vivência cristã, alimentada pela freqüência dos sacramentos.

Ardente devoto do Sacramento do Altar, ordenou que, em todas as paróquias e em dias diferentes, permanecesse exposto à adoração dos fiéis. Não contente, criou a Obra da Adoração Perpétua, entregando para esse fim uma das mais artísticas igrejas de sua Arquidiocese — a de Santa Ifigênia — aos Padres Sacramentinos. Os ventos do secularismo minimizaram esse Centro de tão intensa irradiação espiritual.

Todo seu esforço apostólico dirigia-se, portanto, à difusão do Reino de Deus numa sociedade que a República positivista criara, eivada do mais intransigente laicismo, responsável pela indiferença religiosa generalizada.

Era necessário, pois, que o fermento do Evangelho penetrasse fundo nessa sociedade dominada pelo lado material da vida e quase de todo esquecida ou ignara dos valores essenciais do espírito, satisfeita com seu catolicismo de procissões, de batismo, casamento e Missa de sétimo dia.

Com esse escopo, soube formar seu clero, acendendo-lhe na alma a chama viva do apostolado, capaz de fazer com que cada padre valesse por dez, quando construía igrejas, criava novas comunidades paroquiais, saturadas de vida espiritual e se desvelava pelos pequeninos e necessitados, vivendo e morrendo pobre entre os pobres de sua paróquia.

Uma tão indiscutível ascendência moral, exercida

sobre seu clero — ao ponto de conservá-lo homogêneo, unido e disciplinado — só poderia originar-se de uma vida de trabalho e de constante união com Deus.

E, era, na realidade, o que, todos os dias eu tinha diante dos meus olhos. Logo, pela manhãzinha já o encontrava de joelhos, em sua pequena e modesta capela, a preparar-se para a celebração da Missa, por meio de profunda oração mental.

Após a Missa, a ação de graças ele a fazia assistindo e, muitas vezes, ajudando à Missa que eu celebrava, logo em seguida.

Terminado o café da manhã, encerrava-se em sua grande e escolhida biblioteca, para — depois de tomar conhecimento da correspondência, que eu lhe apresentava — dedicar-se ao estudo e ao exame dos múltiplos e complexos problemas, cuja solução sua Arquidiocese, em expansão vertiginosa, dele estava a reclamar.

Descia pontualmente, às 11 horas, para o almoço. De saúde precária, Dom Duarte alimentava-se muito pouco, deixando-me em situação embaraçosa, pois que, com os meus 25 anos, o meu organismo não me permitia o luxo de imitá-lo.

A cozinheira, contudo, vinha em meu auxílio, preparando, meia hora antes de cada refeição, um prato que me reforçava.

Certo dia, porém, esse estratagema foi descoberto. Descendo antes da hora, Dom Duarte penetrou, contra seu costume, na copa e lá deu comigo diante de um reforçado e bem sortido prato.

— Não, não se perturbe — foi logo dizendo — ao ver-me levantar. Nada como ser moço... e ter um bom estômago... Depois desse prato, vosmecê ainda encontra um lugarzinho para mais alguma coisa, lá na mesa. E, a sorrir, retirou-se para me deixar mais à vontade.

Invariavelmente, ia à Cúria Metropolitana, todos os dias, às 13 horas, para receber em audiência particular seus padres, com os quais tinha algum assunto

a tratar. Conhecia, um por um, todos os componentes do seu clero e os conhecia com os méritos, as qualidades e os defeitos que, cada qual, porventura, possuísse. Exigia de todos lealdade e franqueza no trato com ele.

Certa vez, referindo-se a um deles, que raramente o vinha ver e que, pouco ou nada, tinha o que dizer, sentenciou:

— Esse padre é um boião tampado. Não se sabe o que tem dentro. Pode ser que contenha ouro em pó, ou então, lama.

Uma norma seguiu ele em todo o seu longo episcopado: a de não permitir que seu clero se imiscuísse na política partidária. Mais de um vigário foi removido de sua paróquia e mais de um religioso, obrigado a abandonar a Arquidiocese por desobediência a essa ou outras inflexíveis determinações.

Todas as vezes, porém, que o bem das almas e os altos interesses do povo exigiam dele uma definição franca e corajosa nunca se omitiu.

Foi, precisamente, o que se deu, por ocasião da revolta, chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes, em 1924, quando sua atitude, permanecendo ao lado do seu povo metralhado, bombardeado e saqueado, desagradara de tal forma ao Governo Federal, que chegou este a pedir à Santa Sé que suspendesse a outorga do chapéu cardinalício, que lhe estava reservado, como era voz corrente.

Ao regressar, à tarde, para casa, ia tranqüilamente rezar o breviário à sombra do frondoso jacarandá de seu jardim. Atualmente, nesse mesmo lugar, o Embaixador Macedo Soares, quando Interventor em São Paulo, mandou colocar uma cruz de mármore e uma placa a relembrar, aos afobados transeuntes, as horas de elevação espiritual vividas pelos dois grandes Arcebispos de São Paulo: Dom Duarte e Dom José Gaspar.

Após o jantar, saía a pé, na companhia de seu secretário, a visitar sua mãe para cuja manutenção destinara a quantia de 300 mil réis, tendo antes consultado o Cabido Metropolitano!...

Aos sábados e aos domingos, percorria de automóvel os novos bairros, que iam surgindo na periferia da grande cidade a fim de aí localizar as futuras paróquias, que pretendia criar.

À noite, recolhido à sua biblioteca, aí ficava horas e horas a fio a escrever, a ler e a meditar, não tendo sido poucas as vezes que a madrugada o veio surpreender.

Esse foi o grande Arcebispo que, em mais de 30 anos, governou a Arquidiocese de São Paulo, acompanhando o seu progresso material, moral e espiritual.

Segunda Parte

Os capítulos, que se seguem, não possuem mais a serenidade dos céus sem nuvens, nem a tranqüilidade dos horizontes desafogados do mar alto.

Os dias primaveris, absorvidos no estudo, entremeados de riso, de ilusões fagueiras, já se foram... Ficaram para trás, encerrados no doce convívio dos Seminários, das Universidades, cujas paredes abrigavam uma juventude ardente de fé, abrasada na sede do apostolado.

Entramos agora a sentir o calor do meio-dia da vida, quando há lutas, vitórias, fracassos, desilusões...

É a história de uma paróquia que ressurge do caos em que se afundara. É a visão de uma sociedade, genuinamente paulista, que aparece no desfilar pomposo de seus nomes ilustres.

É, numa palavra, a Igreja de ontem que se entremostra com as novenas de maio, com as procissões concorridas, com as Missas dos domingos ilustradas por oradores de alta estirpe, com a militança ativa das associações paroquiais, cujos membros, quais abelhas operosas, fabricavam o mel da espiritualidade com que empregnavam de doçura o ambiente de seus lares.

Ressumam, aqui e acolá, gotas azedas na análise da hora presente. Será o "saudosismo" a não se conformar com o que se afigura a muitos ser o desprestígio da Igreja, na qual nascemos e crescemos?

O leitor que o julgue.

A MÁGOA DO ARCEBISPO

Na Semana Santa de 1919, Dom Duarte surpreendera a todos, que com ele conviviam, pela insólita diligência com que presidira todos os ofícios. Era inacreditável que, com saúde tão frágil, pudesse fazer tanto.

Pontificara na Quinta-feira Santa, sagrando os Santos Óleos no transcorrer de cerimônia exaustiva. À noite, após o jantar, ainda encontrara forças para, perdido anonimamente na multidão dos fiéis, ir piedoso, em romaria, visitar os sacrários das igrejas da Consolação, de Santa Cecília, de Santa Generosa, do Bom Jesus do Brás, de São João Batista e de São José do Belém. Em todas essas igrejas penetrava, sem ser notado, e permanecia alguns minutos de joelhos em adoração para em seguida retirar-se.

— Como é bom e piedoso, observava ele, esse nosso povo!... Como estão bem enfeitadas as Capelas do Santíssimo dessas igrejas... Cada uma com mais capricho do que a outra!... Esses vigários merecem menção honrosa...

Na Sexta-feira Santa, assistira pontificalmente às cerimônias desse dia e, ao terminar o canto da Paixão, subira ao púlpito para proferir um dos seus famosos Sermões da Paixão.

A igreja de Santa Ifigênia — transformada em Catedral provisória — enchia-se, naquele dia de tão numerosa multidão, composta de homens do povo e de letrados, que, não cabendo dentro do recinto, se derramava pela praça fronteira.

Em silêncio comovido, o imenso auditório, acompanhava, quase a reter a respiração, a narrativa e os comentários dos lances mais pungentes da Paixão de Cristo, feitos com a eloqüência tão característica do seu Arcebispo que, ora dolente, ora vigorosa, tocava as fibras mais sensíveis dos ouvintes.

Na semana da Páscoa, entretanto, fechara-se Dom Duarte num mutismo inexplicável.

Habituara-me a ouvi-lo, num enlevo sempre crescente, quando à hora das refeições ou após, a passear pelos jardins do Palácio, discorria sobre os mais variados assuntos.

Era a História o seu tema predileto. Tinha ampla visão da História em geral e a da Igreja em particular e, notadamente, da decisiva ação do clero na independência e integração do Brasil. Era uma palestra agradável, entremeada de citações de episódios pitorescos que lhe emprestavam colorido e graça.

Não podia, pois, conformar-me com vê-lo, assim, recluso naquele silêncio denunciador de que algo lhe causara intensa mágoa.

Diante do assédio de perguntas, feitas com o propósito de obrigá-lo a se desabafar, não se conteve e, já um tanto irritado respondeu-me:

— Foi em Roma que vosmecês aprenderam a ser importunos, quando estão claramente vendo que o Arcebispo não deseja falar?...

Não me dei por vencido. Havia de perfurar, custasse o que custasse, aquele muro por detrás do qual se escondia alguma coisa que muito o acabrunhava.

Dando prosseguimento à política do Dr. Washington Luís — governar é abrir estradas — o Dr. Altino Arantes, então Presidente de São Paulo, inaugurara uma nova estrada para Pirapora. Seria esse o motivo de que me serveria para alcançar o fim almejado.

Fui, pois, à garagem do Palácio e disse ao motorista que aprestasse o automóvel para as 16 horas, pois

que o Sr. Arcebispo iria sair. Recolhi-me ao meu quarto e lá aguardei o momento decisivo.

Assim que o automóvel foi postar-se diante da porta principal do Palácio, o meu primeiro ímpeto foi o de desistir do intento.

Meu propósito, pensava eu, nada tem de insensato. Mas, como o interpretará o Sr. Arcebispo?...

Era, porém, demasiado tarde para voltar atrás. Cobrei ânimo e fui bater resoluto à porta da biblioteca. Entrei e, ao aproximar-me da mesa em que ele estava escrevendo, fui logo dizendo:

— Sr. Arcebispo, peço-lhe desculpas se venho importuná-lo. Lembrei-me de convidar V. Exa. para ir conhecer a recém-inaugurada estrada que vai a Pirapora.

Dom Duarte põe de lado a caneta e tomado de surpresa, após uns instantes de hesitação, responde-me:

— Vosmecê tem minha autorização para fazer esse passeio. O automóvel já está, lá em baixo, à sua disposição.

— Não se trata de mim, Sr. Arcebispo. Depois de uma Semana Santa cansativa demais para V. Exa. seria bom que saísse um pouco para espairecer. A tarde está convidativa e um passeio fora da cidade só poderá fazer-lhe bem.

Agradavelmente surpreendido por me preocupar com sua saúde, anuiu em tom de remoque:

— Está bem... O Arcebispo vai fazer companhia a seu secretário, que está com muita vontade de passear.

Foi ao quarto tirar a batina com vivos e pôs outra inteiramente preta e, sem a cruz peitoral, nem os cordões e as borlas verdes no chapéu, desceu para tomar o automóvel. Ao entrar no carro foi dizendo num meio sorriso sardônico:

— Dê suas ordens ao motorista...

— José — assim se chamava ele — o Sr. Arcebispo deseja conhecer a nova estrada para Pirapora.

E lá se foi o carro a subir pela rua São Luís para entrar na da Consolação. Com o fim de provocar as-

sunto, aponto para a casa do Dr. José Carlos de Macedo Soares e começo a falar:

— O Dr. José Carlos parece ser um seu grande amigo e admirador. Quase todas as noites vem visitar V. Exa. e traz sempre algum livro ou uma curiosidade qualquer para lhe oferecer.

Nenhuma resposta... O automóvel passa em frente da igreja da Consolação e volto a falar:

— Por que será que as obras das igrejas andam tão devagar... custam tanto a terminar?... O mesmo silêncio como única resposta.

Estávamos agora no largo de Pinheiros. Ao olhar para a igreja aí existente, exclamo:

— Como é velha e pequena esta igreja!... O vigário bem que poderia pô-la abaixo e construir outra maior e moderna...

Dom Duarte, finalmente, quebra o seu mutismo.

— Que grande tagarela me está saindo vosmecê!... Não pára de falar... E nem sempre é feliz em suas observações... Esta última é impertinente e inoportuna...

Procurei, então, mudar de tática. Fingi-me magoado. Acomodei-me melhor no meu assento e não abri mais a boca.

Já havíamos chegado a Osasco — O carro — um Mercedes Benz — a rodar a 60 quilômetros por hora, entrava na estrada pouco antes inaugurada.

Vinha caindo a tarde. Uma viração, impregnada do aroma dos campos, invadia o automóvel, envolvendo-o em ondas de frescura e bem-estar. Entretinha-me em contemplar a estrada, que ia serpenteando à nossa frente. Admirava os cortes abertos nos morros, os bueiros aos lados da estrada, as pequenas pontes de cimento transpondo riachos, quando o meu silêncio principiou a produzir o resultado esperado.

Talvez, comovido pelo esforço que eu fazia para distraí-lo, num tom mais afável, pergunta-me:

— Quantos anos tem vosmecê?

— 25, Sr. Arcebispo.

— Vinte e cinco anos... Quem me dera tê-los de novo... Com essa idade já era vigário de Santa Cecília... Se me fosse dado recomeçar, jamais deixaria de ser um simples vigário... Quanto sofre um bispo, não só por parte dos padres indisciplinados, senão também e, principalmente, pelos que são tidos por bons!...

Essa inesperada revelação deixa-me perplexo e, ao mesmo tempo, comovido. Que teria acontecido — ponho-me a conjecturar — a este homem tão superior a mim e, por isso mesmo, tão inatingível, para sentir-se assim tão acabrunhado a ponto de ter os olhos úmidos de lágrimas?!...

Embora o quisesse, não ousei indagar a razão dessa profunda mágoa. Mas, não foi preciso. O Arcebispo continuou a falar:

— O Dr. Jorge Street, ao lado de sua Fábrica Maria Zélia, acaba de construir uma vila operária, dotada de confortáveis casas, com creche, escola, ambulatório etc. Não descurando a assistência religiosa, mandou edificar uma linda capela. Veio pedir-me um padre que, morando entre os operários, exercesse em favor deles o seu ministério. Convidei Monsenhor X para se encarregar dessa missão de transcendental importância. Recusou-se peremptoriamente a aceitar essa nomeação, sob o inglório pretexto de que não nascera para viver entre operários!... Um pastor protestante ofereceu-se ao Dr. Street para exercer essa função gratuitamente e um padre, reconhecidamente culto e virtuoso, considera um desdouro para ele ser nomeado capelão de uma Fábrica...

— V. Exa. deve lembrar-se — obtemperei — que de Roma lhe escrevi pedindo licença para seguir, na Universidade "Sacro Cuore" de Milão, um curso de férias sobre Sociologia. Esse estudo despertou em mim uma enorme atração pela questão operária. Se V. Exa.

não tem outro padre para essa missão e houver por bem nomear-me a mim, sentir-me-ei muito feliz.

— Eu sei, replicou o Arcebispo ressentido, que a minha companhia é muito penosa e que não há ninguém que se disponha a permanecer comigo por muito tempo. Basta que a primeira ocasião se lhe apresente para se agarrar a ela e ter motivo para me deixar...

— Não me leve a mal, Sr. Arcebispo! Não soube expressar meu desejo de lenir a mágoa causada a V. Exa. pela falha de Monsenhor X. Ficaria acumulando os dois cargos até que V. Exa. encontrasse um padre para a Fábrica Maria Zélia.

No dia seguinte, estando na Cúria para o expediente diário, mandou lavrar a provisão de "Capelão da Fábrica Maria Zélia a favor do Pe. Dr. Francisco Bastos". Ao regressar ao Palácio São Luís, quando entrei em seu gabinete, levando-lhe a pasta dos despachos, retirou dela a provisão que acabara de assinar e ma entregou.

— Vosmecê está dispensado do cargo de meu secretário particular. Procure entrar em contato com o Dr. Street a fim de combinar com ele o dia de sua posse.

A CAPELANIA DA FÁBRICA MARIA ZÉLIA

No último domingo de abril de 1919, estava eu, na Capela da Vila operária da Fábrica Maria Zélia, a celebrar a primeira Missa, como capelão. A assistência compunha-se de membros da família Street, de altos funcionários da Fábrica e de uns 5 ou 6 operários.

Uma campanha pertinaz, desenvolvida entre os operários, apresentava-lhes a Igreja como a mais poderosa aliada da mais iníqua força opressora, com que o capitalismo, em todo o mundo, excetuada a Rússia, lhes sugava o suor e o sangue.

A religião era um ópio, que os padres, mui habilidosamente, administravam aos operários a fim de que não sentissem estes as injustiças de que eram vítimas, causadoras diretas da miséria e da fome em que viviam.

A Federação dos Operários em Fábrica de Tecidos, dirigida por elementos infensos à Igreja, mantinha, por sua vez, em cada secção da Fábrica, ativistas que se não fartavam de me apontar como perigoso inimigo da classe operária.

— Veio para cá, diziam, pago pela Fábrica, para nos engabelar com rezas e promessas de uma vida melhor no outro mundo...

Essa atmosfera, feita de ressentimentos e preconceitos, foi a que eu encontrei, quando comecei a ter com eles os primeiros contatos. Não respondiam aos meus cumprimentos, fingiam não me ver ou, simplesmente, voltavam-me as costas, quando os procurava.

Era um paredão, argamassado de ódio e descon-

fiança, o que se erguia diante de mim a obstar e a destruir qualquer atuação que pretendesse iniciar no meio deles.

Ouvira tantas vezes, nas aulas de Sociologia da Universidade "Sacro Cuore" de Milão, a célebre frase de Pio XI, que nos soava aos ouvidos como um gemido de dor: "O maior escândalo do século XX foi ter a Igreja perdido a classe operária". Sabia, pois, que a minha missão encontraria pela frente um touceiral de espinhos, difícil de ser transposto.

A Providência, entretanto, não tardou em vir em meu auxílio, utilizando-se dos meios mais simples, como sói fazer.

Morando em uma casa, em tudo e por tudo, igual à deles, embora conservasse a minha porta sempre aberta, ninguém vinha procurar-me. Passada uma semana, sem que sequer passassem pela minha porta, decidi ir ao encontro deles para romper a barreira de incompreensão que nos separava.

Principiei por ir visitar as famílias, à noite, quando todos os seus membros estavam reunidos. Nem sempre bem recebido, no começo, e, passando por cima de descortesias, procurava debater com eles os seus problemas, esforçando-me para que vissem em mim um amigo que se solidarizava com eles e disposto a propugnar para que fossem atendidas as reclamações, que me faziam, ainda que isso viesse desagradar a Direção da Fábrica e me mandassem embora.

Foi, contudo, o futebol que decididamente me granjeou a amizade da maioria. Gostando desse esporte — tendo mesmo jogado nos meus bons tempos de estudante — lancei a idéia da fundação de um clube destinado à prática do futebol.

Não me foi difícil conseguir dos Diretores da Fábrica uma área pertencente à Fábrica e que fosse razoavelmente gramado, assim como todos os pertences para o jogo: chuteiras, camisas, bola etc.

A minha casa se transformou em sede provisória

do Clube para reuniões dos membros da diretoria e dos jogadores. Pouco a pouco, com toda a naturalidade — sem que, da minha parte, houvesse a mínima influência — essas reuniões foram dando origem a círculos de estudo, quer de religião, quer de temas sociais.

Tudo começou por uma pergunta que um operário me fizera, quando estava sendo comentado um jogo em que interviera o Clube Atlético Paulistano, considerado por eles um clube de ricos.

— Por que, perguntou ele, está sempre a Igreja ao lado dos ricos e poderosos?

Estavam presentes cinco operários, quando me foi feita essa interpelação. Não podia permitir que ficasse ela sem uma resposta adequada.

— A Igreja, meus amigos, comecei, em sua realidade estrutural, não pode ser confundida com as posições que possa tomar este padre ou aquele membro da hierarquia, por mais preeminente que seja. Além disso, necessitaria de horas e horas para explicar a vocês a peculiaridade da Igreja, qual seja a de encarnar-se em determinada civilização a fim de cristianizá-la e dela desembaraçar-se assim que esta entra a se corromper e agonizar. Vocês veriam, então, as várias civilizações a que deu forma a Igreja e por ela postas à margem. Veriam a palestiniana, a bizantina, a medieval, a barroca, a romântica até chegarmos à atual, chamada de civilização burguesa, que perdura já há quatro séculos. Como o cristianismo nela se encarnou normalmente, podemos falar de um cristianismo burguês, que produziu, sem sombra de dúvida, admiráveis frutos de santidade e maravilhosos rasgos de heroísmo e de desprendimento. Esta civilização, marcada pelo extraordinário surto de progresso e de produção de riquezas, vai, entretanto, se desumanizando, cada vez mais, e ameaça produzir uma das maiores crises da História. É o desmoronar de todo um sistema que inexoravelmente vai sendo ultrapassado. Foi, por isso, que um Papa, Leão XIII, com sua encíclica "Rerum Novarum" deu o sinal para

que o Cristianismo abandonasse o acampamento burguês e continuasse a caminhar na direção da História.

Minhas palavras bebiam-nas os meus cinco interlocutores com tal avidez que, por proposta deles, passei a ministrar-lhes, duas vezes por semana, explanações sobre os fundamentos da fé e sobre a encílica de Leão XIII.

O futebol fazia, portanto, nascer um núcleo sólido, composto de homens, mulheres, rapazes e moças que, de mês para mês, se foi alargando e chegou a atingir todos os setores da Fábrica.

A minha responsabilidade ia assim gradualmente aumentando e, por isso, não foram poucas as vezes em que me vi em posição delicada perante a organização de caráter assistencial criada pelo Dr. Street.

Para os operários nada mais era essa organização que um puro engodo a ilaquear-lhes a boa fé. Preferiam muito mais receber em aumento de salário o que era dispendido com a manutenção de toda essa vistosa obra assistencial.

O Dr. Street, de seu lado, via nessa organização uma espécie de participação indireta nos lucros de empresa. Pontos de vista que se não harmonizavam, nascidos de interesses antagônicos, cada qual a exigir de mim uma definição corajosa e positiva.

Cheguei, certa vez, a demonstrar ao Dr. Street que a sua obra, apesar de generosa, não só não lograva atingir o ideal por ele colimado — satisfazer os seus operários — senão que também, por ser paternalista, provocava neles sentimentos de revolta.

— Procurei dar a eles, respondeu-me, o que nenhum outro industrial se dispôs a fazer. Por isso, sou tido por meus colegas na conta de poeta.

O primeiro aniversário da instalação da Capelania aproximava-se. Havia, na Vila operária, intenso entusiasmo para que essa data fosse condignamente festejada. Em todas as seções da Fábrica, cartazes convidavam os que aí trabalhavam a comparecer aos seguintes

atos: Missa, às 8 horas, celebrada pelo Arcebispo de São Paulo: às 16 horas, partida de futebol e à noite, no grande salão, o grande bolo de aniversário a ser partido, seguido de baile.

Umas cem crianças, preparadas pelas professoras das várias classes, fariam a primeira comunhão, constituindo no ponto alto e emotivo da solenidade.

Comportando a capela apenas umas 20 pessoas, obteve-se a licença para que a Missa fosse campal. E o local escolhido só poderia ser o campo de futebol.

No dia da festa, umas duas mil pessoas, entre famílias dos operários e as da vizinhança, congregavam-se diante do altar, erguido junto de um dos gols.

À hora do Evangelho, Dom Duarte toma a palavra, começando por manifestar a grande alegria de que se achava possuído em poder passar algumas horas no meio de seus humildes filhos. Salientou, em seguida, o exemplo de São José, carpinteiro de profissão, que também conquistava o pão de cada dia com o suor de sua fronte. Dirigindo-se especialmente às operárias tecelãs, lembrou-lhes que Maria fora fiandeira, que passava horas e horas a tecer o pano das túnicas de São José e de Jesus. Nas crianças neo-comungantes, que ali estavam bem numerosas, via a fé reverdecer, de forma tão alentadora, num meio conturbado pelas mais extremadas idéias, que deformavam a real imagem da Igreja.

Terminada a Missa, uma chuva de pétalas cobriu a pessoa do Arcebispo, numa manifestação, que por ter sido espontânea e vibrante da parte dos operários, talvez não tenha logrado outra igual na sua longa vida de Pastor.

Dias depois do aniversário da Capelania, fui procurado por um jovem operário, cuja presença na Fábrica não havia sido por mim notada antes. Era alto, espadaúdo, louro, olhar expressivo e inteligente, falando português com leve sotaque estrangeiro.

No diálogo, mantido comigo, não tardou em re-

velar quem era, ao empregar termos colhidos na filosofia de Hegel.

— Desejava, disse-me ele, debater com você alguns assuntos de ordem socio-econômica a fim de nos esclarecermos mutuamente. Para que seja ordenada a nossa discussão, proponho o seguinte método: nos dias pares você sustenta a sua tese; nos ímpares, eu apresento a minha antítese; e, nos dias seguintes, esforçar-nos-emos por chegar a uma síntese. Assim: o Ser — tese; o Não-ser — antítese; e o Outro-ser — síntese dessa contradição. No terreno prático, poderíamos começar deste modo: um dia, você defenderá a sua concepção espiritualista da origem do Mundo e do Homem; no outro dia, eu sustentarei a interpretação materialista da História; e veremos depois a que síntese poderemos chegar.

— Muito bem... repliquei-lhe. Estou diante de um hegeliano, para não dizer diante de um marxista.

Depois de um mês de intensas e acaloradas discussões sem que se lograsse chegar a síntese alguma, despediu-se de mim com estas palavras:

— Quando o procurei tinha em mente fazer de você um marxista. Você, por seu lado, tudo fez para tornar-me cristão. Duas contradições irredutíveis. Creia, contudo, que você me impressionou mais do que pensa. Se um dia a minha tese marxista triunfar em seu país, conte comigo.

— Na hipótese do comunismo vir a triunfar em minha terra, espero sua proteção no escolher os melhores atiradores para o pelotão que irá fuzilar-me.

Sorriu e foi-se embora, e nunca mais tornei a vê-lo.

DE COMO ERAM NOMEADOS OS VIGÁRIOS

Decorridos que eram quase dois anos, desde que principiei a exercer as funções de Capelão da Fábrica Maria Zélia, quando, certa manhã, recebi do escritório da Fábrica o seguinte recado:

— Do Palácio São Luís, acabam de telefonar, solicitando seu comparecimento, hoje, sem falta, em Palácio, para falar com Dom Duarte.

Um chamado assim, tanto mais inesperado quanto não fazia dois dias que havia estado em Palácio a almoçar com o Sr. Arcebispo, só poderia deixar-me surpreso.

Por que desejaria Dom Duarte falar comigo tão urgentemente? Tê-lo-iam impressionado os ataques, uns injuriosos, outros ameaçadores, que amiúde me eram endereçados por um pasquim — O Parafuso — que, na época, notabilizara-se em insultar e caluniar a tudo e a todos?

Não, não podia ser. Ele mesmo, mais de uma vez, aconselhara-me a não dar importância ao ladrar de cães anônimos.

— Essa contradição — ponderava-me — vinda dos inconformados com os resultados de seu trabalho, é sinal que Deus o está abençoando. Prossiga sem temor algum, mas sempre de consciência limpa.

Com a serenidade de ânimo, que nos dá a certeza de nada nos pesar na consciência entrei em Palácio e fui diretamente à biblioteca. O "entre", que me era tão familiar, fez-se logo ouvir, quando lhe bati à porta.

Mandou-me sentar e, sem mais preâmbulo, entrou no assuntou para o qual me convocara.

— Estou resolvido — disse-me ele — a remover vosmecê lá da Fábrica Maria Zélia. Os ataques, de que vosmecê tem sido alvo, nada têm que ver com a minha resolução.

— Sr. Arcebispo — interrompi-o — não tenho dificuldade alguma em acatar qualquer determinação de V. Exa. a meu respeito. Contudo, se V. Exa. mo permitisse, pediria para não sair da Maria Zélia, neste momento. Só agora é que os operários começam a confiar em mim. É à minha porta que vêm bater, quando um problema mais sério os atormenta. A minha remoção, nesta altura, poderá incutir neles a infundada suspeita de que, por insinuação dos diretores, é que ela se faz.

— O Arcebispo — retrucou ele — tem em mira o bem geral da Arquidiocese, sem levar em conta o que dele possam os outros pensar. A Paróquia da Consolação está acéfala. Mons. Mello, que lá se achava, premido pelo vulto das dívidas que contraiu e, pela ameaça de agressão física por parte de credores desesperados, abandonou precipitadamente a paróquia.

— V. Exa. — aduzi — tem em seu clero padres de muito valor e de provada experiência administrativa, que enfrentaram já situações iguais a essa na construção de igrejas. Estão, portanto, em melhores condições para resolverem o problema da Consolação do que eu que, em confronto com eles, não passo de uma criança, sem nada ter realizado que pudesse chamar a atenção de V. Exa.

— Precisamente, porque esses padres prestaram relevantes serviços à Arquidiocese é que eu não os posso indicar para a Consolação. Seria uma estranha maneira de lhes recompensar os méritos expô-los a correr o risco de irem ao encontro de um humilhante fracasso. Já o mesmo não se dá com vosmecê. Está apenas começando sua vida sacerdotal, sem nenhuma bagagem de benemerências a ser preservada. Vosmecê vai para a

Consolação. Se conseguir salvá-la da situação calamitosa a que chegou, aí, sim, terá prestado à Arquidiocese valioso serviço. Se, porém, malograr nada perderá. Poderá alegar em sua defesa não ter sido o autor dessas dívidas, nem possuir o dom de fazer milagres.

— Poderia, ao menos, conceder-me V. Exa. um prazo para pensar?

— Se chamei vosmecê aqui não foi para lhe perguntar se aceitaria ou não a Paróquia da Consolação, e, sim, para nomeá-lo Vigário da Consolação.

Nada mais me restava senão aceitar a minha nomeação para vigário dessa paróquia, cujas implicações dramáticas estava eu, naquela hora, bem longe de aquilatar.

— Vá, amanhã, à Cúria para retirar sua provisão de Vigário da Consolação, que já está lavrada. Desejaria que vosmecê tomasse posse da Paróquia o mais depressa possível.

— Pediria a V. Exa. que me permitisse despedir-me da Capelania, celebrando o mês de maio e a novena do Coração de Jesus, no meio dos meus operários. No primeiro domingo de junho, iria definitivamente para a Consolação.

Permaneceu, por alguns instantes, a olhar pensativo para mim acabando por dizer-me:

— Em dois meses, a situação da Consolação não poderá deteriorar-se mais do que está. Tem vosmecê meu consentimento.

Abriu a pasta e dela retirando uma carta, endereçada ao Dr. Street, ma entregou.

— Tenha a bondade de levar pessoalmente esta carta ao Dr. Street. Nela explico as razões pelas quais me vi forçado a remover vosmecê para a Consolação.

Saí apressadamente do Palácio. A Rua São Luís, naquela hora, transformada num extenso tapete roxo, entretecido pelas flores que se desprendiam dos garbosos jacarandás-mimosos, nela existentes, era a imagem viva do misto de angústia e de tristeza que me invadia

a alma. Caminhando vagarosamente, como se carregasse aos ombros pesado fardo, mal podia adivinhar as muitas horas de aflição, de sofrimentos e de privações que estavam à minha espera. Mas, via claramente a grande desproporção entre a ingente tarefa que me cabia executar e o exíguo de minhas forças, atenta ainda à minha mais completa inexperiência.

Na ante-sala do escritório do Dr. Street, enquanto aguardava a minha vez de ser recebido, pus-me a rezar: Meu Deus, Pai de misericórdia, Deus de todas as consolações, vinde em meu auxílio... Nª Sª da Consolação, ajudai-me a salvar a vossa igreja...

Abre-se a porta do escritório, e o Dr. Street vem ao meu encontro.

— Entre, Padre Bastos. Que novidade é essa que o traz ao meu escritório?

— Tenho uma carta de Dom Duarte para o senhor.

— Uma carta de Dom Duarte! — exclama surpreso. Vejamos o que tem a dizer-me.

À medida que a ia lendo, notava-lhe eu em seu semblante leves sinais de satisfação, parecendo-me que a minha remoção vinha ao encontro de seus mais íntimos desejos.

É que, mais de uma vez, havia-me chamado a atenção para o que, no seu entender, deveria ser a minha função dentro de sua Fábrica.

— O Sr. me deixaria muito feliz, se se limitasse a desempenhar suas funções religiosas exclusivamente dentro da capela. Os operários não têm preparo suficiente para distinguir as sábias diretrizes de Leão XIII dos postulados do comunismo. Além disso, os gerentes se queixam de suas constantes intervenções a favor deste ou daquele operário, perturbando o bom andamento disciplinar da Fábrica.

Terminada a leitura da carta, cofiou lentamente a longa barba e por fim deu-me os parabéns.

— Se, por um lado, lastimo ter que perdê-lo, por

outro, felicito-o pela confiança — aliás bem merecida — que Dom Duarte deposita em suas qualidades. Estou certo que triunfará em sua nova, mas dificílima tarefa.

Abracei comovido aquele homem, marcado por uma forte personalidade, que, dentre os capitães de indústria de cinqüenta anos atrás, não só fora o mais evoluído, senão também o primeiro que tentara uma solução para melhorar as condições de vida dos operários.

E porque foi bom e generoso, viu erguer-se contra ele a coalisão de interesses feridos que o fechara dentro de um cerco sempre mais apertado para, finalmente, levá-lo à falência.

Só voltei a vê-lo, muitos anos depois, quando, a chamado de uma de suas filhas, fui às pressas administrar-lhe os últimos sacramentos.

Morreu pobre!... A serenidade de sua fisionomia e a profundez do derradeiro olhar, lançado sobre mim, deram-me a certeza de que, para além dos horizontes desta terra mesquinha, antevia os clarões de outro mundo incomparavelmente melhor do que este que ia para sempre deixar...

A CONSOLAÇÃO E A MINHA POSSE

A Consolação, ali por 1870, vivia mergulhada na quietude bucólica de suas chácaras com os casarões característicos da época, rodeados de árvores frondosas. E quantas que eram!... A de Dona Veridiana Prada que abrangia toda a parte alta da Consolação, estendendo-se pelo Higienópolis e Pacaembu a fora; a do general Arouche que ocupava parte da Vila Buarque, Largo do Arouche até a Avenida São João; a da Marquesa de Santos que descia da rua Líbero Badaró alongando-se pelo vale do Anhangabaú, onde havia uma plantação de chá. O viaduto, construído para transpor esse vale, ficou conhecido como Viaduto do Chá por causa dessa plantação.

Ainda cheguei a conhecer os restos da chácara do Barão de Ramalho nas muitas vezes que freqüentei a mansão da que fora sua viúva — a Exma. Sra. Dona Joaquina Pinto de Castro Ramalho, sobrinha da Marquesa de Santos.

A cidade terminava praticamente na então Ladeira do Piques. Em baixo da ladeira, corria um córrego em cujas águas límpidas lavavam os pés, antes de entrarem na cidade, os que vinham lá das bandas de Santo Amaro. A rua do Lava-pés fora assim chamada em face desse costume.

Desse ponto em diante seguia o caminho que ligava São Paulo a Sorocaba. Numa curva da estrada, logo após a vivenda de Dona Veridiana — que, não há muito, era ainda ocupada pelo Seminário da Glória das Educandas — erguia-se uma capelinha encravada em

terras dessa velha paulista. No altar-mor via-se uma pequena imagem de Nª Sª da Consolação, esculpida em madeira, mais tarde requisitada por Dom Duarte Leopoldo e Silva para figurar no Museu de Arte Sacra, existente na Cúria Metropolitana.

Como aparecera essa imagem, nesse escondido recanto de estrada é o que ninguém sabe explicar. A versão mais aceita é a de que um padre agostiniano, de viagem para Sorocaba, aí parara para celebrar Missa na capelinha, deixando sobre o altar a imagem de Nª Sª da Consolação com o fito de lhe divulgar a devoção.

O fato é que Nª Sª da Consolação começou a favorecer com graças e mais graças os que lhe vinham implorar a proteção. A afluência, cada vez maior, de devotos à pequena capela, chamou a atenção da autoridade quer civil, quer religiosa.

Estando a Igreja unida ao Estado, cabia ao poder civil a iniciativa da criação da freguesia ou paróquia nesse lugar. Assim é que, pela lei provincial de 23 de março de 1870, foi criada a Paróquia da Consolação, tendo como Oragos Nª Sª da Consolação e São João Batista. Somente, no ano seguinte, em 12 de setembro de 1871, é que foi ereta canonicamente, por provisão do Vigário Capitular, Cônego Dr. Joaquim Manuel Gonçalves de Almeida.

Dentre os muitos vigários que a regeram, de 1871 a 1909, o que mais tempo nela permaneceu (35 anos) foi o Cônego Eugênio Lias Leite. Falecido este, Dom Duarte nomeou para substituí-lo, em 1910, o Cônego Virgílio Morato Gentil de Andrade com a obrigação de demolir a velha e acanhada igreja de paredes de taipa e construir, em seu lugar, a atual.

Encomendada a planta da nova igreja ao professor de arquitetura na Escola politécnica de São Paulo, o Dr. Maximiliano Hell — o mesmo que projetara a planta das catedrais de São Paulo e de Santos e dirigiu no começo de ambas as obras — verificou-se que a nova igreja ocuparia área muito maior que a da velha.

O Cônego Morato adquire então de Dona Veridiana o terreno anexo.

Muito mais tarde, já sendo eu Vigário da Consolação, foi feita a prova de uso-capião da área ocupada pela antiga igreja demolida, pois que sobre essa área se estendiam as obras da igreja em construção.

Quando as paredes da nova igreja já haviam atingido a altura das primeiras janelas, o Cônego Virgílio Morato, não dispondo mais de recursos para o prosseguimento das obras e, desanimado por ver grande parte do território de sua paróquia desmembrado para formar a paróquia do Espírito Santo da Bela Vista, apresentou sua demissão.

Em 1914, assumia a direção da paróquia o Cônego Dr. Francisco de Mello e Sousa. Dotado de coração generoso e de ardente desejo de ver, quanto antes, concluídas as obras de sua igreja, foi, contudo, traído por sua inigualável boa fé, que lhe fez amargar contínuas provações, horas sem-fins de angústias e de indescritíveis pesadelos que o levaram, por sua vez, a renunciar.

Vinha eu substituí-lo, em 1921. Em que estado se encontravam as obras da igreja da Consolação? As paredes externas erguidas, formadas por blocos de pedra rústica e, internamente, as paredes, colunas, arcos sem serem rebocados. O telhado, lá em cima, aparecia, em toda extensão da igreja, com sua armação de madeira amparando as telhas. O piso feito de tijolos já em parte desgastados. O altar-mor de madeira, já atacado pelo caruncho, provinha da velha igreja demolida. A mesa de comunhão, que separava o presbitério do corpo da igreja, compunha-se de simples tábuas. Os confessionários e o púlpito feitos com tábuas de caixotes.

Não era o desconforto — o tudo por fazer — que mais assustava. O que maior desânimo causava era a vultosa soma em dinheiro que se fazia necessária para tornar a Consolação uma igreja digna de seus paroquianos, unida à esmagadora dívida que pesava sobre essas obras inacabadas.

Com quem contar para sobrepujar essa barreira, quase intransponível? Com as associações paroquiais? Estas, em tão reduzido número, era como se não existissem.

Certa vez, ouvira eu Dom Duarte confessar que, quando Vigário de Santa Cecília, foi com os paroquianos da Consolação que mais contara para concluir as obras de sua bela Matriz. Preferiam descer até Santa Cecília para o cumprimento de seus deveres religiosos a freqüentarem a velha igreja do Cônego Dias Leite — cujas tábuas do assoalho rangiam e se afundavam perigosamente quando alguém nelas pisava, assustando bandos de ratos que cruzavam o corpo da igreja em todas as direções.

A nova igreja em construção não oferecia melhores condições a seus freqüentadores. Ninguém se aventurava a sair dela com a roupa ou com os vestidos salpicados de reboco ou do pó que se desprendia dos tijolos do piso bastante gastos.

Bem diferente a Santa Cecília: pintada e decorada por Benedito Calisto, com os sugestivos e maravilhosos painéis que ilustravam o martírio de sua Santa Padroeira, não só constituía um atrativo artístico senão que também conciliava a fé e a devoção. Quais eram, nessa época, os paroquianos da Consolação, os que mais poderiam ajudar a construção de sua igreja?

Eram os componentes da velha aristocracia rural paulista. Foram eles que, no dizer de célebre escritor, escreveram a mais bela epopéia dos fins do século XIX, quando, à maneira de novos bandeirantes, penetraram sertão adentro, derrubando florestas para fazer surgir, em lugar delas, o imenso oceano verde-negro dos cafezais frutecentes, que tantas divisas ouro carrearam para o tesouro nacional.

Da casa grande de suas fazendas, bem montadas, vieram para a Vila Buarque, Higienópolis morar em

graciosas mansões, a fim de proporcionar a filhos e filhas condigna educação em colégios como os de Santana, Sion, Santo Agostinho, São Luís, São Bento.

A maioria dessas famílias não conheciam sequer o caminho de sua igreja paroquial. As que ainda cooperavam com a paróquia, afastaram-se dela qual bando de aves assustadiças, surpreendidas com o triste desenrolar dos acontecimentos — o protesto de promissórias e mais promissórias publicado nos jornais — que, à guisa de petardos, explodiram sobre a paróquia.

Nesse pesado clima de desconfiança e desalento, aos 7 de abril de 1921, dei-me posse a mim mesmo de Vigário da Consolação. O Vigário Geral recusara-se a vir à Consolação empossar-me no cargo de vigário da paróquia para que os credores não vissem na Cúria uma co-obrigada ao pagamento das dívidas que sobrecarregavam a igreja.

Poucos fiéis achavam-se na igreja a presenciar a cerimônia da posse. Os comentários, que entre eles se faziam, não eram de molde a me entusiasmar: "É muito jovem e inexperiente. Não conseguirá vencer essa avalanche de dificuldades..."

Após a Missa, na sacristia, as únicas pessoas que me vieram cumprimentar, afora os meus parentes, foram a minha professora do curso primário, Dona Benedita Kiel e os membros da família Trigo.

Assim que fiquei sozinho, dois oficiais de justiça, que, discretamente, haviam permanecido a um canto, aproximaram-se de mim e me apresentaram duas citações judiciais: pagar trezentos contos de réis, no prazo de 24 horas, sob pena de penhora da igreja!...

Até então nunca tinha visto uma citação judicial. Essas duas a exigirem de mim o pagamento de trezentos contos de réis — uma quantia fabulosa para a época — estavam ali a queimar-me as mãos... Onde iria eu descobrir toda essa fortuna eu que, sobre não conhecer ninguém na paróquia, ainda tinha contra mim

este conceito desfavorável: "É muito jovem e inexperiente?..."

Como quem acordasse de um pesadelo, ainda estremunhado, corri ao Palácio de São Luís. Ninguém melhor que o Arcebispo para com sua provecta experiência indicar-me o melhor caminho a tomar.

Leu com visível apreensão as duas contrafés que lhe apresentei para, em seguida, dizer-me:

— Se fosse para eu resolver todos os problemas da Consolação, não teria nomeado vosmecê vigário dessa paróquia. Não desconheço a gravidade da situação que tem a enfrentar e as muitas horas de amargura e aflição, iguais a esta, que ainda o esperam. Conte, porém, com a proteção de Nª Sª da Consolação e com as minhas bênçãos.

Nª Sª da Consolação estava realmente comigo, pois que, ao sair do Palácio de São Luís, foi como se me sussurrasse aos ouvidos:

— Vá à casa do Juiz que despachou essas citações e procure demonstrar-lhe que a igreja, estando na categoria de um bem público, não poderia ser penhorada. Leia, também, para ele os cânones do Direito Canônico que restringem a determinado limite a faculdade do vigário para contrair dívidas em nome da paróquia, além do qual essas dívidas passam a ser de sua exclusiva responsabilidade pessoal.

À noite desse dia, achava-me na residência do M. Juiz que, ao saber que se tratava do Vigário da Consolação, recebeu-me gentil e afavelmente. Ouviu com atenção e interesse a minha exposição, tendo o cuidado de anotar os cânones por mim citados. Por fim disse-me:

— Decorrido o prazo para o resgate da dívida sem que o sr. o faça, os oficiais de justiça irão até lá para proceder à penhora da igreja, visto não ter a paróquia outros bens. Mas, não se perturbe. Nomearei V. Revma. depositário do bem penhorado e a igreja continuará funcionando normalmente. Procure, depois, um bom

advogado e o instrua com os argumentos que me acaba de apresentar e eu os acolherei, levantando a penhora da igreja.

Atrás dessas duas citações vieram mais três, totalizando uma dívida de oitocentos contos de réis para cujo recebimento foram os credores bater às portas da Justiça!...

Passaram-se dois anos de lutas, apreensões e até mesmo de ameaças, vividas dentro e fora do Tribunal, até que este, num lúcido acórdão, isentou em definitivo a igreja de qualquer responsabilidade nas dívidas deixadas por Mons. Mello e Sousa.

Em cima da sacristia da igreja existia uma construção — por mim demolida bem mais tarde — cujo terceiro andar fora dividido em três quartos, separados uns dos outros por simples tabiques de madeira, por cujas frinchas abria caminho um vento frio, ocasionando transtornos e resfriados aos padres que ali dormiam.

Ao findar do dia, após tantos vaivéns, coalhado de lágrimas e lamentações dos prejudicados e descortesias dos advogados, subia eu os setenta degraus desse terceiro andar para ler, estudar e descançar, naquele incômodo cubículo, que me abrigou a mim e a meus colegas por tantos e tantos anos...

A ORIGEM DAS DÍVIDAS
O CEL. BENTO JOSÉ DE CARVALHO

Em fins de 1919, falecia um paroquiano da Consolação, o Sr. José de Andrade, que, em seu leito de morte, e, apenas oralmente, legara à Paróquia da Consolação uma área de terrenos de cem mil metros quadrados, logo abaixo da Escola de Medicina, na baixada de Pinheiros.

Após a Missa de 7.º dia, o filho do legatário, o Dr. Oswaldo de Andrade — o da Semana da Arte Moderna — procurou Mons. Mello e Sousa.

— Estou disposto a cumprir a última vontade de meu falecido pai, começou ele. Há um obstáculo, contudo, que me impede de fazê-lo imediatamente. A área, legada por meu pai à igreja, faz parte de um acervo de um milhão de metros quadrados, hipotecados pela quantia de duzentos contos de réis ao dono da Charutaria Seleta da Praça Antônio Prado...

Venho propor-lhe que a igreja me adiante essa quantia a fim de, com ela, pagar e levantar a hipoteca. A igreja poderá assim entrar na posse de seu quinhão. Por esse adiantamento, comprometo-me bonificar a Consolação, doando-lhe mais cinqüenta mil metros quadrados, retirados da minha parte.

Essa área de cento e cinqüenta mil metros quadrados, vendida à razão de dez mil réis o metro, irá proporcionar uns mil e quinhentos contos de réis, com os quais, sem mais sacrifícios, poderá V. Revma. concluir as obras da Consolação.

O plano era, na realidade, fascinante. Mil e quinhentos contos de réis, em 1919, era uma quantia fabulosa! A igreja poderia ser concluída e revestida até de ouro...

Diante dessa sedutora perspectiva, Mons. Mello e Sousa não titubeou em sair à procura dos paroquianos que se dispusessem a doar ou emprestar uma parte ou o total dessa soma exigida. Não foi feliz, pois que pouca ou nenhuma ressonância encontrou entre aqueles a cujas portas batera.

Enveredou, então, pelo perigoso caminho de tomar por empréstimo pequenas quantias, logo absorvidas pela corretagem e pelos juros que, em certa altura, chegaram ao absurdo de 5% ao mês!...

Quando atentou no que estava ocorrendo, ficou apavorado ao ver-se preso dentro deste desesperador círculo vicioso: fazer uma dívida maior para pagar a anterior acrescida dos juros e comissões dos corretores, que, num crescendo assustador, atingiu mil contos de réis de dívida, sem, contudo, lograr ter nas mãos os duzentos contos de réis!...

Dentre os credores, havia pobres viúvas, as que mais sofriam, privadas do magro pecúlio deixado por seus maridos, e que corretores inescrupulosos delas o arrebataram com a promessa de pagamento mensal de juros tentadores.

Assim é que um verdadeiro temporal de lágrimas e de lamúrias vinha diariamente inundar a sacristia da Consolação, sem que eu tivesse, na hora, nenhum meio para a solução adequada.

Não se passava um dia que eu não fosse intimado a comparecer ao escritório deste ou daquele advogado.

Uma dessas intimações levou-me ao escritório do Dr. Antônio de Moraes Barros que, gratuitamente, patrocinava a viúva de um funcionário público. Também ela vira ir por água abaixo o pouco que seu marido lhe havia deixado. Apiedara-se dela, disse-me ele, simplesmente, por se tratar de uma piracicabana, sua conterrânea.

Como a situação financeira da paróquia não me proporcionasse meios para satisfazer a proposta que me fizera, ponderou-me:

— Nesse caso, Reverendo, não me resta outro caminho a seguir senão o de propor uma ação contra a igreja.

— Irá perder seu tempo, meu caro Dr. — respondi-lhe. Por decisão do Tribunal de Justiça, a Consolação está a salvo de qualquer responsabilidade no que concerne a essas promissórias aceitas por Mons. Mello e Sousa.

Ah!... Porque fui eu dizer que Mons. Mello e Sousa era o único responsável pela dívida contraída com a sua cliente!... Exasperou-se e proferiu contra mim esta exaltada invectiva:

— Vocês, padres italianos, vieram ao Brasil com o único fito de ganhar dinheiro. Para os senhores não existe nem Evangelho, nem caridade, nem nada. Só enxergam o dinheiro. E que faro que os senhores têm!... Foram descobrir num porão a minha cliente e impiedosos dela arrancaram até o último tostão. Na hora de pagar o que devem um foi embora e veio agora o senhor para dizer-me que nada tem a ver com o caso... Mas, ficaram com o dinheiro de uma pobre infeliz!...

Ficou completamente desarmado, quando lhe disse que eu era brasileiro, sem nenhuma ascendência italiana e que eu também nascera em Piracicaba — a sua e minha terra. E que, se a minha pronúncia sofria ainda a influência da língua italiana, era por ter vivido alguns anos, como estudante, na Itália, de cujo povo e instituições eu conservava as mais doces e gratas recordações.

Prometi-lhe, contudo, que sua cliente — nossa conterrânea — não perderia o dinheiro. Necessitava apenas de tempo para pôr em prática um plano, com o

qual nem ela nem os demais, que haviam emprestado dinheiro a Mons. Mello e Sousa, seriam prejudicados.

Uma delicada questão de ordem moral obrigava-me a descobrir os meios com que ressarcir a todos, até mesmo aos que haviam perdido as ações executivas movidas contra a Consolação. Iludidos por corretores, que lhes acenavam com promessas de juros altíssimos, estavam convictos de que, sobre fazerem ótima aplicação de seu dinheiro, ainda ajudavam a edificar a igreja de Nª Sª da Consolação.

Decorridos já eram dois anos desde a minha posse como Vigário da Consolação. A vida paroquial começava a ganhar incremento. As famílias da paróquia — as da Vila Buarque, as de Higienópolis e Pacaembu — iam, a pouco e pouco, aprendendo o caminho de sua igreja e principiavam a interessar-se pela vida religiosa que aí se desenvolvia.

Concorria para esse resultado o Boletim Paroquial, redigido por mim num português eivado de italianismo, que o bom Mons. Alberto Pequeno, Reitor do Seminário, mo devolvia apontando as construções estranhas à nossa língua. Distribuído de casa em casa, anunciava aos paroquianos as vitórias obtidas pela Consolação nas questões forenses e os convidava a virem participar das associações que estavam sendo fundadas e os exortava a concorrerem generosamente para o prosseguimento das obras da igreja.

O que, sobremaneira, conquistava a confiança dos paroquianos era o fato do Boletim prestar contas da menor parcela arrecadada e ficarem expostos na porta da igreja os recibos das contas pagas.

O Cel. Bento José de Carvalho foi dos primeiros a vir-me estender a mão. Morava numa casa solarenga, quase defronte à igreja, na companhia de um filho casado.

Era alto, magro, calvo, de feições enérgicas, com barba branca à Dom Pedro II. Pertencia àquela estirpe de paulistas para os quais era mais fácil quebrar do que vergar.

Ao receber-me em sua casa — como que para me prevenir — foi contando o que se passara entre ele e meu antecessor. Pedira-lhe este que o apresentasse ao Banco Comercial a fim de que lhe fosse aberto um crédito de cem contos de réis. Findo o prazo do empréstimo e não tendo sido este coberto, viu-se ele forçado a reembolsar o Banco.

— Sendo o Sr., prosseguiu ele, ainda muito moço e inexperiente — podendo, pois, ser envolvido pelos espertalhões, como o foi o seu antecessor — proponho seja constituída uma comissão, composta de preeminentes paroquianos, os quais muito o auxiliarão a resolver o intrincado problema das dívidas que pesam sobre a paróquia. Aqui está a lista desses paroquianos, com suas respectivas residências. Cabe ao Sr. ir, em meu nome, à casa deles para convidá-los para essa comissão.

A lista continha os nomes dos seguintes e ilustres paroquianos: Dr. José Carlos de Macedo Soares, casado com sua sobrinha D. Mathilde Melchert da Fonseca de Macedo Soares, Cel. França Pinto, Diretor da Cia. Antártica Paulista, Cel. João Batista de Oliveira Cardoso, abastado fazendeiro, Dr. Rafael Tobias de Aguiar, parente da Marquesa de Santos, Cel. Olímpio Feliz Cintra, fazendeiro e comissário de café.

Depois de ter estado na residência de todos esses paroquianos — muito bem acolhido por todos — que consideraram uma honra a solicitada colaboração, voltei à casa do Cel. Bento e, com a alma radiante de alegria, dei-lhe conta da minha diligência promissora do mais esplêndido êxito.

Enquanto lhe expunha a maneira fidalga com que, em atenção a ele, fora eu recebido, tirei do bolso, com toda a naturalidade, um maço de cigarros.

— Cel., permite que fume um cigarrinho?

— Não, senhor. Nenhum filho meu fuma em mi-

nha presença e, muito menos, o senhor que poderia ser meu neto!...

O maço de cigarros recolheu-se imediatamente ao fundo do meu bolso e nunca mais, nas muitas e aprazíveis horas, que tive a ventura de passar com esse paulista inflexível, mas profundamente bom e generoso, nem sequer uma me lembrou fumar diante dele...

O EMBAIXADOR JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES E A LIQÜIDAÇÃO DAS DÍVIDAS DA CONSOLAÇÃO

Um dos mais prestimosos paroquianos, o que mais decidida e generosamente cooperara para saldar de vez a enorme dívida — a mim legada por meu antecessor — foi o Embaixador José Carlos de Macedo Soares.

Ali por 1923, orçaria pelos seus 45 anos. Estatura média, olhos castanhos claros a refletirem o fulgor de sua inteligência, sempre irrepreensível no trajar, tinha todos os dotes intelectuais e físicos para o desempenho das altas funções diplomáticas que, mais tarde, viria a exercer.

Quando fui à sua residência da rua Major Quedinho, na esquina da Consolação, — a convidá-lo para a primeira reunião da Comissão — recebeu-me em sua espaçosa biblioteca, em cujas estantes se enfileiravam uns 15 mil volumes luxuosamente encadernados.

Na grande mesa do centro, livros abertos com páginas assinaladas a lápis vermelho, recortes de jornais e de revistas indicavam o intenso labor intelectual em que estava empenhado.

Prometeu-me que não faltaria a essa convocação. E, de fato, à hora aprazada lá estava ele na casa do Cel. Bento, juntamente com os demais membros.

Abrindo a reunião, declara o Cel. Bento:

— O nosso Vigário tem um plano que, executado, poderá libertar a paróquia e a nós, paroquianos, do pe-

sadelo, que a todos nos oprime. Vou dar-lhe a palavra para que passe a expô-lo.

Comecei por dar a conhecer a origem da dívida por mim encontrada. Passei, em seguida a fazer ver que, ratificada que fosse pelo Dr. Oswaldo de Andrade a doação dos cento e cinqüenta mil metros quadrados de terreno, a Comissão estaria inteiramente a cavaleiro da situação para satisfazer os interesses lesados até mesmo os dos que haviam perdido as ações interpostas na Justiça contra a igreja da Consolação.

Na hipótese, mais que provável, do Dr. Oswaldo de Andrade honrar a última vontade de seu falecido pai, seria necessário ainda que a Comissão providenciasse o levantamento da quantia de 200 contos de réis para, com o pagamento da hipoteca, ser desmembrada a área pertencente à Consolação.

O Dr. José Carlos, que ouvia atentamente toda a minha esplanação, adianta-se aos demais para fazer a seguinte proposta:

— Cel. Bento, se meus companheiros estiverem de acordo, comprometo-me a adiantar essa quantia para, sem perda de tempo, ser levantada essa hipoteca e a igreja entrar na posse desse quinhão. Se ninguém tiver nada a opor, dividirei essa área em lotes de diversos tamanhos e, com eles, resgataremos as dívidas da nossa igreja. Chamarei a meu escritório o Dr. Oswaldo de Andrade, meu contemporâneo na Faculdade de Direito, para lhe dar ciência do resolvido nesta reunião e obter dele a ratificação do legado feito por seu pai.

Na semana seguinte, a hipoteca era paga e um engenheiro fazia o levantamento da área, dividindo-a em lotes de 10, 20 e 30 metros de frente por 20 de fundo. Na rua de São Bento, era alugada uma sala para servir de escritório e um estudante do quinto ano de direito, amigo do Dr. José Carlos, ficava à testa dele.

Por edital, publicado em vários jornais da Capital,

eram convocados todos os que, por um título ou por outro, se julgassem credores da Consolação.

Até então, ninguém sabia em quanto montava a quantia representada pelas promissórias aceitas e não resgatadas por Mons. Mello e Sousa.

Sem levar em conta os títulos que, espontânea e generosamente, me foram entregue por diversos paroquianos, num total de 200 contos de réis, o apurado, nessa reunião, atingiu a espantosa cifra de 800 contos de réis!...

No dia marcado pelo edital, a sala da rua São Bento tornou-se pequena para conter todos os credores.

Apresentadas as promissórias e verificadas a sua legitimidade e a quanto montavam, o Dr. José Carlos fez aos credores esta observação.

— Os títulos de que os senhores são portadores não obrigam a igreja da Consolação, como já devem saber através das sentenças transitadas em juízo. O nosso Vigário, entretanto, levantou uma questão de ordem moral, que nós, os membros da Comissão, reconhecemos como procedente, qual seja a de que muitos dos senhores foram embaídos em sua boa fé. Como não temos elementos para discernir os que agiram de boa fé dos que o fizeram por mero espírito de ganância, tencionamos resgatar todos os títulos agora apresentados.

A igreja da Consolação possui uma área de cento e cinqüenta mil metros quadrados de terrenos, logo abaixo da Faculdade de Medicina. Essa área foi dividida em lotes de 10, 20 e 30 metros de frente por 20 de fundo. Cada um dos senhores receberá em pagamento um ou mais lotes conforme o valor da respectiva promissória. Quero, porém, que os senhores compreendam que a igreja da Consolação se despoja de um valioso patrimônio, levada por alto sentimento de caridade cristã, pois que, como já salientei, não está a igreja, juridicamente, obrigada a resgatar uma dívida que lhe não pertence.

Perdidas as esperanças de, por este ou aquele meio, reaverem seu dinheiro, os que lá se encontravam, agarraram-se à proposta, como se fosse um presente caído do céu. Não houve quem não concordasse. Antevendo o futuro, aceitavam esses terrenos como um promissor emprego de capital.

Muitos auferiram daí lucros, que foram além de toda a expectativa, com a revenda desses terrenos, os quais, dentro de pouco tempo, alcançaram grande valorização.

Que felicidade não foi a minha, quando, cumprindo a promessa que fizera ao Dr. Antônio de Moraes Barros, fiz à viúva do funcionário, nossa conterrânea, a entrega de um lote de valor muito maior que a quantia por ela emprestada!

Cerca de oito anos mais tarde, estava fazendo o assentamento de um batizado, quando a madrinha da criança me interrompeu:

— O Senhor não se lembra de mim?

— A sua fisionomia não me é estranha. Tenho a impressão de tê-la já visto.

— Eu sou aquela cliente do Dr. Antônio de Moraes Barros. Que Deus o tenha em bom lugar!... Graças a ele e ao senhor consegui um lote de terreno muito bom. Nª Sª da Consolação restituiu o meu dinheiro, 50 vezes mais do que me devia!...

— Como assim?!...

— Vendi 15 metros do meu lote e, com esse dinheiro, um meu compadre construiu para mim duas boas casinhas nos 15 metros restantes. Alugo uma e moro na outra. Como o senhor vê, Nª Sª da Consolação teve piedade de mim e compensou-me dos dias de aflição e de penúria, quando até cheguei a passar fome.

A velha e arcaica estrutura Política do país vinha sendo sacudida por seguidas revoluções tais como a do forte de Copacabana, em 1922, a do General Isidoro Dias Lopes, em 1924 , finalmente, a de 1930, que fez voar

pelos ares a antiga República dos coronéis do velho PRP.

Interpretando os anseios, que vinham das camadas mais puras da alma popular, o Dr. José Carlos de Macedo Soares aderiu à revolução de 1924, arvorado em chefe civil da mesma.

As tropas legalistas bombardeavam intensamente os bairros do Cambuci e da Mooca. Os petardos explodiam indiscriminadamente por toda a parte, atingindo a igreja do Cambuci, casas e quintais. As famílias apavoradas abandonavam tudo e fugiam para o centro da cidade.

Ao lado da atual igreja da Consolação, havia um grande barracão que servira de igreja provisória, enquanto a outra era construída.

O Dr. José Carlos, condoído da triste sorte dessas famílias — homens, mulheres e crianças — a pernoitarem nas ruas e sem terem o que comer, procurou-me para me sugerir:

— Vigário, vamos transformar esse barracão em abrigo onde alojar todas essas famílias. Eu providenciarei colchões, cobertores e gêneros de primeira necessidade. O senhor organiza com as senhoras da paróquia uma cozinha que eu mandarei para cá caldeirões com que preparar a comida para tanta gente.

Durante toda a revolução, mais de 500 pessoas aí se refugiaram, recebendo duas refeições por dia, preparadas com desvelo e carinho pelas senhoras da paróquia.

E, quando as balas e os petardos começaram a visar a Consolação, foi dentro da própria igreja que se abrigaram, principalmente, à noite, ao recrudecer do bombardeio. Esperavam que as paredes externas da igreja, feitas de blocos de pedra, fossem para elas seguro anteparo contra as bombas e o matracar constante das metralhadoras.

A vitória das armas legais obrigou o Dr. José Car-

los a curtir a amargura de vários anos de exílio na Europa.

Instituído o novo regime de 1930, convidou-o este aos mais altos cargos no governo da República. Em todos eles, deixou Macedo Soares indeléveis marcas de seu incontestado valor: Ministro da Justiça, Ministro das Relações Exteriores, Embaixador do Brasil para resolver a questão do Chaco, onde, com sua habilidade diplomática, logrou estabelecer a paz entre os dois países beligerantes. Foi ainda o autor do tratado de Roboré, pelo qual a Bolívia concede ao Brasil larga faixa de seu território para nele ser explorado o seu petróleo.

Essas altas funções forçaram-no a viver no Rio de Janeiro, sem, contudo, desligar-se de sua paróquia. Embora ausente, continuava a acompanhar com interesse, através do Boletim Paroquial, que lhe era enviado, tudo o que se vinha realizando na Consolação. Quantas vezes não me escreveu, manifestando seu parecer acerca dos problemas expostos pelo Boletim paroquial!

Quando se me oferecia a ocasião de o visitar no Rio de Janeiro, quer em sua residência em *Botafogo*, quer no Itamarati, apresentava-me ele aos demais sempre com a mesma frase:

— Meu Vigário, um grande Vigário.

Os seus últimos anos de vida veio passá-los na sua Consolação. Todos os domingos, após a Missa, ia invariavelmente à sacristia para me dizer:

— Vim rever e abraçar meu grande Vigário...

Morreu pobre e quase esquecido, tendo a seu lado um amigo fiel — o seu motorista, o João — num apartamento, na rua São Luís, que sua esposa, Dona Mathilde, deixara em testamento para a Santa Casa de Misericórdia com a cláusula de usufruto em favor de seu marido, enquanto este existisse!...

A CONSOLAÇÃO CONCLUÍDA E A MISSÃO POR ELA EXERCIDA

Há cerca de meio século, a Arquidiocese de São Paulo era regida por um Arcebispo da envergadura de um Dom Duarte Leopoldo e Silva, secundado nos seus empreendimentos por uma plêiade de jovens padres, disciplinados, imbuídos do ideal apostólico sobre cujos ombros pesava o duplo encargo: intensificar a vida espiritual em suas comunidades paroquiais e construir o edifício da igreja, com seus indispensáveis anexos.

A eles é que São Paulo deve a maioria das igrejas que possui, quer no centro da cidade, quer nos bairros periféricos, avultando, entre todas, esse poema de granito, que é a Catedral.

Quem hoje freqüenta essas igrejas talvez se detenha em gabar-lhes o útil ou admirar o grandioso delas; mas é bem possível que não atente no árduo da empresa ou nem sequer imagine quantos trabalhos e suores condensa cada pedra ou tijolo, argamassados com lágrimas em duras noites de insônia!... Muito menos poderá aquilatar o que elas significaram para o zelo, para a incansável dedicação e desprendimento desses autênticos heróis anônimos... É que as tristes e longas horas de angústias, por eles vividas, jazem agora sepultadas sob o manto espesso do esquecimento!... Por isso, nada mais dizem, nada mais representam para os apressados e indiferentes que as adentram para orar ou, simplesmente, para se verem envoltos pelo silêncio religioso de suas naves desertas...

A igreja da Consolação teve os alicerces e as paredes regadas com as lágrimas dos dois Vigários que me precederam: o Cônego Virgílio Morato de Andrade e Mons. Dr. Francisco de Mello e Sousa.

Quanto não sofreram ambos, que verdadeiros martírios não suportaram!... E, quando as circunstâncias adversas os obrigaram a entregar-me o legado de dores e sacrifícios, não tinham de seu senão uma pobreza imerecida!...

Se há 40 anos, construir uma igreja, decorá-la e entregá-la ao culto litúrgico, constituía uma empreitada a exigir coragem, desprendimento, espírito de sacrifício por parte dos que a tanto se abalançavam, que dizer de uma igreja, cujas, obras fazia longos meses estavam paralisadas e mais ainda, gravadas com dívida esmagadora!...

Cumpria, antes de mais nada, superar a atmosfera de desconfiança generalizada por parte de paroquianos que, nem sequer, freqüentavam a sua igreja.

Além disso, a velha aristocracia rural paulista, até então, não havia aprendido que "dar é melhor que receber" e, nem se convencera da obrigação de auxiliar a construção da sua igreja... Se fosse para um asilo, para uma creche — como me diziam à queima roupa — ainda... ainda... Iriam pensar!... Mas, para uma igreja... para os padres!...

Calcorreando, pois, com o Livro de Ouro debaixo do braço, as ruas da paróquia em demanda desta ou daquela residência — que me fora indicada sob condição de não revelar quem o fizera — sentia-me tolhido pela timidez e embargado pela apreensão de possíveis malogros.

Assim é que, ao tocar a campainha do portão de ferro, que dava entrada para o jardim dessas mansões, apoderava-se de mim um misto de insegurança e de angústia, imaginando como seria recebido eu, um desconhecido, que ademais tinha contra si a aparência de ser muito mais moço do que realmente o era. Naquele

tempo não era, como hoje, em que os moços ocupam o primeiro plano. Somente, os homens de idade madura é que mereciam consideração e respeito.

Quantas vezes não senti a amargura do desalento ao observar que alguém, lá do alto da janela do andar superior, pressentindo a minha aproximação, intimava a uma criada a vir-me dizer:

— Os patrões saíram... Só estão em casa os empregados....

E quando recebido com afabilidade e gentileza, o resultado era, por vezes, desanimador:

— Sr. Vigário, os negócios não vão nada bem. O café está retido nos armazéns do governo. Por mais que desejemos ajudá-lo, as circunstâncias não no-lo permitem...

Pouco a pouco, a confiança na minha pessoa foi-se firmando e crescendo o interesse pela paróquia. Famílias e mais famílias acudiam com suas contribuições em dinheiro, valiosas ou modestas e se apresentavam para ingressar nas associações, fazendo questão que seus filhos ou filhas tomassem parte na Pia União das Filhas de Maria ou na Congregação Mariana.

Com quantas saudades e profunda gratidão não me lembro, hoje, dessas famílias, as primeiras que responderam ao meu apelo e vieram formar ao meu lado!...

De que nomes ilustres não eram elas portadoras!... Sousa Queiroz, Rubião, Lacerda Soares, Soares de Camargo, Vergueiro de Lacerda, Marx, Condessa Penteado, Silva Prado, Trigo, Assunção, Borba, Gomes, São Thiago, Araújo Cintra, Bayma de Carvalho, Melchert da Fonseca, Oliveira Cardoso, Cardoso Aranha, Ramalho, Pinto de Castro, Tobias de Aguiar, França Pinto, Uchoa Fagundes, Prudente Corrêa, Mário Tavares, Rodolfo Miranda, Macedo Soares, Couto de Barros, Veiga, Meireles Reis, Oliveira Ribeiro, Queiroz Mello, Ferreira Leite, Paula Leite e tantas e tantas outras, por cuja omissão aqui, saberão perdoar-me para não me alongar em demasia.

E a Consolação, de ano para ano, foi-se tornando uma das mais belas igrejas de São Paulo, pelo primor de seu estilo romântico-bizantino, pela rica e harmoniosa decoração, pelos esplêndidos painéis que a enriqueceram, assinados por pintores de escol, como Benedito Calisto, Oscar Pereira da Silva, Edmundo Gagni, Hans Bauer, o qual, depois de ter recoberto os 500 metros quadrados da cúpula central com os seus dois grandiosos afrescos — o da Assunção da Senhora e o da Anunciação da Virgem — foi decorar o Palácio da Prefeitura de São Francisco da Califórnia.

Era a igreja preferida para os casamentos pomposos, a igreja dos inolvidáveis meses de Maria, das famosas Missas do meio-dia, quando se faziam ouvir ali as mais encantadoras páginas de Liszt, Bach, Schumann, Beethoven, Handel, Mendelson, Brahmes, Chopin, às quais os Maestros Rui Botti Cartolano e Perdigão sabiam imprimir tão elevada espiritualidade, ajudados pelo maravilhoso som dos setenta e tantos registros do grande órgão, importado da Itália, em 1930.

Não tardou muito em se transformar no poderoso elo que vincularia todas as famílias da paróquia, desde as mais humildes até as mais ilustres.

Através de um filho ou de uma filha, de uma esposa ou de um esposo, ligados a uma das associações, a paróquia inteira recebia o influxo de vida espiritual e social, que sobre ela se derramava, qual onda balsâmica de paz e de união.

Não era apenas a fonte dos sacramentos, recebidos sempre em número crescente e com mais fervor, como também, o refúgio amigo onde vinham encontrar repouso e sábias orientações os que se viam acabrunhados por cruciantes problemas.

Aos domingos, por ocasião das dez Missas aí celebradas, a igreja se tornava pequena para abrigar famílias inteiras — pais e filhos — que vinham para o louvor a Deus e para trocarem entre elas recíprocas manifestações de amizade, pois que todos se conheciam.

Viam-se, então, sacerdotes — compenetrados dos sublimes ministérios que exerciam, lá no altar — diligenciarem em transmitir a Palavra de Deus através de homilias, apresentadas com arte e eloqüência, comentadas no seio das famílias, que delas retiravam proveitosas lições.

Em 1950, a Consolação principiava a perder sua característica de bairro residencial com a Vila Buarque e parte de Higienópolis invadidas maciçamente pelo comércio e, pior ainda, pela proliferação danosa de boîtes e inferninhos.

As famílias, respeitáveis pelo nome e tradição, que ali viviam e formavam o núcleo aglutinador da paróquia, transferiam-se, umas após outras, para o Jardim América, Jardim Paulista, Jardim Europa, Jardim Paulistano, Pacaembu etc.

As mansões, por sua vez, transformavam-se em casas de cômodo, com os salões divididos em vários quartos por tabiques de madeira. Baixava, por essa forma, o nível social e econômico da paróquia com a afluência de nordestinos, que vinham trabalhar nas construções do centro da cidade.

Destarte, a paróquia perdia famílias, que compunham seus quadros associativos e a ajudavam com suas contribuições e, em lugar delas, surgiam as que necessitavam que ela as amparasse e protegesse.

Não obstante todos esses fatores adversos, foi construída a torre, que hoje empresta à igreja tanta imponência, nas suas quatro faces instalados os mostradores do relógio, montado pela IBM. Um carrilhão de cinco sinos, pesando o maior duas toneladas, instalou-se no alto da torre. Da França veio importado um aparelho destinado a bater as horas e acionar mecânicamente todos os sinos.

Em 1960, era demolida a velha construção existente atrás da igreja, que servia de sacristia no andar térreo e, no terceiro andar, de residência para os padres. Completamente desvinculada do estilo da igreja,

dava-lhe um aspecto grotesco. Em seu lugar, foi construído, dentro do estilo da igreja, um edifício para abrigar no andar térreo a sacristia e o expediente do vigário e, no superior, dois amplos salões.

Concomitantemente, para compor a fachada posterior da igreja — em terreno cedido pela prefeitura em comodato — ergueu-se um edifício de dois andares, com 16 metros de frente por 10 de fundo. O andar térreo foi destinado às obras assistenciais da paróquia — Fraterno Auxílio Cristão, sobre o qual falaremos mais adiante — e no superior, com três quartos, dois banheiros, sala de jantar, copa e cozinha, área de serviço, quarto de empregada com banheiro privativo, abrigava-se o presbitério paroquial, onde residiam, além do Vigário, três outros padres cooperadores.

E como foi possível realizar todas essas obras, sem sacrificar os paroquianos já, em grande parte, destituídos de meios econômicos?

É que os jovens padres de Dom Duarte encaneceram e se esgotaram no exercício do ministério, nunca pensando em si, nem muito menos, amealhando para o futuro, antes cuidando em executar fiel e escrupulosamente a tarefa que lhes fora confiada, obedecendo ao que o Divino Mestre preceituara a seus discípulos: "Nem pão, nem alforje, nem dinheiro nas cintas".

Sobretudo, "nem dinheiro nas cintas"...

Assim, quando lhes minguaram as energias, forçando-os a ceder seus lugares aos mais jovens, saíram de suas paróquias para continuarem como sempre viveram: na mais honrada pobreza...

A VIDA RELIGIOSA NA CONSOLAÇÃO

Em 1935, o *Montanismo* dos nossos dias não havia ainda aparecido com seus "profetas" a interpretarem os "sinais dos tempos" e a contestarem ao Papa e aos Bispos a suprema direção doutrinal, moral e disciplinar da Igreja.

Nem o Concílio Vaticano II, com sua constituição sobre a "Igreja no Mundo Moderno", havia surgido para lhes oferecer vastíssimo campo às mais esdrúxulas "experiências".

Era, então assentada por válida e peremptória a afirmação de Cristo: "Procurai primeiro o Reino de Deus e sua justiça e o resto vos será acrescentado". A ninguém se afigurava como possível inverter a categoria de valores aí estabelecida, a saber: procurar primeiro o resto, isto é, o Mundo com seu hedonismo desaçaimado e relegar a um plano secundário o Reino de Deus e sua justiça.

A Teologia, por seu turno — estudada com seriedade — não cedia a vez à "nova teologia" historicista, naturalista e sociológica, cujos postulados consistem em cantar, em prosa e verso, a nova idade de ouro a ser instaurada nesta terra com o advento do mirífico reino do homem, inteiramente alienado dos valores espirituais.

Nem a Ascética havia sido posta de lado pelos "ajornados" a proclamarem que viemos a este mundo — não para realizar o "unum necessarium", salvar a alma por meio da mortificação dos sentidos, da oração

recolhida, da recepção dos sacramentos — e sim, para salvar o homem. Do pecado? Do erro? Do mal moral? Não. Da opressão das estruturas injustas, da fome, da miséria, das desigualdades sociais!...

Dentro desse contexto de uma Igreja exclusivamente voltada para os problemas da terra, foi surgindo, aqui e acolá, a festiva falange de padres e bispos, que inteiramente despreparados, se arvoraram em peritos de Economia Política. E, quais as soluções por eles apresentadas para resolver, de uma vez por todas, a angústia dos subdesenvolvidos, os horrores da fome, e da guerra no mundo? Abalar ainda mais as colunas do templo, já minadas pelo ódio e pela violência!...

Eles, que vivem com a boca cheia de Concílio Vaticano II, não leram o artigo 42 da "Guadium et Spes" a definir claramente a real missão da Igreja: "Certamente, a missão própria confiada por Cristo à sua Igreja não é de ordem política ou econômica ou social: o fim que lhe atribuiu é de ordem religiosa". Essa ordem religiosa, por sua vez, faz com que "uma alma, que se eleve, arraste consigo o mundo", isto é, que o homem — purificado de seu ódio, de seu egoísmo, de sua avareza por efeito da graça — transforme a face da terra. E, sem essa elevação espiritual, por mais liberto das injustiças sociais que esteja o homem, nunca passará de um lobo para outro homem.

O exemplo da Rússia, da China, dos Estados Unidos — as duas primeiras com a igualdade social estabelecida, o último a nadar num oceano de bem-estar e progresso material — denuncia, com trágica eloqüência, o monstruoso crime que engendram perpetrar a dano de outros povos, ao armazenarem, em seus arsenais, as mais horripilantes armas atômicas.

Eis porque, naqueles tempos, todo o esforço pastoral norteava-se pela palavra de Cristo: "Regnum Dei intra vos est". É nas mais íntimas camadas de cada um de nós que se edifica o Reino de Deus, alicerçado

nas riquezas espirituais adquiridas na recepção dos sacramentos.

A contraprova dessa verdade é o que vamos agora verificar na ação pastoral exercida através das associações religiosas da Consolação, neste e no outro capítulo.

Tão logo me desvencilhei de credores e de ações judiciais contra a igreja, dediquei-me a dinamizar a vida religiosa e espiritual da paróquia.

O Apostolado da Oração, com seu sugestivo lema — "venha a nós o vosso reino" — foi a mola propulsora a difundir por toda a paróquia a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, promovendo com esta a união dos paroquianos em torno da sua igreja.

O Apostolado teve a ventura de contar, como presidentes da diretoria, senhoras em extremo dedicadas e que, mercê do largo círculo de suas relações sociais, dentro e fora da paróquia, conquistaram para essa obra um número expressivo de outras senhoras, inflamadas do mesmo zelo e entusiasmo.

Manda a justiça e a gratidão que lhes consignemos aqui os nomes: Baronesa Joaquina Pinto de Castro Ramalho, Zenaide Prudente Corrêa, Altamira Lacerda, Julieta Nougues, Hilda Rodrigues Alves, Maria Augusta Sousa, Queiroz Soares de Camargo, Maria Benedita Lacerda Vergueiro, Maria José Cardoso Aranha, Theodora Bayma de Carvalho, Otília Moreira Lima, Maria Medeiros Machado, Aída Guimarães da Veiga, Olga Bonança...

Que extraordinária ação não desenvolveram essas senhoras, juntamente com suas zeladoras-chefes e demais zeladoras, cujo número, em certa época, chegou a mais de duzentas!

A paróquia foi por elas dividida em cinco setores, sendo cada setor entregue aos cuidados de uma zeladora-chefe, que tinha a auxiliá-la dez ou mais zeladoras, cujas residências se localizavam nas ruas pertencentes a esse setor.

Assim o fizeram para que todas as famílias da paróquia fossem visitadas, como regularmente o foram, e o Coração de Jesus nelas entronizado em cerimônias, revestidas sempre de grande solenidade. Em cada rua, na residência de uma zeladora, havia círculos de estudos para os quais eram convidadas as amigas e vizinhas. Quantas vezes não tomei parte nessas reuniões familiares, nas quais intervinham os membros da família, os convidados, quando muitas dúvidas eram esclarecidas.

Com que zelo e dedicação não preparavam a visita da imagem de Nª Sª da Consolação, levada em procissão de casa em casa, permanecendo em cada uma delas durante três dias. Ao cair da tarde, a recitação do terço atraía quase toda a vizinhança. Após o terço, uma zeladora, ou uma filha de Maria, ou um congregado mariano tomava a palavra para discorrer sobre um assunto de interesse geral.

Dedicavam-se igualmente à Obra das Vocações que deu à Arquidiocese seis padres, cujos estudos foram por elas custeados. Interessavam-se pelas Obras das Missões, fazendo com que a Consolação aparecesse sempre entre as primeiras colocadas na soma dos donativos arrecadados. Tomaram parte — e com que sacrifícios! — no levantamento estatístico de toda a paróquia, pelo qual se chegou a conhecer as reais condições sociais, econômicas e religiosas de cada família.

É toda uma época de ardentes lutas, de inigualável dedicação — em que se empenharam essas abnegadas zeladoras, juntamente com suas família — a que estou a rememorar para render o mais sincero preito de gratidão às que ainda vivem e da mais imorredoura saudade às que já receberam de Jesus o galardão de glória, que tanto fizeram por merecer.

Eu as estou vendo ainda, cheias de mocidade e de vigor, nas procissões que se formavam, quando, às terças-feiras, após a Missa das 8 horas, o SS. Sacramento era levado à sua Capela, em cujo altar, por elas,

carinhosamente, enfeitado de flores e de luzes, permanecia exposto o dia inteiro à adoração dos fiéis!...

Aos turnos de 10 ou mais, iam-se revezando, de meia em meia hora, no transcorrer do dia todo. E como cada zeladora chefiava dez ou mais zeladas, estas também compareciam e a Capela se conservava sempre cheia. Em qualquer momento que alguém nela penetrasse, vê-las-ia em profunda adoração, rezando ou cantando.

Não poucas vezes surpreendi o Pastor da Arquidiocese, que do seu palácio São Luís, vinha unir-se às suas ovelhas para adorar e louvar o Deus escondido de nossos altares. Também ele, como paroquiano da Consolação, que era, vinha dar o exemplo de amor e de fidelidade ao Cristo da Eucaristia, fazendo de joelhos a sua meia hora de guarda!...

Nessa adoração continuada, nessas súplicas ardentes, que é que pediam a Jesus ali presente na Eucaristia? A paz e a prosperidade para nossa Pátria, o aumento das vocações sacerdotais, a santificação do clero, a solução para algum problema de suas famílias, a santificação e proteção para o vigário e seus auxiliares, o eterno descanso para as almas dos finados.

Como tudo isso era belo!... Como nos elevava acima dos estreitos horizontes deste mundo e nos permitia desvendar uma nesga do céu infinito...

E, agora, que fizeram dessa atmosfera, impregnada de sobrenatural — a envolver em ondas de doçura as nossas famílias, as nossas paróquias — os que pretenderam atualizar a Igreja com cerebrinas interpretações dos documentos conciliares?

Oriundos de seminários — que serão mais pensões alegres de estudantes e menos casas de formação eclesiástica — vazios de espiritualidade, sem estudos aprofundados de filosofia e de teologia, mas intoxicados pela leitura de certas revistas, conhecidas pela defesa de opiniões, que contrariam a doutrina do Magistério da

Igreja, querem ser tudo, menos padres... menos apóstolos de Cristo!...

Por isso, invadiram o Santuário, arredaram as imagens dos altares, dissolveram, por inúteis e arcaicas, as associações religiosas, aboliram a confissão auricular por exigir deles esforço e conhecimento da ascética e da psicologia experimental, numa palavra, viraram as costas à Igreja que haure nas fontes eternas toda a sua força, toda a sua razão de ser...

Disseram que era preciso desmitizar o Cristianismo, reduzi-lo a uma religião sem o sobrenatural! E, de tanto se esforçarem por rebaixar o Cristianismo ao nível das coisas naturais, caíram no secularismo, o qual, como bem o definiu Vahanian, em seu livro "A morte de Deus", é uma religião invertida, uma deificação de valores seculares, tais como sexo, democracia ou sociedade sem classes.

Queriam, por essa forma, conquistar o mundo para a Igreja!... Mas, que peça o demônio lhes pregou!... Eles é que foram abocanhados pelo mundo!... Com dispensa, ou não, de seus votos, casaram-se para assim mais valorizarem o sexo e melhor pertencerem ao mundo pelo qual Jesus não orou!...

O MÊS DE MARIA NA CONSOLAÇÃO

Ainda há não muito tempo — uns seis ou sete anos talvez — o mês de Maria, o "tão lindo mês de flores", revestia-se na Consolação, de um colorido e de um esplendor que contagiava não só os paroquianos como os moradores de outros bairros distantes.

Ao cair da tarde, o carrilhonar dos sinos, lá no alto da torre, unido à melodia tão enternecedora da Ave-Maria, difundida pelos alto-falantes, descia ao nível das ruas, das avenidas, penetrava pelas residências adentro, envolvendo tudo e todos numa atmosfera de mística doçura.

Dentro da igreja, os refletores realçavam o ouro da decoração, os grandes painéis da cúpula central, os valiosos quadros de Oscar Pereira da Silva, ornando as paredes da capela-mor. E, lá no seu trono, cercado de uma profusão de luzes e de flores, Nª Sª da Consolação, com o Menino Jesus no colo, parecia sorrir e abençoar os que vinham prestar-lhe sua homenagem de amor e gratidão.

À medida que se aproximava o início das novenas, a afluência dos fiéis ia crescendo, cada vez mais, ganhando o corpo da igreja, derramando-se por suas naves laterais até ficar superlotada.

Abriam-se as novenas com a reza piedosa do Terço. As "Ave" e "Santas-Marias", num cascatear cadenciado, aqueciam o ambiente sagrado com o fervor de centenas e centenas de lábios que se abriam para

a prece, a qual subia como espiral de incenso até os pés da Virgem.

Seguiam-se as ladainhas lauretanas, executadas por um harmonioso coro de vozes mistas, regido pelo Maestro Rui Botti Cartolano, tendo ao órgão o Maestro Perdigão. Essas vozes, ora cheias de vida e calor, ora impregnadas de ternura, alcandoravam-se suplicantes e, refletindo-se das abóbadas sonoras da igreja, refluíam para os fiéis e em seguida se projetavam para fora, por meio dos alto-falantes.

O bairro inteiro podia assim acompanhar, em seus lares, aquelas invocações, umas a subirem rumorejantes de fé, outras a descerem humildes e submissas nos contínuos "rogai por nós", repletos de esperança que se lhes insinuavam casa adentro.

Terminadas as ladainhas, assomava ao púlpito algum orador de grande nomeada — um Mons. Manfredo Leite, um Mons. Dr. Benedito Marinho, um Mons. Dr. José Rezende, um Frei Martinho Bené, um Dom Frei Luís de Santana, um Dom Antônio de Moraes, um Dom Antônio Maria Alves de Siqueira — a sucederem-se durante todo o mês. Era de se ver como aquele vasto e seleto auditório permanecia com a atenção presa ao fascínio de uma palavra, ora condensada de ensinamentos, ora leve e graciosa, que em cachoeiras de eloqüência, se espraiava por todos os recantos da igreja.

Uma cena encantadora — que se repetia todas as quintas-feiras e domingos — era a das filhas de Maria, quando, após o sermão, qual torrente de véus brancos e de faixas azuis, precedidas de uma revoada de graciosos anjinhos e escoltadas por uns setenta Congregados Marianos, desembocavam da sacristia para invadir o corpo da igreja.

Em número nunca inferior a cem, essas jovens entravam pelo centro da igreja e se encaminhavam para o presbitério a fim de depositarem sobre o altar os ramos de flores que traziam nas mãos. Em seus uniformes irrepreensivelmente brancos, com o longo véu a cair-lhes pelas costas e a larga faixa azul com o laço a pender-lhes da cintura, vinham resplandecentes de fé e de graça juvenil, cantando:

"Flores singelas queremos
Maria, vos ofertar,
Flores que alegres colhemos
Maria, para o vosso altar".

A igreja toda como que se rejuvenescia com esse toque de primavera, dado por esse rio branco e azul, salpicado pelo preto dos ternos, que usavam os moços.

* * *

Não se limitava, contudo, a essas evoluções coreográficas a ação da juventude da paróquia.

Com que entusiasmo e assiduidade não se empenhavam em estudar a fundo a doutrina social da Igreja, assim como as lições de religião, que lhes eram ministradas!...

Nenhum movimento houve na paróquia, quer o de angariar fundos para o prosseguimento das obras ou para fins assistenciais, quer o do recenseamento para se conhecer o *"Status animarum"*, que não contasse com a decidida cooperação desses moços e moças.

Quem, à noite, fosse visitar a Consolação, como se não surpreenderia com o dinamismo associativo da paróquia! Não veria, apenas, rapazes jogando ou treinando na quadra de Bola ao Cesto, existente ao lado da igreja e mais tarde, desapropriada pela Prefeitura. Intensa atividade agitava a sede das associações. Reuniões de senhoras, numa sala; em outra, moças a confeccionarem roupas e agasalhos para os pobres e, no grande salão, moços entretidos com o bilhar ou xadrez, ou a lerem revistas e jornais.

Era a imagem viva de uma paróquia que, 20 anos antes do Concílio Vaticano II já estava em pleno "ag-

giornamento". Lembro-me do escândalo produzido em outras paróquias, ao se espalhar a notícia de que, na Consolação, moços e moças das associações não só assistiam aos atos litúrgicos vestidos de acordo com a moda, como freqüentavam bailes, piscinas e praias.

A censura ao Vigário da Consolação era que toda essa vida associativa da juventude paroquial se fazia com detrimento do vigor moral e espiritual. Nada tão injusto e tão falso.

Para desfazer esse conceito pejorativo, bastaria que os malsinadores assistissem à Missa da juventude paroquial, aos domingos e contemplariam então a igreja repleta de jovens de ambos os sexos tomando parte ativa na Missa recitada, nos cânticos entoados por todos na hora do Ofertório, depois da Consagração e da Comunhão, quando a maioria se aproximava da mesa eucarística. Bastaria que lessem os relatórios das boas obras e mortificações, dadas a conhecer nas reuniões mensais para edificação de todos. Veriam anular a precipitada acusação, ao terem diante dos olhos atos de mortificação tão comoventes que pareceria terem sido extraídos da vida de algum santo.

Dentre tantos, vem-me à memória este que passo a relatar.

Era costume do Jóquei Clube promover o *Reveillon* da passagem do ano. O pai de uma jovem Filha de Maria, como sócio desse Clube, iria com toda a família tomar parte nessa reunião social.

No ano anterior, um concurso para qualificar a que se apresentasse com um mínimo de roupa — ganhando a que se cobrira com apenas uma folha de parra — produzira enorme escândalo, que explodira nas páginas dos jornais e revistas.

Sentindo que a consciência lhe vedava acompanhar os pais e irmãos a uma festa — em que tudo indicava se repetiria a mesma desfaçatez — foi a jovem ao convento das Carmelitas a fim de consultar uma sua ex-colega, que se fizera religiosa.

— Você não pode deixar de acompanhar seus pais, ponderou-lhe a monja. Expor-se-á muito mais, permanecendo sozinha e indefesa, naquele seu casarão da Av. Higienópolis. Durante o "Reveillon" para não se contagiar com os maus exemplos e não se embriagar com o licor voluptuoso dos sentidos excitados, leve consigo esta correntinha dentada — um dos cilícios usados pelas monjas — e aplique-a bem apertada em seu corpo. Quando estiver pulando ou dançando, a correntinha lhe espertará a lembrança de sua qualidade de fervorosa cristã que, embora numa festa paganizada, não a dispensa de dar o bom exemplo.

Ao voltar da festa, já de madrugada, no momento em que estendia a perna para descer do automóvel, não soube como reprimir um grito de dor. A mãe, que tinha antes notado algo de estranho na filha, seguiu-a até o quarto e ficou estarrecida diante do que seus olhos contemplavam: as pontas da correntinha haviam ferido fundo as carnes da filha, ensopando-lhe de sangue as roupas de baixo...

Era esse o espírito de fé sincera e de mortificação, por vezes exagerada, o que animava aquela juventude sadia que, na época, freqüentava a Consolação.

Esses moços são hoje, advogados, médicos, engenheiros, deputados, magistrados; e aquelas jovens, advogadas, médicas, assistentes sociais, professoras universitárias, e a maioria, ótimas donas de casa, mães exemplares, esposas extremosas. Fundaram famílias consolidadas, pelos vínculos da fé esclarecida que, nos anos da adolescência, foram beber na Consolação. "Ex fructibus..." É pelos frutos que se conhece a árvore.

O CONGRESSO MARIANO DE Nª Sª APARECIDA

Em 1929, o vendaval renovador (e por vezes, herético) não se havia ainda abatido sobre a Igreja, dela arrancando tudo o que enchia de encanto e de poesia a vida piedosa dos nossos antepassados.

A ninguém, pois, ocorria acovardar-se, quando era mister proclamar o amor a Nossa Senhora ou ajoelhar-se perante seu altar. Aos ouvidos piedosos soaria como ofensa qualquer restrição que se ousasse fazer às aparições de Lourdes ou de Fátima.

O Terço — cujas contas vimos, tantas vezes, perpassarem por entre os dedos trêmulos de nossas avós — não se havia transformado em objeto de desprezo, sendo, pois, abolida a reza dele até mesmo entre os filhos do grande São Domingos, o que mais difundira essa devoção por toda a Europa!...

Muito menos passaria pela mente de quem quer que fosse a apregoada cautela contra imaginários excessos no culto à Virgem Maria... Nem havia teólogos de nomeada, Prelados e até Eminências, que tivessem por inoportuna a luminosa declaração de Paulo VI sobre a presença de Maria no Cristianismo remoçado!...

Era inteiramente desconhecido esse complexo de inferioridade, essa espécie de respeito humano diante de protestantes, que chega apossar-se de tantos católicos, quando se lhes apresenta a ocasião de cantar as glórias da Mãe da Igreja.

Naquela época, revistas e jornais, congressos e re-

tiros surgiam por toda a parte. A imprensa marial não se fartava de se referir a mais um congresso, a mais uma peregrinação, a mais uma coroação.

Via-se então a inumerável falange da mocidade mariana, com seus véus brancos e suas fitas azuis, tomar de assalto as ruas e avenidas das grandes metrópoles, coalhar os mares e saturar de cânticos sagrados o ambiente ecumênico dos aeroportos.

* * *

O Congresso Mariano fora convocado por Dom Duarte Leopoldo e Silva a realizar-se em Aparecida, a cujas plagas abençoadas acorre, vinda de todos os recantos da Pátria, a nossa gente simples e bem brasileira.

A pequenina imagem, feita de barro escuro, retirada por alguns pescadores das águas sonolentas do Paraíba — Nossa Senhora Aparecida — veio, ao longo destes duzentos anos, atraindo para si romarias e peregrinações sempre mais numerosas.

A atmosfera de Aparecida, impregnada de cânticos e de preces ardentes de romeiros a galgarem a colina da velha igreja ou a se espraiarem pela esplanada da nova Basílica, tem aquele mesmo doce eflúvio de sobrenatural que se respira em Lourdes ou em Fátima. Como em Lourdes o "Louvando a Maria", em Aparecida se ouve, a cada instante, o "Viva a Mãe de Deus e nossa".

Nenhum outro lugar, pois, poderia ser melhor escolhido para sede de um Congresso que tinha por escopo estudar os fundamentos da devoção a Maria e, de um modo particular, os que se referiam à devoção a Nª Sª Aparecida.

Bispos e mais Bispos das várias dioceses do Brasil, e, à frente deles, S. Eminência o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, lá se achavam concentrados.

O recinto da antiga igreja ficara reservado, à noite, exclusivamente para as sessões do Congresso, que tinha como presidente de honra S. Eminência o Cardeal Leme, como presidente efetivo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, a cuja arquidiocese pertencia Aparecida, e como secretários o Cônego Dr. Francisco de Assis Barros e eu.

Como secretários que éramos, não nos limitávamos ao simples relato do que se passava durante as sessões. Reunidos, à noite, em nosso quarto, no convento dos Padres Redentoristas, ao redigirmos a ata, fazíamos apreciações sobre os debates e teses apresentados. Nem todos, porém, se conformavam com a qualificação de valor que dávamos aos trabalhos apresentados e havia sempre quem viesse bater à nossa porta para exigir esta ou aquela retificação da ata.

Numa dessas noites, o Cardeal Leme, com aquele seu natural simples e bom, que era uma das características de sua invulgar personalidade, entrou-nos pelo quarto adentro. A nossa surpresa, ao vê-lo sentar-se numa das nossas camas, tornou-se ainda maior quando pediu ao Barros que o deixasse a sós comigo.

Desde que eu tomara posse da Consolação, Dom Leme — que fora colega de Mons. Mello e Sousa, no Colégio Pio Latino-Americano, em Roma, e que muito o estimava — pedira-me que fosse, uma vez por mês, ao Palácio São Joaquim, no Rio, a fim de inteirá-lo sobre como ia sendo solucionada a questão das dívidas, deixadas por seu colega amigo.

Com essa finalidade, tive eu a aventura de passar horas e horas de verdadeiro enlevo na companhia dessa extraordinária figura de Bispo e fascinante homem de Deus.

Foi-me dado, portanto, o ensejo de admirar-lhe a cultura, o acendrado zelo pastoral, a finura de trato, e sobretudo, a magnitude de seu coração de amigo interessado em ver Mons. Mello e Sousa livre do pesadelo que tanto o acabrunhava.

Lembro-me, como se fosse hoje, da radiante alegria que lhe iluminara o semblante, quando, em fins de 1924, lhe comuniquei que todas as dívidas estavam finalmente resgatadas e Mons. Mello e Sousa, de todo isento de qualquer responsabilidade.

Nessa noite, entretanto, outra era a razão por que me procurava.

— Bastos, principiou ele, desde que as nossas famílias moravam em casa pegadas no Largo dos Guaianazes e você — que ia ajudar a Missa, no Coração de Maria — me acompanhava até Santa Cecília, no meu tempo de coadjutor dessa paróquia, venho-o constantemente observando. Nos muitos dias que passou comigo, no Palácio São Joaquim, pude melhor aquilatar suas qualidades de inteligência aliadas à sua prudência e bom senso.

Enquanto ia ele proferindo essas palavras ficava eu, cada vez mais suspenso. A que mirava o Cardeal com esse exórdio que me lisonjeava e ao mesmo tempo me deixava profundamente apreensivo?...

— Não sei se você sabe — continuou — que fui eu quem sugeriu a Dom Duarte que o mandasse a estudar em Roma... Mas, vou entrar diretamente no assunto que me trouxe, esta noite, a seu quarto. Estou planejando fundar na minha Arquidiocese a Ação Católica e você, a meu ver, é o homem indicado para estruturá-la e implantá-la em todas as paróquias do Rio. Necessito, pois, da sua colaboração. Você irá morar comigo no Palácio São Joaquim.

— Dom Leme... fiz menção de falar.

— Não, não diga nada. Dom Duarte não irá criar entraves à sua saída da Consolação e da Arquidiocese. Saberei como persuadi-lo a concordar em abrir mão de um de seus padres. Fique tranqüilo, pois terei o cuidado de fazer ver a Dom Duarte que o convite partiu de mim, sem nenhuma insinuação de sua parte. Posso, pois, contar com você?

— Solicitaria a V. Eminência a permissão de con-

sultar o meu travesseiro. Amanhã, procurarei V. Eminência para informá-lo da minha decisão a respeito do honroso convite que me faz agora.

— Tudo o que lhe disse deverá ficar aqui entre estas quatro paredes. Espero-o amanhã com sua mais completa anuência.

Levantou-se e, ao despedir-se ainda acrescentou:

— Mais do que a seu travesseiro, consulte sua consciência de padre e peça luzes a Nª Sª do Bom Conselho.

Eram 11 horas da noite... Não me foi mais possível conciliar o sono. Aos primeiros alvores da madrugada, comecei a ver com clareza o futuro que me aguardava.

A grande amizade que me consagra Dom Leme, dizia eu com os meus botões, levou-o a descobrir em mim qualidades que realmente não possuo. A minha consciência — a quem ele mandara consultar — mostrava-me à evidência, não estar eu à altura de corresponder às muitas esperanças em mim depositadas.

Além disso, dos membros do clero do Rio de Janeiro só conhecia os que haviam sido meus colegas em Pirapora. Sabia, contudo, haver, entre esse respeitável clero, padres de alto valor intelectual e moral com apreciável folha de serviços prestados à Igreja e oradores que se faziam ouvir com agrado e admiração pelos mais cultos e exigentes auditórios. Para eles eu não passaria de um meio e pretensioso intruso.

Ora, mal havia eu acabado de sair de difícil e espinhosa missão, uma outra já se me apresentava sem que pudesse vislumbrar a mais leve perspectiva de triunfo. Já antevia a minha nova missão fadada ao mais retumbante fracasso, com reflexos humilhantes para o próprio Dom Leme.

Por outro lado, a minha saída da Consolação, seria interpretada como negra ingratidão da minha parte para com as muitas famílias que, nas minhas horas mais amargas, cerraram fileiras ao meu lado e me confortaram com seu apoio, amizade e ajuda material. Não seria agora, quando a vida paroquial principiava a ganhar incremento e a Consolação a tornar-se uma das igrejas mais freqüentadas, que iria eu privar-me de colher os frutos de um trabalho, que tantos sacrifícios e tantas horas cruciais exigiram de mim.

Na manhã seguinte, todos esses argumentos eu os apresentava a Dom Leme. Magoado com a minha recusa, e visivelmente entristecido, saiu-se com esta frase, cujo real sentido fingi não compreender:

— É uma pena, Bastos, que seja essa a sua resolução. Só o que por ora lhe posso dizer é que, permanecendo na Consolação, você nunca passará de um simples vigário...

O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
ORIGEM E FUNDAÇÃO

Como todo brasileiro não poderia deixar de ter, na massa do sangue, o irrefreável entusiasmo que o futebol desperta em nossa gente.

Esse povo bom e paciente, nos dias em que seus ídolos se exibem em defesa das cores de sua predileção, lota estádios de dimensões grandiosas, como o Maracanã ou o Morumbi. São cerca de 100.000 pessoas, mais ou menos, que para eles acorrem, muitas horas antes do jogo, em busca de acomodações que melhor lhes permitam acompanhar as diferentes fases e peripécias do jogo.

Quantos incômodos não enfrentam em ônibus ou tróleibus superlotados a se comprimirem uns contra os outros, como se fossem sardinhas em lata!... Quantos os que saem de suas casas sem sequer almoçar e que, para adquirir o bilhete de ingresso, se vêem forçados a cortar algo do necessário para a subsistência!...

Não obstante, vão alegres e felizes, levando no coração a esperança da vitória e desfraldando com orgulho as bandeiras dos seus respectivos clubes.

E, quando, em manobra mais rápida e melhor engendrada vazam os atacantes o gol adversário, a gigantesca mole de cimento armado estremece em seus fundamentos, como que sacudida pela violenta explosão de milhares e milhares de gargantas a saudarem frenéticamente o conquistado gol, sob o triunfante agitar de bandeiras e mais bandeiras.

Nessa hora todos os recalques, as frustrações todas

de uma vida repleta de desenganos e amarguras, encontram, nesse interminável "gooool", o natural desabafo que deixa na alma uma sensação de alívio.

A vitória de seu respectivo clube vem a ser para eles como que a realização de tudo o que não puderam conseguir, a compensação de tantos dias de sofrimento, de amargas privações, curtidas por todos os seus familiares.

Amam fanaticamente as suas cores, e por elas não receiam afrontar insultos, trocar sopapos nas gerais, nas numeradas, nas cadeiras cativas.

Os dirigentes de seus clubes, quando logram montar uma equipe de valor ou erguer um estádio monumental, como é o Morumbi, passam a ser vistos como figuras lendárias.

* * *

Quantas vezes, depois de analisar comigo mesmo essas manifestações, não fiquei sem compreender a indiferença ou mesmo hostilidade da Igreja ao futebol, esporte que poderia, contudo, vir a ser um imenso campo de apostolado.

Além disso, via nessa atitude uma gritante contradição: nos colégios e universidades da Igreja, que eu freqüentara, praticava-se o futebol sem restrição alguma.

Com a experiência que tivera na Fábrica Maria Zélia, quando me servi do futebol para melhor credenciar-me junto dos operários, considerava absurda a proibição que me vedava acesso aos campos do esporte preferido pelo nosso povo.

Eram conselhos e mais conselhos que me davam.

— Não fica bem a um padre — que está à testa de uma paróquia da altura e importância da Consolação — fazer coro com a multidão ululante e desenfreada, que ouve e profere palavrões.

Esperava, contudo, o momento em que pudesse vencer essa montanha de preconceitos.

A ocasião se me apresentou, quando o Clube Atlético Paulistano, tendo suprimido a seção de futebol, dava origem ao São Paulo Futebol Clube — o da Floresta.

Alguns paroquianos meus, sócios do Paulistano, passaram a ser diretores do recém-fundado clube. A convite deles, ingressei em seu corpo associativo para, em seguida, fazer parte do seu Conselho.

Estava, pois, na obrigação de compartilhar da vida associativa, não apenas freqüentando a sede, como, principalmente, assistindo às competições em que o São Paulo da Floresta tomasse parte.

Logo no começo, eu o fazia, timidamente, de dentro de uma cabina de Rádio, resguardado pela amizade de Nicolau Tuma, então, cronista esportivo.

Tal situação, cômoda para mim, roubava-me, entretanto, a oportunidade de exercer, fora da sacristia, a minha missão de tornar a Igreja presente no meio da massa torcedora.

Decidi, então, arrostar com todas as conseqüências, colocando-me ostensivamente entre a multidão que vibrava, pulava e imprecava.

A presença de um padre, vestido de batina, numa praça esportiva, era tão inédita que todos os olhares se convergiam para mim: uns hostis, outros cheios de admiração ou de aprovação, conforme o lado em que uns e outros se situassem. Os sãopaulinos acolhiam-me com aplausos, os outros faziam-me alvo de motejo e de zombarias.

— Lugar de padre é na igreja, rezando Missa, gritavam para mim.

E quando acontecia a vitória do São Paulo sobre o clube deles era por cima de mim que descarregavam todo o fluxo nervoso produzido pelo desalento da derrota.

— Foi esse urubu que deu azar!...

Certa vez, o São Paulo jogava com o então Palestra Itália, hoje Palmeiras, tendo saído vitorioso por 4

a 0. Assistira a esse jogo na companhia de um dos meus coadjutores que, por sinal, era palestrino. Inconformados com a derrota, os palestrinos atribuíram-na a nós dois.

No dia seguinte, fui intimado a comparecer ao gabinete do Vigário Geral. Recebera ele vários telefonemas que, o menos que diziam de nós, era o de sermos agentes provocadores.

— Como vêem, sou forçado a suspendê-los de ordens.

— Amanhã, ponderei eu, é a primeira sexta-feira do mês e intenso é o movimento espiritual, lá na Consolação. Como se haverão os fiéis com seus dois padres suspensos de ordens? Não receia V. Exa. expor-nos, com essa medida arbitrária, às mais maldosas suspeitas?

— Medida arbitrária?!... Acaso ignoravam os srs. a determinação que proíbe ao clero tomar parte em espetáculos públicos, entre os quais está o futebol? Não infringiram esse dispositivo disciplinar?

Havia, porém, uma instância superior, a cujas portas não hesitei em ir bater: Dom Duarte.

Tanto mais fácil me era valer desse recurso quanto, na antevéspera desse jogo, estando a almoçar com o Sr. Arcebispo, fiz entusiásticas referências à disputa, que se travaria entre dois quadros, formados por jogadores de alto porte atlético, dando a entender claramente que iria assistir a essa partida.

Dom Duarte, que se interessara pelo que eu dizia ao ponto de interrogar-me sobre pormenores da vida dos jogadores mais famosos, não me proibiu que fosse ao campo da Floresta.

— Sendo amanhã a primeira sexta-feira do mês — respondeu-me Dom Duarte, com aquele sorriso sardônico, que sabia ter em determinadas ocasiões — os paroquianos da Consolação é que, na realidade, seriam os castigados. Falarei, pois, com o Vigário Geral para que revogue essa suspensão.

O São Paulo Futebol Clube da Floresta, nesse ín-

terim, desaparecia, ingloriamente, engolido, como fora, pelo Clube Tietê, quando os milionários, que o dirigiam, se apavoraram diante de uma dívida de menos de 200 contos de réis!...

Existia, porém, um pequeno grupo de idealistas que não iria permitir que o pavilhão das três cores fosse enrolado e displicentemente relegado ao esquecimento.

Eram eles Carmo Meca, Porfírio da Paz, Pereira Carneiro, Éolo Campos, Paula Lima, Arruda do Nascimento, Isidoro Narvais e Frederico Menze e, quando reparei estava entre eles a formar o núcleo dos pobretões que, temerários, levariam para a frente uma empresa considerada perdida pelos homens de dinheiro.

A flama, que nos aquecia a alma, era a de não consentir que a bandeira tricolor deixasse de tremular no mastro das competições esportivas.

Suprimida a seção de futebol do glorioso Paulistano e com o São Paulo vendido por trinta dinheiros ao Clube Tietê, os brasileiros, ao revés das grandes colônias existentes entre nós — todas com seus respectivos clubes — ficariam completamente à margem, sem nenhum estímulo para comparecer aos campos de futebol.

Tão objetiva era essa apreciação dos fatos que bastou um simples apelo, feito nas seções esportivas dos jornais, para que, no dia 16 de dezembro de 1935, uma das salas do prédio nº 9-A da Rua 11 de Agosto se tornasse exígua para conter o elevado número dos que lá se encontravam desejosos de ver o São Paulo, qual nova Fênix, ressurgir de suas próprias cinzas.

Foi nesse dia fundado o novo São Paulo Futebol Clube, tendo a sua primeira diretoria ficado assim constituída:

Presidente: Manuel do Carmo Meca; vice: Francisco Pereira Carneiro; 1.º secretário: Éolo Campos; 2.º secretário: Luís Felipe de Paula Lima; 1.º tesoureiro: Manoel de Arruda Nascimento; 2.º tesoureiro: Isidoro Narvais; diretor de esporte: Tenente Porfírio da Paz.

Dias depois, a assembléia geral dos sócios fundadores — já em número de 100 — era convocada para se proceder à eleição dos membros do Conselho e de sua respectiva diretoria, sendo eu eleito presidente da mesma.

Nessa mesma assembléia, com a renúncia de Manuel do Carmo Meca, assumia a presidência do Clube, Frederico Menze a quem coube a honra de conservar acesa a chama do entusiasmo sãopaulino, tendo, por isso, que arrostar, com desprendimento e coragem, as horas mais cruciais, aquelas em que tudo parecia estar perdido.

A demonstrar as proporções assustadoras das dificuldades vencidas, lá está ainda, na Praça Carlos Gomes, o porão que serviu de sede para o São Paulo, tendo, como únicos móveis, uma mesa e três cadeiras!...

Foi precisamente dessa catacumba, que, antes abandonado por todos os sãopaulinos de recursos, saiu o São Paulo — o Clube da Fé, na graciosa expressão do saudoso Olímpico — para montar a sua primeira equipe e, no dia 25 de janeiro desse ano, data do seu Padroeiro, estrear vitoriosamente, derrotando a Portuguesa Santista.

Voltava o pavilhão tricolor a desfraldar-se no campo das lutas, a arrastar para os estádios a multidão anônima, fremente de entusiasmo, a multidão dos sem eira nem beira, disposta a dar tudo, até a vida, pelo Clube que lhe avivava, na memória do coração, as mais belas tradições de coragem, de rasgos de ousadia, de intrepidez de seus antepassados.

Com essas qualidades de raça, os homens do São Paulo — os da primeira hora e os que a eles se uniram, ricos e pobres, grandes e pequenos — foram a pouco e pouco, vencendo incompreensões, destruindo barreiras de animosidade e de desconfiança.

Mas, que longa e pedregosa estrada não se viu ele forçado a percorrer!... Treinos nas várzeas de Perdizes e da Mooca, na quadra de cestobol da igreja da Consolação, concentrações de jogadores, em véspera de jogos, nas dependências da própria igreja e tudo isso, anos a fio, até chegar ao Canindé a sua primeira casa!...

No Canindé, o São Paulo descansa para recobrar forças e retomar fôlego, a fim de lançar-se na grande aventura, na que melhor revelaria o espírito empreendedor da alma paulista: construir um Estádio, cujas proporções monumentais a ninguém permitiriam duvidar de que só a ancestral fibra bandeirante é que teria o arrojo bastante para erguê-lo.

E, lá está, no Morumbi, aureolado por um refulgente halo de majestade, o maior Estádio do mundo, construído por uma sociedade particular, a concretizar o sonho de todos os sãopaulinos.

Leva um nome — Cícero Pompeu de Toledo — que é uma bandeira de glória, a síntese de toda uma epopéia, que fala da capacidade de planejar, do destemor com que soube vencer mil e um obstáculos uma plêiade de homens da estatura gigantesca de um Laudo Natel, de um Manuel Raimundo Paes de Almeida.

Atrás do Estádio, por entre jardins floridos e bem cuidados, gramas e árvores ornamentais, descortinam-se três piscinas de águas esmeraldinas, quadras de tênis, de cestobol, de bochas, de futebol de salão, de judô etc.

Aos sábados e aos domingos, uma multidão de oito a dez mil associados — homens, mulheres e crianças — lá se reúne para a prática de seus esportes preferidos.

Há também Missa aos domingos, provisoriamente, numa das dependências da parte social.

Uma capelinha, leve e airosa, toda vestida de branco pintalgada de azul, qual ave que houvesse pousado no sopé do morro, vai ser aí erguida para caracterizar,

com pintoresco donaire, o significado profundo do que seja o Clube da Fé.

E a quem a Autoridade Arquidiocesana foi buscar para aí exercer seu ministério sacerdotal? Aquele mesmo que, muitos anos antes, fora suspenso de ordens, por ter compartido as alegrias e decepções dos homens que tudo dão ao esporte das multidões e que dele nada ou quase nada recebem...

UM SONHO, AVISO PROFÉTICO DOM JOSÉ GASPAR DE AFONSECA E SILVA

Na manhãzinha de 13 de novembro de 1939, um telefonema do Palácio São Luís, comunicava que Dom Duarte acabava de falecer.

A dolorosa notícia vinha surpreender-me quando, na Capela do SS. Sacramento, eu preparava para celebrar a Missa. Pus-me de joelhos para rezar... Mas, não me foi possível.

A impressionante figura de Dom Duarte surgia-me diante dos olhos, fazendo-me reviver todo um passado que vinha desde os meus tempos de seminarista até à minha promoção à paróquia da Consolação.

As muitas horas que, como seu secretário particular, passara a seu lado, se me apresentavam vivas e prenhes de gratas recordações.

Estava ainda a ouvi-lo, com o costumeiro enlevo, quando, após o almoço, nos passeios pelos jardins do Palácio, me falava dos complicados problemas de sua arquidiocese, ou dissertava erudito sobre os mais salientes episódios da História Pátria.

Que alívio não sentia naquele instante por ter oportunamente retomado o hábito, de uma vez por semana, almoçar com ele, hábito esse interrompido, quando uma atitude inamistosa de seu Vigário Geral fora por ele ratificada, como, aliás, não podia deixar de ser!

Um sonho, que me pareceu um aviso profético, tivera eu, dois meses antes, desse infausto desenlace e foi o que me impeliu a procurá-lo de novo. Vira Dom

Duarte estendido em seu caixão mortuário, exposto à visitação de seus arquidiocesanos na igreja de Santa Ifigênia e daí transladado, no meio de um imenso cortejo de bispos, padres e seminaristas e povo, em multidão inumerável, que se prolongava de Santa Ifigênia até a Catedral, em cuja cripta lhe deram sepultura.

Sentia o coração ralado de angústia e acordei com o travesseiro molhado de lágrimas.

Impressionado com esse negro presságio, assim que logrei desembaraçar-me de meus deveres na paróquia, corri para o Palácio São Luís.

Não se surpreendeu ao ver-me de novo. Como se, ainda na semana anterior, houvesse almoçado com ele convidou-me a entrar no salão de refeições, sem que indagasse a razão de minha prolongada ausência.

Dois meses depois, o sonho fatídico realizava-se com todos os pormenores antevistos!...

* * *

Era, então, Bispo Auxiliar, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, que logo ao sair do seminário, fora ser meu vigário cooperador na Consolação.

Uma onda de animosidade e de antipatia erguera-se contra ele entre os membros do colendo Cabido Metropolitano e largos setores do clero.

Nenhum motivo dera para ser assim malquisto. Esforçara-se, pelo contrário, habilidosamente, por não obscurecer a figura do velho Arcebispo e por tratar com lhaneza e brandura todos os que o procuravam.

Não agradara, é verdade, o contrato que ele fizera com o Dr. Paulo Machado de Carvalho, proprietário da Rádio Excelsior, para que, nessa Emissora, fossem irradiadas as famosas Horas Católicas, contrato esse que gravava as associações religiosas e os próprios vigários com um tão pesado ônus financeiro, que, não podendo ser suportado, teve como efeito a supressão desse programa na referida Emissora.

Não era, contudo, razão suficiente para que tão ostensivamente o hostilizasse o Cabido Metropolitano.

Vacante a sede arquiepiscopal, reuniu-se o Cabido para proceder à eleição do Vigário Capitular, que regeria os destinos da arquidiocese até a nomeação do novo arcebispo de São Paulo.

Por todos os títulos, a pessoa do Bispo Auxiliar de Dom Duarte impunha-se à preferência dos Revmos. Srs. Cônegos Capitulares. Não foi, porém, o que se verificou, quando os nove cônegos catedráticos se reuniram para esse fim. Apurados os votos, saiu eleito Mons. João Batista Martins Ladeira, que obteve oito sufrágios. O único voto, alcançado por Dom José Gaspar, fora o meu. E, para que nenhuma dúvida pairasse sobre o meu pronunciamento, votei a descoberto, sob protesto dos demais cônegos.

Tive, depois, a satisfação de ver vitorioso esse meu voto solitário, não só porque a Santa Sé, daí há nove meses, nomeava Dom José Gaspar Arcebispo de São Paulo, como porque, alguns dos que votaram contra ele, passaram a atribuir a cada um deles o voto que eu dera ao novo Arcebispo!...

A vacância arrastara-se por tempo maior do que o exigia o prestígio de uma arquidiocese tão importante como São Paulo. É que repercutira muito mal em Roma a lamentável atitude do Cabido de São Paulo.

E, como bem dizem os romanos: "a Roma non c'é fretta", Roma esperou que se dissipassem as incompreensões até que, uma bela manhã, os rádios e jornais noticiavam o faustoso acontecimento: Dom José Gaspar era o novo Arcebispo de São Paulo!...

Um raio que explodisse dentro do Cabido não teria produzido tanta estupefação entre seus membros, como o fizera essa nomeação.

De bom ou mau grado, viu-se o Cabido na contingência de programar o cerimonial da recepção e posse do recém-nomeado Antístite da Arquidiocese. Significativamente, lançou o Cabido sobre os meus ombros a responsabilidade de organizar os festejos com que São Paulo acolheria o seu Arcebispo.

Quanto não me foi dificultada a realização dessa tarefa!... Todos os recursos me foram negados!... Se não me valesse o Governo do Estado, a cuja testa se encontrava o Dr. Adhemar de Barros, a recepção e posse de Dom José Gaspar teria sido como a desejavam: uma posse pura e simples, sem nenhuma repercussão social.

Não irei pormenorizar aqui a impressionante consagração que Dom José Gaspar recebera dos paulistanos em todo o percurso, por ele percorrido a pé, da Estação da Luz até a igreja de Santa Ifigênia. Que o digam os jornais da época a traduzirem em manchetes a emoção e a grandiosidade daquele acontecimento.

Uma vez com as rédeas do governo da arquidiocese nas mãos, Dom José Gaspar, numa estranha e perigosa atitude política, convidou para seus auxiliares mais diretos os que mais duramente o haviam combatido.

E para que ninguém o pudesse incriminar de mais leve preferência pelos que sempre estiveram a seu lado, mostrou para com estes mais rigor que com os outros.

Fui eu o primeiro a ser atingido por essa norma que se traçara a si mesmo. Chamou-me ao Palácio para dizer-me que eu não poderia mais continuar a ser cônego catedrático e, simultaneamente, vigário da Consolação. Deveria optar por um ou por outro cargo. A outros, que se encontravam em idêntica situação a mesma exigência não fora feita.

Tendo, pois, ido ao Cabido a fim de lhe apresentar as minhas despedidas — acolhidas por entre risos sarcásticos — deparei com mais uma prova de que Dom José Gaspar, para não parecer estar favorecendo seus amigos, chegava até melindrar a justiça distributiva.

Lá fiquei sabendo que as paróquias haviam sido

agrupadas em diversos Decanatos e que a da Consolação — uma das mais antigas da Arquidiocese e merecedora, por sua posição, de ser a sede do Decanato das paróquias do centro — iria ser subordinada à de Santa Cecília.

Indo ao Palácio, procurei fazer ver a Dom José Gaspar que nós, seus amigos, estávamos arcando com o despeito dos que o tendo antes tão injustamente hostilizado, serviam-se agora de suas posições para nos menosprezar.

Respondeu-me com esta frase que claramente indicava o seu modo de pensar:

— No governo da arquidiocese não vejo nem amigos nem inimigos. Governo a arquidiocese com os olhos postos em Deus.

— Permita-me, Sr. Arcebispo, aduzi eu, que este seu antigo vigário lhe dê mais um conselho. Governe a arquidiocese com os olhos postos em Deus, mas, não se esqueça, de vez em quando, de lançá-los sobre os que o cercam, a fim de evitar que lhe coloquem pedras no caminho e venha a tropeçar e cair.

Quatro anos mais tarde, na antevéspera do desastre aviatório em que pereceu, convidou-me para, nesse avião, acompanhá-lo ao Rio, onde iria fazer uma conferência no Instituto Histórico e recepcionar Dom Jaime Câmara, que vinha tomar posse da arquidiocese do Rio de Janeiro.

Como, porém, no dia 27 de agosto — o dia nefasto em que seu avião, batendo com uma das asas no parapeito da Escola Naval, se precipitou no mar — iniciava-se a novena de Nª Sª da Consolação, concordou em que eu aqui ficasse...

Tomou-me, em seguida, pelo braço e levou-me para uma saleta e, de portas fechadas, profundamente magoado, narrou-me a série de dificuldades, criadas por seus auxiliares diretos e que iam da acusação de supostos erros doutrinários em suas pastorais até a insinuação maldosa de pretensas leviandades, espalhadas entre os Bispos sufragâneos e a própria Nunciatura!...

— Quando voltar do Rio — acrescentou — tudo isso vai mudar. Espero, então, contar com sua lealdade, com sua amizade!...

Não voltou... Deus quis abreviar-lhe os sofrimentos, levando-o para o céu a fim de lhe colocar na fronte a coroa da justiça, que muito fez por merecer.

A RÁDIO EXCELSIOR SEU NASCIMENTO E MORTE COMO RÁDIO DE ORIENTAÇÃO CATÓLICA

As "Horas Católicas" na Rádio Excelsior, então de propriedade do Dr. Paulo Machado de Carvalho — sonho de Dom José Gaspar, quando ainda Bispo Auxiliar de Dom Duarte — tiveram duração pouco mais prolongada que a das rosas de Malherbe. Antes de perfazerem quatro meses de existência, a Direção da Emissora suspendia as irradiações delas por falta de pagamento!...

Após o falecimento de Dom Duarte — ainda na vacância da Sé — foi constituída uma sociedade civil por cotas limitadas, composta de três leigos e dois sacerdotes. Os leigos eram: J. J. Rodrigues Caldeira, Luís Pastorino e Eurico de Ataliba Nogueira, os sacerdotes: Pe. João Batista de Carvalho e eu.

Animava-nos o desejo de ver concretizada em bases sólidas e estáveis, não a malograda tentativa de algumas horas, numa estação de propriedade alheia, mas a aquisição da Rádio Excelsior.

As famílias católicas não iriam mais sentir a frustração humilhante, ao ver um programa religioso cortado numa Emissora por não ter obtido ajuda financeira, porque contaria de agora em diante, com uma Estação pertencente a uma Sociedade, cujo objetivo era o de proporcionar irradiações de alto nível cultural e de formação moral e religiosa.

Levados por esse propósito e sobrepujadas não

poucas dificuldades, no dia 5 de dezembro de 1938, por escritura passada no Tabelião Veiga, comprávamos do Dr. Paulo Machado de Carvalho, a Rádio Excelsior pelo preço de Cr$ 750.000,00 (setecentos e cinqüenta mil cruzeiros).

Valendo-me da minha amizade com o presidente da Caixa Econômica Federal, o meu paroquiano Dr. Samuel Ribeiro, obtive dela um empréstimo hipotecário de Cr$ 400.000,00 (quatrocentos mil cruzeiros), pelo prazo de seis anos a juros de 9% ao ano. Na mesma data, assinalávamos a favor do Dr. Paulo Machado de Carvalho 36 promissórias, no valor, cada uma, de Cr$ 8.744,90, aceitas pela Rádio Excelsior e avalizadas por mim e pelo Pe. João Batista de Carvalho.

Poucos meses após a compra da Excelsior, o Pe. João Batista de Carvalho e seu sobrinho, Eurico de Ataliba Nogueira, retiravam-se da sociedade, sendo eu eleito presidente da mesma, permanecendo como gerente o Sr. J. J. Rodrigues Caldeira.

Não sendo conveniente que os leigos ficassem em maioria — podendo, portanto, de um momento para outro, modificar a orientação da Excelsior — convenci os meus companheiros e sócios a que procurássemos Dom José Gaspar, já então Arcebispo de São Paulo, a fim de fazermos à Cúria Metropolitana *doação* das duas cotas, que pertenceram aos dois supraditos sócios que se tinham demitido.

Por escritura pública, a *doação* dessas duas cotas à Cúria era ratificada, sem que esta entrasse com um centavo sequer para os cofres da sociedade.

No fim de seis anos, graças às bênçãos de Deus derramadas largamente sobre o nosso diuturno trabalho, toda a dívida contraída com a compra da Excelsior estava inteiramente paga: o empréstimo com a Caixa Econômica resgatado e as promissórias do Dr. Paulo Machado de Carvalho liquidadas.

Ao mesmo tempo que, com o nosso esforço e nossas economias, íamos integralizando as nossas cotas-

-partes de responsabilidade — a minha e as dos dois leigos — eram exclusivamente pagas por nós as duas que havíamos *doado* à Cúria Metropolitana.

E, se alguma dúvida a esse respeito pudesse pairar, lá estava a contabilidade insuspeita da Cúria a demonstrar que nenhum centavo dela havia saído para pagamento das dívidas da Excelsior.

Com sua estabilidade mais que garantida, dona de um invejável canal exclusivo no espaço a permitir que o novo transmissor — que havíamos adquirido por Cr$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) — pudesse irradiar com mais de 50 quilovates no pico da antena, a Rádio Excelsior era uma das estações de maior prestígio e, em certas horas de maior audiência, comprovada pelas pesquisas do Ibope.

Nem por outra razão as Agências de Publicidade nos procuravam para fazer com a Excelsior seguidos e rendosos contratos de propaganda a favor de grandes companhias e casas comerciais.

Ao atingir seu décimo ano de existência, a Excelsior navegava de velas pandas num mar de invejável prosperidade econômica e financeira. Começávamos a colher os frutos das longas horas de aflições, provocadas pela apertura financeira por que tínhamos passado. Natural era, pois, que se tornasse sumamente cobiçável por todos os que viam no Rádio um dos mais eficientes instrumentos de difusão de idéias e de propaganda comercial.

Assim é que não tardaram a chegar-nos às mãos as mais tentadoras propostas de compra da Emissora. Lembro-me especificamente de duas: uma do Dr. Assis Chateaubriand, propondo-nos a troca do nosso canal exclusivo pelo comum da Difusora e mais a volta de Cr$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros); e outra do Dr. Adhemar de Barros a nos oferecer por três cotas a quantia de Cr$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros), ambas por nós recusadas.

Nenhum dinheiro deste mundo teria o poder de

nos separar de um empreendimento que, apesar nos ter custado lágrimas, suores e sangue, fazendo parte integrante de nossa vida, era a mais alta e poderosa tribuna que, no país, a Igreja possuía para falar a milhões de ouvintes.

Pois bem: não obstante toda essa florescente prosperidade, a Excelsior, como emissora católica, veio a perecer!...

Em toda a minha vida de padre, até então, nunca tinha sentido a ação de Satã manifestar-se de forma tão evidente e tão poderosa como se revelou na destruição da Excelsior.

A tática empregada foi simples, mas de resultados arrasadores. Consistiu em levantar, entre a Autoridade Eclesiástica e nós da Excelsior, uma intransponível barreira de incompreensão.

Fomos pintados como reles usurpadores das cotas da Excelsior, adquiridas com muito bom dinheiro de Dom José Gaspar e da Cúria (?!) das quais nos servíamos para nosso uso e gozo pessoal. O que de melhor a Autoridade Eclesiástica deveria fazer era vender a Excelsior e, com o dinheiro assim obtido, fundar um jornal diário.

Debalde apelamos para o testemunho do Dr. Paulo Machado de Carvalho, para o das escrituras de compra e venda e o da própria contabilidade da Cúria a demonstrar a não existência de nenhum lançamento destinado à compra de, pelo menos, uma única das cotas da Excelsior!...

A Cúria, sem embargo, entrava em negociações com "As Fôlhas" para a venda das cotas, que lhe havíamos doado e das que a nós pertenciam!... Para a concretização desse intento, fomos chamados à Cúria e intimados a lhe fazer a entrega das nossas cotas!... Como J. J. Caldeira e eu não estivéssemos dispostos a nos despojar de um bem que nos custara dez anos de trabalho, pressionaram a Luís Pastorino. Exigiram dele que lhes fizesse doação de sua cota, como de nós

pretendiam? Não. Compraram-lha por Cr$ 1.600.000,00 (um milhão e seiscentos mil cruzeiros)!...

Nesta altura, Satã já tinha meia batalha ganha...

Prevendo uma áspera luta, que se desenharia de forma ingrata para todos e não querendo e nem podendo figurar ostensivamente nela, passei ao meu amigo e sócio, J. J. Caldeira, por escritura pública, a minha cota, sob a condição de ma devolver, uma vez terminada a querela.

Logo depois, J. J. Caldeira iniciava a ação de embargo à venda das cotas a terceiros, estribado nos dispositivos estatuários que reservavam aos sócios remanescentes o direito de preferência.

A refrega estava empenhada e tudo levava a crer que a Excelsior católica não desapareceria, quando Satã entrou em cena para desferir o golpe fatal: a morte repentina do Sr. Caldeira sem ter tido tempo de deixar um documento, que explicasse a seus herdeiros a natureza da escritura que eu lhe passara.

Era o fim... A Excelsior católica desapareceria tragada pela voragem de misteriosas incompreensões e, com ela, os meus 10 anos de lutas, de sacrifícios e de economias perdidas!...

O EVANGELHO POR SOBRE OS TELHADOS

No segundo domingo de dezembro de 1939, ao meio-dia, entrava eu na cabina do locutor para iniciar um novo apostolado.

Talvez, em toda a América-Latina, fosse eu o primeiro padre a servir-se do microfone de uma poderosa Emissora, como era a Excelsior, para anunciar o Evangelho por sobre os telhados.

No silêncio daquela cabina, onde não penetrava ruído algum, tendo diante de mim apenas aquele pedaço de ferro — o microfone — vi-me como que tomado de estranha inibição.

Acostumado com o auditório vivo, presente aos meus olhos, a vibrar, a se enternecer sob a ação da palavra que lhe era dirigida, encontrei-me como que perdido, sem inspiração alguma, quando, sozinho, fechado naquela cabina, tive só diante de mim aquele aparelho misterioso. Se não tivesse tido a precaução de levar escrita a homilia, certamente não teria podido pronunciar uma só palavra.

Tendo por fundo a suave melodia do Largo de Handel, comecei... "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Meus irmãos"... Onde estavam eles? Através do vidro da cabina via, lá fora, unicamente o operador a controlar o som... E, além dele, o imenso deserto do espaço, sem vida alguma, sem vibração...

Foi-me, pois, confortadora surpresa, quando, ao terminar de falar, os quatro telefones da Excelsior principiaram a tilintar sem parar. Eram ouvintes que eu

não vira, mas que, em seus lares, me haviam escutado... Uns a comunicar-me que as minhas palavras lhes entraram casa adentro, como um dourado raio de sol, a lhes avivar a fé, a lhes reanimar esperanças emurchecidas. Outros a dizer-me da radiante alegria em poderem contar, todos os domingos com a esplicação do Evangelho.

Cartas e mais cartas não tardaram a chegar. Vinham umas de perto, outras de longe, de muito longe... Que fina sensibilidade, delicadeza extrema e generosidade sem par não revelaram esses ouvintes nas centenas de cartas que me enviavam!... Não sabiam como agradecer o indizível prazer de, à hora do almoço, sentirem-se envoltos numa atmosfera cheia de espiritualidade. Falavam-me de seus problemas, dos caminhos áridos e pedregosos que eram constrangidos a palmilhar.

Outros discordantes da doutrina da Igreja em seu aspecto moral, dogmático ou social, em repetidas missivas, pediam-me esclarecimentos, que, muitas vezes, lograram retificar posições erradas.

E havia também os inconformados, os atrabiliários, os negativistas e sectários que, num estilo contundente, carregado de injúrias, me provocavam para inaceitáveis polêmicas.

A palavra de Deus, através da Excelsior, penetrava destarte em áreas que, por outra forma, jamais seriam atingidas. O meu programa, quer o diário, quer o domingueiro, tinha como ouvintes, além das famílias católicas, protestantes e comunistas.

Os protestantes eram os mais entusiastas propagandistas da explicação do Evangelho, aos domingos, e das Cenas Bíblicas, programa este que, aos sábados, levava ao ar, encenados, escolhidos episódios do Antigo Testamento.

Certa feita, recebi de Bauru um abaixo-assinado, com mais de 100 assinaturas de membros de uma comunidade protestante que, tendo-se incompatibilizado com o seu Pastor, me escolhiam como Pastor da mesma. E, para isso, tinham adquirido um aparelho de rádio que instalaram em sua sala de culto a fim de ouvirem não só a homilia dos domingos, senão também as respostas que, através da Excelsior, eu dava às consultas que seguidamente me faziam!...

Eram os protestantes, na maioria, ouvintes polidos, afáveis, que muito me incentivavam a prosseguir na laboriosa tarefa de difundir as imensas riquezas contidas nas páginas das Sagradas Escrituras.

Já o mesmo não se dava com os comunistas. Estávamos, então, nos idos de 1941 a 42. O Partido Comunista, com existência legal, tinha no Senado da República o seu chefe e centenas de deputados nas várias Assembléias Legislativas dos Estados da Federação.

Com o desastre militar do invasor alemão, em Stalingrado, e as conseqüentes arrasadoras vitórias dos exércitos aliados, atribuídas pelos comunistas ao poderio das forças soviéticas, ruas e praças públicas de São Paulo eram invadidas por frenéticos manifestantes, portadores de largas bandeiras vermelhas com a foice e o martelo no centro.

O operariado das fábricas, açulado pelos comunistas, saía à praça pública em gigantescas manifestações. Dir-se-ia que os alicerces da Democracia brasileira ameaçavam ruir aos golpes das foices e martelos, com que o regime comunista se esforçava por se implantar em nossas plagas.

Foi, então que, atendendo a instantes pedidos dos meus numerosos ouvintes, encetei um programa diário que objetivava demonstrar que a teoria de Marx se transformara, na União Soviética, na mais feroz e sanguinolenta Ditadura que a História já conhecera. E que a Ditadura, lá implantada, em nome do operariado, nada mais fez que fortalecer poderosamente o Estado em lugar de suprimi-lo, como fora prometido. E que, ao invés da sociedade sem classes, tão acenada na propaganda comunista, criara a nova Classe dos Burocratas com

privilégios maiores que os desfrutados pela burguesia, nos países capitalistas...

O programa pegou fogo... De um lado, eram cartas e telefonemas a aplaudirem entusiasticamente a Excelsior por ter tido a coragem de lançar ao ar tão oportuno programa de esclarecimento. De outro, como marimbondos enfurecidos, os comunistas investiram contra mim, inflados de ódio e de despeito. Era uma torrente de lama que, todos os dias, transvazava através de cartas e de telefonemas. Ameaças e mais ameaças...

— Esse poste, que está aí, em frente à Excelsior, diziam-me, é o seu. Ficará nele dependurado, com a língua de fora, para nunca mais atacar o comunismo.

Nunca, em toda a minha vida, vira uma enxurrada de palavrões de tão baixo calão como a que era vomitada contra mim, logo que terminava de falar!...

Entre aplausos, elogios e ferozes vitupérios, a verdade é que o programa lograra obter audiência fora do comum atraindo para ele a maioria dos ouvintes de outras estações. Só veio a sair do ar quando, caçada a legalidade do Partido Comunista e seus representantes expulsos do Senado e das Assembléias Legislativas, os seus ativistas não mais se infiltraram nas fileiras do operariado de São Paulo.

Uma outra campanha, levada a efeito quase na mesma ocasião, a do ouro para a Custódia do IV.º Congresso Eucarístico Nacional, realizado em São Paulo, em 1942, veio uma vez mais, comprovar a surpreendente influência da Excelsior na imensa maioria católica de nosso povo.

Antes de ser lançada essa campanha pela Excelsior, a Comissão encarregada de angariar o ouro para a Custódia, em ano e meio de trabalho, conseguira pouco menos de quinhentas gramas desse precioso metal. Ao passo que a Excelsior, em seis meses recebera dois quilos de ouro e mais de quinze quilos de prata!...

De vários rincões de São Paulo, sul de Minas,

Norte do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, chegavam jóias finamente trabalhadas, velhas relíquias de família, anéis de ouro cravejados de brilhantes, pedras preciosas tais como rubis, esmeraldas, ametistas, diamantes e colares de pérolas que, numa avaliação global por peritos de reconhecida competência, atingiram a cifra de mais de um milhão de cruzeiros. Somente as jóias, não levando em conta os dois quilos de ouro e os quinze quilos de prata!...

Essa Custódia, obra insígne de ourivesaria, depois da triunfal procissão do memorável IV.º Congresso Eucarístico de São Paulo, Dom José Gaspar quis que ela fosse para o trono da Exposição Perpétua do SS. Sacramento, em Santa Ifigênia, sem deixar de pertencer ao patrimônio artístico da Arquidiocese.

Tal era a força, o prestígio e penetração da Excelsior, naquele tempo!

Nunca, entretanto, senti de forma, por assim dizer, avassaladora, o impressionante poder do rádio como, certa vez, quando fora convidado a pregar numa tradicional cidade do interior do nosso Estado.

Após ter feito o panegírico do Orago da Paróquia, retirei-me para a casa paroquial, que ficava a umas três quadras da igreja. No relógio da torre da matriz soava, nesse instante, o meio-dia desse domingo.

Nem bem havia transposto o largo fronteiriço à igreja e me adentrava na rua principal, comecei a ouvir o meu discurso, que deixara gravado. A minha voz saltava pelas janelas abertas de todas as casas, de um lado e de outro da rua. À medida que eu ia caminhando, essa voz vinha de frente, dos lados, ficava falando lá atrás.

Vi-me como que salteado por um pesadelo em que a minha própria voz me perseguia de forma obsessiva...

Saí de minha profunda emoção, quando uma senhora, que estava na janela a ouvir-me, me faz parar para perguntar-me:

— O senhor não é o Mons. Bastos? Como é que

o sr. está, neste momento, falando em São Paulo e, ao mesmo tempo, se encontra aqui, a uns duzentos quilômetros de distância.!...

O FRATERNO AUXÍLIO CRISTÃO

O febricitante progresso da grande Metrópole principiava a espraiar vagas tumultuosas para os lados da Consolação.

Aquele bairro tranqüilo, de ruas aconchegantes, de mansões solarengas com seus jardins bem cuidados e gradis de ferro a vedar-lhes a entrada — que conheci ainda iluminado à luz mortiça do célebre lampeão de gás — ia, gradativamente, perdendo o doce enlevo de ninho perfumado de paz.

A picareta arrasadora, que não ligava à tradição nem a brasões heráldicos, demolia, impiedosamente, prédios e mais prédios, cobrindo de poeira e de caliça as ruas que se alargavam e se transformavam em avenidas, com canteiros verdes e árvores ornamentais. Surgiam praças desfogadas, cheias de sol, pondo em relevo toda a riqueza arquitetônica da igreja da Consolação.

Mas, enquanto não se erguiam, imponentes e orgulhosos, os edifícios de 20 ou mais andares, encafuavam-se em porões úmidos, sem ar, sem luz e sem higiene, famílias, inteiras, que ali vinham parar impelidas pelos vagalhões da má sorte, de cambulhada com marginais e maconheiros.

Dava-se uma promiscuidade abjeta com filhos maiores a dormirem, empilhados, no mesmo e estreito compartimento de seus pais.

Era a doença moral e física, a miséria e a fome a invadirem atropeladamente as naves acolhedoras da igreja da Senhora Consoladora dos Aflitos.

As estatísticas oficiais — por mais inverossímil

que parecesse — começavam a apontar a Consolação como a detentora da humilhante e desabonadora primazia de possuir o maior índice de tuberculose infantil...

Abria-se, pois, em pleno coração da paróquia, uma chaga purulenta e, quando, nas Missas dos domingos, tentei levantar-lhe o véu e pô-la a descoberto, pude ver estampada na fisionomia de muitos uma certa incredulidade.

Parecia incrível que, numa paróquia, cuja igreja era freqüentada por cristãos de escol, existissem, a dois passos da residência de muitos deles, essas alfurjas da miséria com seu inevitável séquito de vícios e de depravações. É o que muitos me diziam suspeitando que eu estivesse a carregar nas cores dos vários quadros de privações e sofrimento, que lhes vinha pintando em seguidos domingos.

Estava, entretanto, ali, diante dos olhos de todos os que quisessem ver, a triste realidade, cuja culpa não cabia a ninguém em particular e sim, a uma estrutura econômica e social, nem sempre bafejada pelo sopro de um autêntico cristianismo.

Não constituía, entretanto, razão para que os paroquianos da Consolação permanecessem de braços cruzados sem nada fazer para minorar tão dolorosa situação. Urgia criar algo que pudesse dar pão a quem tinha fome, pudesse solucionar todos esses desajustes sociais. Foi quando nasceu a idéia de se fundar, na paróquia, o movimento conhecido por Fraterno Auxílio Cristão, alicerçado nestas frases brotadas dos lábios de Jesus:

> "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei".
> "Sereis reconhecidos como meus discípulos se vos amardes uns aos outros".
> "Todas as vezes que derdes um copo d'água a um pequenino, a mim é que o dareis e recebereis o cêntuplo neste mundo e, no outro, a vida eterna".

A estruturação do Fraterno Auxílio Cristão ficou a cargo de uma assistente social, ex-professora da Escola de Serviço Social, que lhe deu a seguinte organização: Lactário, Ambulatório, Dispensário, Curso de Alfabetização, Curso de Corte e Costura. O atendimento desses vários órgãos era feito por um grupo técnico composto de pediatra, clínico geral, advogada, assistente social, psicóloga clínica, educadora sanitária, três professoras normalistas e várias voluntárias.

A assistente social estudava os casos em entrevistas individuais, anotando-as em fichas adrede preparadas, e, após a visita domiciliar, apresentava o diagnóstico, oferecendo, quase sempre duas soluções: uma de caráter imediato — gêneros de primeira necessidade, roupas, agasalhos, sapatos, fornecidos pelo dispensário — outra de reajuste social: emprego, assistência jurídica, curso de alfabetização, curso de corte e costura, assistência psicológica e sanitária. Todos esses órgãos funcionavam em diferentes salas do primeiro andar do edifício construído atrás da igreja.

O Lactário, desde a sua inauguração, nunca teve menos de 150 crianças matriculadas, de 0 a 9 anos de idade. O pediatra examinava-as e prescrevia-lhes o tratamento adequado. As injeções e remédios eram fornecidos pela farmácia do Ambulatório e o leite em pó e as farinhas pelo Dispensário. De quinze em quinze dias, as voluntárias controlavam o peso dessas crianças, lançando-o na ficha de cada uma delas a fim de que o pediatra as pudesse acompanhar.

Foi assim que a tuberculose infantil, se não inteiramente debelada na Consolação diminuiu consideravelmente.

Tenho diante dos meus olhos o relatório das atividades do Fraterno Auxílio Cristão, no último ano em que permaneci como Vigário da Consolação. Todos os seus departamentos funcionavam com plena eficiência.

Senão vejamos:

Departamento de Serviço Social

A assistente social, formada pela Escola de Serviço Social, entrevistou 2.669 pessoas; fez, pessoalmente, 105 visitas domiciliares, além de outras tantas feitas pelas voluntárias. As orientações ministradas nas entrevistas versaram sobre problemas econômicos, de saúde, de emprego, de desajustes de casais, bem como todos os problemas de ordem familiar. Distribuiu 1.816 quilos de leite em pó; 500 quilos de gêneros alimentícios; 282 litros de óleo; 1.789 peças de vestuário de crianças e de adultos; 290 cobertores.

Departamento Médico

Clínica geral: foram realizadas 1.173 consultas médicas e distribuídas 1.567 unidades de remédios.

Clínica pediátrica: foram atendidas, em média, por semana, cerca de 55 crianças, de 0 a 9 anos.

Serviço Sanitário

A educadora sanitária realizou cursos de formação para mães, de cuidados com a criança, de higiene geral e pré-natal. Assim foram atendidas 634 pessoas, sendo 206 mães, 61 gestantes, 211 crianças e 156 pessoas em geral. Proferiu 91 palestras para 411 pessoas; forneceu instruções e orientações a outras 996.

Departamento Jurídico

Foram feitas pela advogada 53 entrevistas de andamento civil; 39 de andamento família; 22 consultas de orientações diversas; 3 consultas criminais; 1 consulta trabalhista; 4 ações de alimento; 1 proposta de

ação ordinária por perdas e danos; 8 aberturas de assentamento; 1 proposta de ação ordinária de cobrança; 1 contestação em ação de despejo por falta de pagamento; 2 pedidos de prazo para purgação de mora em ação de despejo.

Departamento de Educação de Adultos

A Escola Paroquial, em suas 4 salas do prédio atrás da igreja, funcionou, durante todo o ano com classes de 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano. Contou com a freqüência média de 100 alunos adultos de ambos os sexos, com 90% de aproveitamento.

Departamento de Costuras

O Curso de corte e costura funcionou três vezes por semana, com cerca de 30 alunas, que saíram com um ofício, que lhes propiciou melhorar o nível de vida. As senhoras da paróquia, por sua vez, costuraram para os pequenos necessitados, confeccionando 1.000 peças de roupas, sendo 850 para crianças e 150 enxovaizinhos completos para recém-nascidos.

Quantas angústias e dilacerantes aflições, escondidas debaixo dos números supracitados, não foram então sopitadas!... Quantos desesperos — já resvalando pelo declive do suicídio — aí encontraram a mão amiga, que não só os susteve, como principalmente, lhes abriu o caminho da reconstrução de suas vidas periclitantes!...

E esses casos foram tantos que se me pusesse a relatá-los, dariam para compor um livro de lágrimas e de dores, as quais, contudo, foram, oportunamente, suavizadas pelo bálsamo do amor fraterno.

Eis aqui dois entre centenas e centenas deles.

Nos meus últimos cinco anos, vividos na Consolação, afligia-me ver o quanto a classe média sofria as

conseqüências decorrentes da perda do poder aquisitivo por parte do cruzeiro velho. A vida, cada dia mais cara, lhe sorvia os minguados rendimentos. Eram os pobres envergonhados que, na preservação das aparências, curtiam as maiores privações por não quererem ir em busca de auxílio.

Uma família, composta de mãe viúva e duas filhas solteiras, — uma de 19 anos, professora, e outra de 22 anos, bancária — afundara-se numa dívida de dois milhões de cruzeiros velhos. Atormentada pela arrogância de credores desalmados e pelas mais desonestas propostas e, por cima, enfraquecida por toda sorte de privações, vira no suicídio coletivo a única porta de saída para não cair na desonra e livrar-se de seus dias atribulados.

Antes, contudo, de pôr em prática o plano sinistro, a mãe, vencendo constrangimento, veio procurar-me para descrever-me o terrível drama em que se debatiam ela e suas duas filhas. Apresentei-a à assistente social que a entregou aos cuidados da advogada. Esta, com extrema habilidade, sustou a ação movida contra a família. Os credores, vendo-a amparada, desistiram de seus malévolos intentos e consentiram que a dívida fosse parceladamente paga pelo Fraterno Auxílio Cristão. Foi, destarte, que uma família de paroquianos se salvou de um desatinado desfecho.

O outro caso é o de uma professora promovida ao cargo de Diretora de um Grupo Escolar. Em conseqüência de um namoro infeliz, engravidara. À medida que os meses passavam e mais claramente se denunciava o seu estado, só uma alternativa se lhe deparara: o aborto ou o suicídio.

A assistente social, em seguidas visitas a seu apartamento, dá-lhe o apoio de que necessitava e a aconselha a licenciar-se de seu cargo por alguns meses e a aceitar o filho que concebera. E assim, salvaram-se duas preciosas vidas.

A Paróquia da Consolação constituía uma grande

família, como do exposto se pode deduzir. Não era, apenas uma comunidade de Fé e de Culto, como, sobretudo, uma comunidade de amor fraterno. Essa característica melhor se evidenciava nos segundos domingos de cada mês, denominado o domingo dos pequenos e necessitados.

Assim é que, nas dez Missas desse domingo, todos contribuíam mais generosamente. O Vigário, para ilustrar o alto significado desse domingo, após relatar um caso semelhante ao acima exposto, coadjuvado por senhoras e senhoritas, saía com a sacola nas mãos a coletar os donativos.

Quantas vezes não me senti emocionado ao ver os pais colocarem nas mãos de seus filhinhos cédulas de grande valor para que estes as depositassem nas bandejas da coleta!

A obrigação dos que mais possuíam em ajudar os que pouco ou nada tinham era levada tão a sério que a soma total dessas coletas, nesse domingo, nunca descia a nível inferior a um milhão e oitocentos mil cruzeiros velhos! E, quando, por estarem fora de São Paulo ou por outro motivo, alguns não haviam contribuído, vinham depois à sacristia fazer entrega do seu óbulo.

Havia na entrada da igreja um cofre com a frase "Para o Leite das crianças necessitadas". Era aí que depositavam maços de notas contendo cem mil ou mais cruzeiros velhos os que desejavam permanecer evangelicamente anônimos. Esse cofre nunca produzia menos de um milhão e quinhentos mil cruzeiros velhos, por mês!...

Era esse vínculo de caridade, a unir todos os paroquianos, que fazia da Consolação uma comunidade em tudo semelhante à dos primeiros cristãos, na qual, o fato de não existirem entre eles pobres e necessitados, era objeto de admiração por parte dos pagãos.

De todas as obras que, ajudado por Deus, pude realizar na Consolação, a do Fraterno Auxílio Cristão

foi a que mais entusiasmo despertou nos meus paroquianos, a que mais os prendeu à sua igreja, a que mais consolo me proporcionou, a que mais eloqüentemente, como espero, pleiteará a meu favor a Misericórdia Divina.

O CARDEAL MOTTA E O CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II reunir-se-ia, para a sua primeira sessão, naquela manhã de 11 de outubro, iluminada por um sol preguiçoso e tépido do outono de 1962.

Vindo dos lados do *Castel Sant'Angelo,* pelas margens do Tibre, atravessavam céleres a *Via della Conciliazione* para desembocar na Praça de São Pedro, os luxuosos carros negros dos cardeais, os auto-pullmans, repletos de prelados de barretes roxos, os Fiat 600, contendo, espremidos, dois ou três bispos.

A Praça de São Pedro, emoldurada pelas colunatas de Bernini, com o seu obelisco no centro e as suas duas fontes com as águas esguichadas caindo em leque, como que se anima de repente, transformada que fora num imenso cenário coreográfico, sarapintado de vermelho e roxo dos dois mil e quinhentos cardeais e bispos, que vagarosamente vão se aproximando das monumentais escadarias da Basílica.

Vieram dos mais longínquos países do orbe. Negros, magros, altos da África, amarelos do Japão e da China, brancos da Austrália, os de cor trigueira da Índia e do Oriente Médio, americanos das três Américas, europeus altos e loiros do Norte e do centro da Europa, de permeio com robustos e morenos espanhóis, portugueses, italianos e franceses. Era o mundo inteiro que ali estava representado!...

* * *

O carro do Cardeal de São Paulo — um Fiat 1200 — corta em diagonal a praça, entra pela porta de Sant' Ana, guardada pelos suíços, com seus vistosos uniformes de tiras amarelas, vermelhas e azuis e boina azul escuro, que apresentam armas, e vai parar no *Cortile San Damaso,* onde outros cardeais tomam o elevador que os conduz ao terceiro andar dos palácios Apostólicos.

Encaminham-se todos para um salão contíguo aos aposentos particulares de João XXIII a fim de se paramentarem. Permanecem aí, em silêncio, à espera da chegada do Papa.

O cerimoniário do Sólio Pontifício, Mons. Capoferro, amigavelmente, finge não reparar na presença dos dois acompanhantes do Cardeal Motta — o seu secretário particular, Mons. Motta e eu — que ousadamente tinham penetrado em local exclusivamente reservado aos cardeais.

A um aceno do cerimoniário, todos os purpurados põem-se de pé e nós dois nos embarafustamos por detrás dos pesados reposteiros de damasco, que cobriam as janelas. O Papa vinha apontando na porta do salão, ladeado por dois camareiros secretos.

Num gesto largo de braços abertos, comprimenta os cardeais e dirige-se para junto de um pequeno altar, onde, por sua vez, recebe os paramentos e cinge a mitra.

Ia começar o majestoso cortejo, ao qual se uniriam, lá embaixo, os dois mil e quatrocentos bispos, e que, saindo pela porta Angélica, entraria na Praça de São Pedro, onde se apinhava, a essa hora, uma multidão, que tomava toda a extensão da grandiosa praça. Mons. Motta e eu íamos, sossegadamente, ladeando o nosso Cardeal Arcebispo, quando dois corpulentos *gendarmes* nos agarram pelos braços e nos obrigam a abandonar aquele recinto, aos gritos de *fuori di qua.*

Descemos aos terraços, que ficam por sobre as colunatas de Bernini, para, de lá, juntamente com numerosos membros da nobreza romana, contemplarmos o deslumbrante espetáculo, que principiava a desenrolar-se lá em baixo.

Um caudaloso rio, coalhado de mitras brancas, movia-se lentamente pelo centro da Praça de São Pedro em direção às escadarias da Basílica. Atrás, sentado na *sedia gestatoria,* levada aos ombros dos *sediários,* vinha abençoando a multidão, o Papa João XXIII, precedido pelos *monsignori,* trajados de roxo, pela guarda nobre, de calções e espadins, pelos carabineiros suíços, armados de alabardes medievais e príncipes assistentes ao sólio.

Assim que a *sedia gestatoria,* saindo dentre as colunatas, apareceu na praça, os grandes sinos do carrilhão da Basílica puseram-se a badalar compassadamente e as fanfarras e as bandas militares, a atirarem ao ar notas festivas, imprimindo ao cenário proporções de indescritível magnitude.

Ao aproximar-se da entrada da Basílica, a *sedia* é depositada no patamar das escadarias e João XXIII, baixo e gordo, entra a pé pela nave central, iluminada pela luz do dia a filtrar-se pelos vitrais de mistura com a luz dos enormes lampadários acesos sobre as cabeças dos bispos, postados nos bancos vermelhos, dispostos em degraus nas tribunas ao longo da nave.

A transpirar paz e tranquilidade, com a fisionomia risonha, João XXIII segue diretamente para o trono, armado sob o baldaquino, que encima o túmulo de São Pedro. Senta-se no trono e o Cardeal Ottaviani tira-lhe a Mitra e inicia-se a cerimônia da *obediência.* Os cardeais, um a um, vão subindo os degraus do trono, aí se ajoelham por uns instantes e logo se erguem e abraçam o Papa.

João XXIII recebe, então, das mãos do cerimoniário várias laudas de papel e principia a ler o discurso de abertura do Concílio Vaticano II. Em voz firme,

como a de um moço, traça as diretrizes a serem seguidas pelo Concílio. Era a Igreja renovada que dali sairia caracterizada, não mais pelos anátemas e condenações dos tempos passados, mas pelo amor e fraternidade a abrir largamente as portas dela ao reingresso dos filhos que, por divergências estéreis, se haviam separado.

Uma nova era, portanto, abria-se para a Igreja que iria mostrar os reais lineamentos de sua face com a remoção da poeira acumulada nos quatrocentos anos pós-tridentinos.

Terminado o discurso, saímos em busca do Cardeal Motta, que se achava no setor reservado aos cardeais, no fim da tribuna da esquerda. Com ele voltamos à residência das Irmãs do Coração de Maria — *le suore brasiliane* — como são conhecidas em Roma, situada na Piazza Vulturi, onde se hospedara.

Após vinte e cinco dias do início do Concílio, quando já se delineavam claramente as duas correntes, que se digladiaram no transcurso de todas as sessões — os progressistas e os conservadores — foi o Cardeal Motta recebido em audiência particular por João XXIII de quem obteve licença para retornar ao Brasil, antes do término dessa primeira sessão. Mons. Motta e eu acompanhamos o nosso Cardeal a essa audiência que, uma vez terminada, fomos igualmente recebidos pelo Papa.

Explicando a razão pela qual eu falava italiano, o Cardeal Motta — que se dirigia ao Papa em francês — disse-lhe que eu vivera em Roma, sete anos, cursando a Gregoriana. O Papa compreendeu que eu era professor na Gregoriana.

— Che disciplina lei insegna nella Gregoriana? — pergunta-me o Papa.

* * *

A título de prêmio, mais que por qualquer outro motivo, o Cardeal Motta convidara-me para acompanhá-

-lo a Roma, aonde iria tomar parte nessa inesquecível primeira sessão do Concílio.

Sucedendo a Dom José Gaspar, o Cardeal Motta, cuja figura esguia e magra lembra um pouco Dom Duarte, regeu, cerca de vinte anos, a Arquidiocese de São Paulo com as inconfundíveis virtudes mineiras de firmeza, prudência, fé e piedade inabaláveis. Deixou, como traços indeléveis de sua passagem por São Paulo, dois monumentos imperecíveis: a Catedral concluída e a Universidade Católica.

Em 1961, honrando a Paróquia da Consolação com sua visita, deixou escritas estas palavras que eu conservo como um Diploma de Honra:

"Guardaremos sempre a mais grata impressão da visita que fizemos, hoje, à Paróquia da Consolação; certamente uma das mais movimentadas e bem organizadas das tão numerosas e populosas da Capital paulista.

Viemos trazer a Monsenhor Bastos a solidariedade nossa, pessoal, às manifestações de respeito dos seus paroquianos da Consolação, por motivos dos quarenta anos do seu abençoado paroquiato nesta freguesia.

Ao mesmo tempo examinamos, com o maior apreço, as novas edificações com que Monsenhor Bastos está engrandecendo a sua bela Igreja Matriz e o seu presbitério; inclusive com importantes obras de assistência social cristã.

Que Deus Nosso Senhor abençoe, sempre e cada vez mais, o Bom Pastor e as boas ovelhas".

São Paulo, 14-6-1961

(Assinado) † C. Card. Motta, Arceb. Metrop.

Era a sensibilidade fidalga de um grande coração de chefe que, avaliando na devida conta os muitos anos de esforços e de lutas de um dos seus subordinados, não

lhe regateava aplausos e bênçãos, a par de sincera manifestação de amizade.

Eis por que, renunciando embora à Arquidiocese de São Paulo para esconder-se sob o manto protetor de Nª Sª Aparecida, tem a certeza de conservar intata toda a admiração agradecida de sua antiga arquidiocese e de seu clero, que sempre o prezou e soube respeitá-lo.

A MISSÃO CUMPRIDA

Cursum consummavi, fidem servavi
(Paulo a Tito, 4,7)

Após 47 anos de um labutar constante, as energias físicas iam, aos poucos, diminuindo... Restava-me, contudo, a consciência de ter generosamente realizado a espinhosa missão que a Providência me colocara sobre os ombros. No perpassar de todos esses anos, em nenhum dia sequer, vacilara na Fé, cujos fundamentos teológicos bebera em Roma, mas, tudo fizera por difundi-la amplamente por entre as várias gerações de paroquianos, que se foram sucedendo.

Mais três anos e teria celebrado as Bodas de Ouro como pároco inamovível da Consolação... Não me acenaram com essa possibilidade os que tinham poder para isso... A imensa bagagem de serviços prestados à Igreja ficara envolta nas obras do mais espesso esquecimento...

Ainda que o quisesse, uma dúvida sobrestava esse desejo: chegaria com vida até essa data? O intenso dinamismo, que imprimira à vida paroquial, não me consumiria o restante das forças?

Chegara, pois, a hora de passar para mãos mais jovens o Estandarte de Cristo, em prol do qual tantas e tão ardentes lutas travara...

E, agora, neste entardecer de horizontes polvilhados de tantas reminiscências e de tão fundas saudades, — onde, lentamente, se vão esfumando as batalhas ven-

cidas, as injustiças sofridas, as muitas horas de íntimo contentamento pelo dever cumprido — as páginas deste livro tentaram recordá-las como se fossem ecos amortecidos e que se extinguiram por entre vales, cheios de sombra e de paz, de esquecimento e de ilusões perdidas...

ÍNDICE

Pág.

PRIMEIRA PARTE

7 Minha terra, e minha gente
13 O despontar de uma vocação
18 Seminário menor de Pirapora
25 Quando a Providência se faz presente
31 A viagem para Roma
37 O colégio Pio Latino-Americano
43 A Gregoriana
48 O vendedor de maçãs
53 O Sete de Setembro em Frascati
59 São Pedro no Vaticano e a Fonte de Trevi
65 A audiência particular com Pio X
71 A crise de vocação
76 A ordenação sacerdotal e a Basílica de São João de Latrão
81 Dom Duarte Leopoldo e Silva

SEGUNDA PARTE

91 A mágoa do arcebispo
97 A capelania da fábrica Maria Zélia
103 De como eram nomeados os vigários
108 A Consolação e a minha posse
115 A origem das dívidas e o Cel. Bento José de Carvalho
121 O embaixador José Carlos de Macedo Soares e a liqüidação das dívidas da Consolação
127 A Consolação concluída e a missão por ela exercida
133 A vida religiosa na Consolação
139 O Mês de Maria na Consolação

144 O Congresso Mariano de N.ª S.ª Aparecida
150 O São Paulo Futebol Clube: origem e fundação
158 Um sonho, aviso profético; Dom José Gaspar de Afonseca e Silva
164 A Rádio Excélsior. Seu nascimento e morte, como rádio de orientação católica
169 O Evangelho por sobre os telhados
175 O fraterno auxílio cristão
183 O Cardeal Motta e o Concílio Vaticano II
189 A missão cumprida

Impresso na gráfica das Edições Paulinas, 1973

Via Raposo Tavares, km. 18,5 - 01098 São Paulo